

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

OLIVEIRA LIMA	A doutrina de Monroe	1
da Academia Brasileira		
CARLOS DE CARVÁLHO	Operações de cambio	16
MARIO DE ALENCAR	Poesias	27
da Academia Brasileira		
JOÃO KÖPKE	O ensino da leitura pelo methodo analytico	31
C. DA VEIGA LIMA	O pensamento actual	70
JOÃO FERRAZ	As estiagens e a febre ty- phoide em São Paulo	72
R. VON IHERING	Diccionarios portuguezes	76
COLLABORADORES	Resenha do mez	82

(Continua na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 5 - ANNO I

VOL. II

MAIO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — João Köpke, *N.* — Olavo Bilac em Lisbôa, *R. M.* — Homem de Mello — Bibliographia — Tribunal para menores — O ensino technico em França — Superstições irlandezas — O mestre de Padrewsky. — **As caricaturas do mez** (quatro caricaturas reproduzidas). — **Retratos:** João Köpke e Olavo Bilac, por *Wasth Rodrigues*; Homem de Mello.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SECÇÃO DE "O ESTADO DE S. PAULO,"



**Rua 25 de Março, 145 =
TELEPHONE, 725 = S. PAULO**

FOLHETOS
REVISTAS =
= JORNAES
APPELLAÇOES
IMPRESSOS
EM GERAL

Para preços e informações dirijam-se a
BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4
TELEPHONE, 745 **SÃO PAULO**

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — João Köpke, N. — Olavo Bilac em Lisbôa, *R. M.* — Homem de Mello — Bibliographia — Tribunal para menores — O ensino technico em França — Superstições irlandezas — O mestre de Padewskv. — **As caricaturas do mez** (quatro caricaturas repro-

d

l

ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

LAMPADAS

1/2 WATT

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcçao de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

Auto-Geral

CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS ::

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17
S. PAULO

GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes à porta, vizinho ao Theatro Municipal e à cidade. O hotel é dirigido pelo próprio proprietário e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortável, um dos mais bellos edifícios da cidade, com elevador, estando mobiliado com muito gosto e luxo. Diárias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **8\$000 réis.** A's famílias, fazem-se grandes abatimentos.

A cozinha é dirigida por um reputado profissional

PROPRIETARIO:

F. KOSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SAO PAULO

Endereço Telegraphico: (HOTELPAZ)

oooooooooooooooooooo

Fabrica de Moveis
Especiaes de - - -

João M. Llaverias

◆ ◆ ◆

SÃO PAULO

Telephone N. 16-23

Rua Barão de
Itapetininga N. 58

oooooooooooooooooooo

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Emprestimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

SÃO PAULO

■■■ Agencia
de Bilhetes
de Loteria
TELEPHONE N. 4590

A PREFERIDA

Lopes & Fernandes

Rua 15 de Novembro N. 50

SÃO PAULO

ALFAIATARIA

CASA ESPECIAL EM ROUPAS SOB MEDIDA
IMPORTAÇÃO DIRECTA de Fazendas Estrangeiras

Salvador Maglano

RUA BOA VISTA N. 23 - Sobr.
(Em frente ao HOTEL BELLA VISTA)

SÃO PAULO

Molho Aromatico Brasileiro

O melhor estimulante da digestão. Aroma delicioso e sabor agradabilissimo! Indispensável ás pessoas de bom paladar.

Preparado por **J. Thomaz de Aquino**
REZENDE - Estado do RIO

Preço por duzia: 18\$000 (comum) 20\$000 (especial)

Depositarios:

S. Paulo: - I. DIEGO & Co. - Av. Rangel Pestana, 6
Rio: TEIXEIRA BORGES & C. - R. do Rosario, 110 e 112

Alfaiataria Guarany

Manufactura especial de rou-
pas para homens e meninos

Carlos Camara

Importação directa de Cazemiras Inglezas e Francezas

SEMINARIO N. RUA DO 17 :: São Paulo

Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de igualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.
Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE .

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escriptorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

ATELIER PHOTOGRAPHICO
DE

Valerio Vieira

RUA 15 DE NOVEMBRO, 43 :: SÃO PAULO

Premiado nas exposições, concurso photographico do Rio, 1900, Medalha de Ouro, Turim, 1911, Grande Premio, Rio, 1908, Grande Premio S. Luiz, 1904, Medalha de Ouro.

TELEPHONE, 2141

SERRARIA FORSTER

José H. Forster

Deposito de Madeiras Extrangeiras e Nacionaes
Desdobram-se Toros

Apromptam-se quaequer encommendas com urgencia

Alameda dos Andradas, 30 :: SÃO PAULO

CASA SANTOS

DEPOSITO DE VIDROS PARA VIDRAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos,
Molduras, Papeis pintados, Oleographias, etc.

Encarrega-se da collocação de vidros tanto na Capital como no interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

Brasileira,

Ypiranga,

Paulista,

Colombo,

Bicho, Pequenas

e demais productos da

“Companhia Luz

Stearica”

DO RIO DE JANEIRO

R. Libero Badaró

. 52

(1.o Andar)

■ ■

TELEPHONE

N. 3558

■ ■

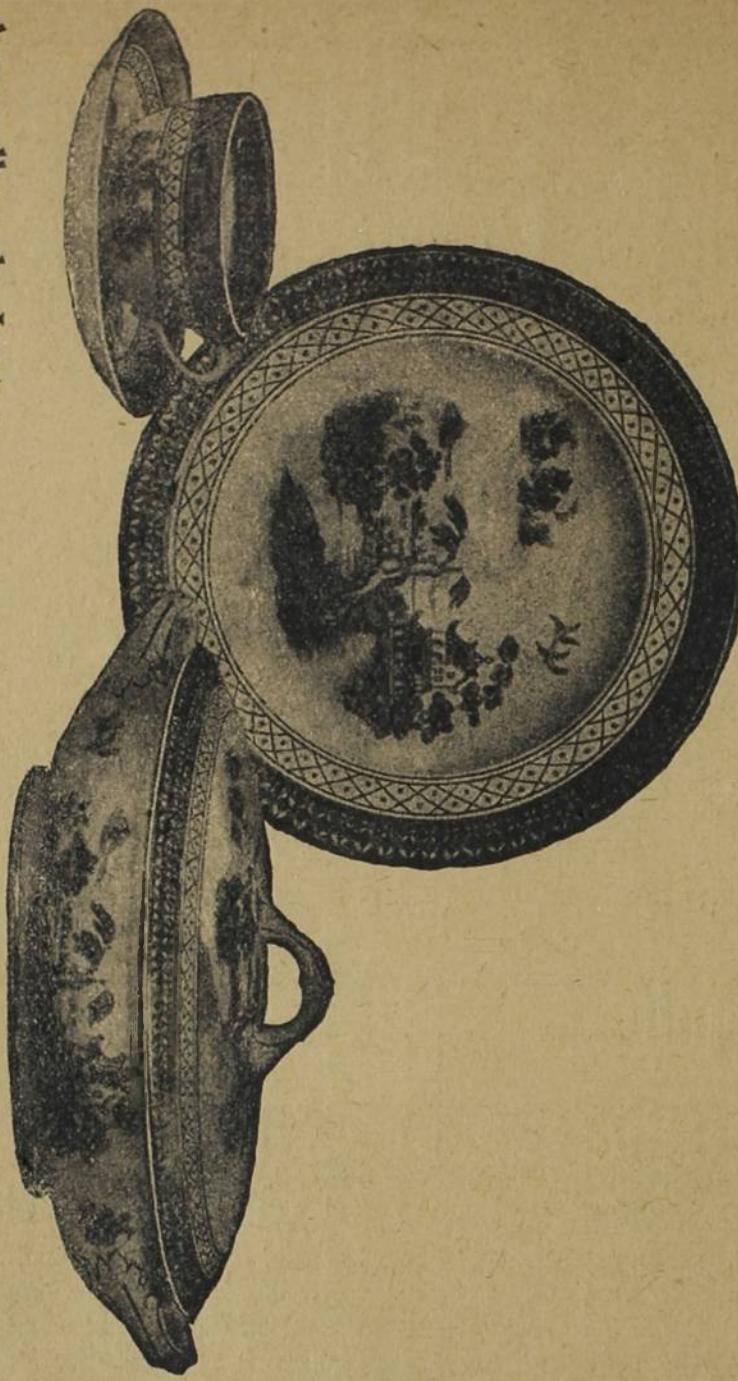
São Paulo

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{ia}

Rua de S. Bento, 89 e 91



Apparelhos de Jantar

VENDEMOS PEGAS AVULSAS

CASA PAULISTA

Vende-se em prestações
Moveis, Fazendas, Rou-
pas brancas, Tapeçaria,
Roupas Feitas, etc. etc.

DE

MOYES CANDELHMAN

Largo do Paysandú

141, RUA S. JOÃO, 141

TELEPHONE, 3046 - Centro

SÃO PAULO

CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros - oleographias
Espelhos e papeis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B
SÃO PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^a ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,

Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

Massucci Reprocco Niccoli

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMAS PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52
FÁBRICA · Rua dos Alpes 79 · S. PAULO



Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "D MAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

Alfaiataria Rocco - Novidades em casemira ingleza
IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

EMILIO ROCCO

RUA AMARAL GURGEL, 20
Esquina da Rua Santa Izabel

TELEPHONE N. 5151
SÃO PAULO

A DOUTRINA DE MONROE

(Conferencia feita no banquete da Camara de Commercio de Fall River, perante os Clubs de Historia e de Economia Politica da Universidade de Harvard e perante o Polity Club da Universidade de Princeton)

Todos aquellos a quem se depara a boa fortuna de uma visita a este paiz de magnificas paizagens e de intensa vida politica que se chama os Estados Unidos da America, têm que vêr o Niagara e que dar sua opinião sobre a doutrina de Monroe.

Vivi entre vós quatro annos exercendo um cargo diplomatico, e desde então aqui tenho vindo duas vezes, a primeira como conferente e a segunda como professor. Sinto dizer que apenas me foi dado admirar uma vez o Niagara; tenho porém tido que dizer muita vez o que penso da doutrina de Monroe. Comquanto não seja cégo partidario da coherencia, isto é, considere a incoherencia inseparavel da natureza humana e n'alguns casos prova até de intelligencia, posso accrescentar que a minha idéa do assumpto não tem variado sensivelmente em vinte annos.

Sinto que esta idéa não seja precisamente a do Secretario d'Estado Lansing, o qual bem recentemente, na abertura do Congresso Scientifico Pan-Americanico, tratou a doutrina de Monroe de politica *nacional* dos Estados Unidos, o pan-americanismo sendo uma politica internacional das Americas. Palavras são estas tendentes a fortalecer justamente a feição da doutrina contra que se levantam objecções e que é o seu caracter egoista.

O meu fallecido chefe em Washington, Dr. Salvador de Mendonça, no seu discurso de despedida ao Presidente McKinley, exprimiu a esperança que o dia breve chegaria em que as

responsabilidades e deveres de manter a independencia e a integridade do Novo Mundo pertenceriam a todas as nações que o compõem. "Um por todos, todos por um" como pretende o Secretario d'Estado Lansing, só é possivel quando um se não sobrepõe a todos.

Eu proprio acredito na doutrina de Monroe e até a considero possivel de futuro como um principio reconhecido, uma vez que deixe de constituir uma doutrina exclusivamente dos Estados Unidos, applicada por este paiz, juiz unico da sua oportunidade, em nome de todos os outros paizes americanos, para ampliar-se sob a fórmula de uma doutrina continental, envolvendo o ensejo eventual de uma politica commun, proposta por uma das nações americanas e seguida pelas outras em caso de acordo.

Como realizar este acordo, é a tarefa constructora dos talentos combinados dos homens d'Estado desta parte do mundo. Eu apenas me afoito a dizer que este será o unico aspecto sob o qual a famosa doutrina logrará sobreviver ao seu fado, passando a ser o resultado de uma resolução geral. Mas será isto ainda a doutrina de Monroe?

A doutrina de Monroe foi uma formula de protecção sob a capa de uma promessa de auxilio, e de protecção tem ella continuado a ser até agora. Nestas condições não poderia ter achado lugar por annuencia geral no direito internacional, quer o consideremos um codigo obrigatorio ou simplesmente uma reunião de principios admittidos. O facto é que o Continente da America, em vez de pertencer em plena soberania a cada uma das suas partes, foi d'aquelle modo convertido num apanagio dos Estados Unidos, primeiro diplomatico e depois tendendo a tornar-se economico. As antigas metropoles, Hespanha e Portugal, tiveram que transferir seus direitos e privilegios á nova metropole do Novo Mundo, não menos ciumenta do que ellas.

A melhor prova de que as responsabilidades e vantagens da doutrina de Monroe nunca foram iguaes para todos os parceiros, quer dizer, nunca foram identicas para todo o continente, jaz na circunstancia de terem os Estados Unidos reservado para si o direito de escolher a occasião ou o pretexto da sua applicação de acordo com os seus proprios interesses. As outras republicas, caso appellassem para os Estados Unidos,

nunca poderiam ter a certeza de que o seu appello seria correspondido.

O governo americano não possue obrigações positivas para com os outros governos do continente. Seus compromissos são puramente moraes: elle é juiz unico das suas intervenções. Não admira que a doutrina fosse considerada suspeita pelos outros paizes sobre que se extendia, que estes a tenham na conta de uma tutela compulsoria que os ameaça. Si dotarmos contudo a doutrina d'aquillo que eu chamei uma feição continental, descobriremos que todo seu aspecto immediatamente se altera, passando a ser tão sómente o direito inherente a cada nação de defender sua independencia e garantir sua integridade, associando-se para isto com outras, si outras ha que pensam do mesmo modo. A doutrina de Monroe apparece-nos a esta luz como o alicerce mesmo do direito internacional.

Como não passo de um diplomata aposentado após um quarto de seculo de serviço no estrangeiro — vinte e cinco annos teriam um som de mocidade, um quarto de seculo já traz a idéa de velhice — e que ocasionalmente se atreve a ser um professor, posso bem permanecer fiel á minha idéa e, falando por minha conta e risco, prevêr que, si continuar a ser uma politica nacional dos Estados Unidos, está a doutrina de Monroe destinada a um fracasso. Como politica nacional passou o seu tempo e não mais volverá — pelo menos no que diz respeito aos mais importantes paizes da America do Sul.

Allianças politicas podem vir a formar-se com o proposito de offerecer a raças conquistadoras uma solida barreira, mas não se chegarão a formar com o proposito de estabelecer a supremacia de uma nação, por mais forte e rica que ella seja, sobre um continente inteiro, sem com isto alterar-se sequer a natureza da doutrina como fonte de justiça internacional.

Devemos estar álera á circunstancia que a doutrina de Monroe pretende haver derivado vida nova da maior das guerras européas, deste terrivel, criminoso, insensato e estupido conflicto que está dilacerando o Velho Mundo e destruindo a civilisação, a delle e a nossa tambem, pois parecemos todos a caminho de adorar a Força em vez do Direito. As denominadas aspirações da Alemanha a uma hegemonia universal emprestaram certamente á doutrina uma viva actualidade e per-

mittiram-lhe tratar de extender sua influencia, bem como de ampliar sua significação.

Os Estados Unidos desejam presentemente ver suas republicas irmans — as irmans podem ser de cores diferentes, si os pais forem de raças diversas — amalgamadas e dispostas a contrariar as ambições européas, o que quer dizer neste caso a supremacia alleman. A vez do Japão virá depois. O preparo militar é aliás o topico do dia desde a bahia de Hudson até o estreito de Magalhães, mas ha uns tantos individuos lá para nossas bandas, despidos de reverencias senão de criterio, que pensam que a defesa da America Latina deverá exercer-se contra a Amrica Saxonica, aquella que lord Bryce ha bem poucos annos chamava sem malicia, antes com louvor e por sympathia, America Teutonica.

Esta doutrina antagonica não tem nome por enquanto, mas ha de ser baptizada qualquer dia.

Eu suggeriria o nome de um amigo meu que ultimamente me dizia quão gratos devíamos nós, americanos do Sul, ser ao Mexico pela sua resistencia a ser engolido. Esses dez milhões de indios provaram ser tão rebarbativos ao paladar, na opinião daquelle amigo, que não ha appetite que perdure depois de tal prova.

No Brasil, que é a minha terra, as suspeitas contra os Estados Unidos não são tão evidentes. Tem-se geralmente confiança neste paiz, e a doutrina de Monroe não encerra para muitos um sentido ameaçador. A America Hespanhola, porém, não manifesta por via de regra uma inclinação parecida a uma confiança illimitada. A guerra cubana, originada numa injustiça feita á Hespanha e rematada pela annexação de Porto Rico, e o negocio do Panamá, que o sr. Roosevelt poderá explicar melhor do que eu, augmentaram suas apprehensões, o resultado sendo que os que entre nós levam as cousas ao extremo ajuizaram do imperialismo americano com a mesma imparcialidade com que julgam o imperialismo europeu.

Ambos aparecem a esses pensadores como dotados da mesma natureza, e a situação geographic commum, que se verifica no caso das duas Americas, não torna a pilula mais facil de engulir: é o seu gosto amargo e não o adocicado do envolucro que prevalece.

Prevê-se a tutela como consequencia fatal de qualquer alliance ou acordo do mais forte com o mais fraco, e contra a tutela o sentimento da America Latina é naturalmente um só. Nossas nações desejam manter sua completa independencia até para fazer o que não é direito, prova esta cabal de liberdade. A virtude compulsoria é uma causa desagradavel, e o peccado tambem tem sua seduçao. Vós puritanos, o não direis porventura, mas é mistér não esquecer que somos latinos, ou, o que peor é ainda, latino-americanos. Nossos paizes só têm por assim dizer prejudicado a si proprios, mui raramente a outros, com excepção talvez da exempçao a que alguns se acreditaram com jus em virtude da doutrina de Drago. Esta doutrina argentina prohíbe, como sabeis, o emprego de força militar por uma nação afim de obrigar outra nação ao pagamento de suas dividas.

Eu não desejo obrigar-vos a um curso de historia, em seguida ao que fiz aos estudantes de Harvard, mas não tenho remedio senão ir buscar algumas poucas informações sobre o nosso assumpto — assumpto de crescente interesse, porque ha evoluido de acordo com este vosso paiz — á sciencia denominada mestra da vida. Esta sciencia ensina-nos que a doutrina de Monroe tem realmente sido uma “politica nacional” dos Estados Unidos, pois que de facto jámais existiu para o resto da America.

A luta da America Hespanhola pela sua independencia durou 15 annos, de 1810 a 1825, sem qualquer ajuda por parte do governo de Washington, fosse esta embora sob a forma de palavras de animação; a cidade de Buenos Aires foi coagida por navios de guerra ingleses e francezes em 1842 e a ilha de Martin Garcia, no estuario do Prata, temporariamente occupada por marinheiros francezes, da mesma forma que as ilhas Malvinas tinham sido permanentemente occupadas por soldados ingleses; as aguas territoriaes do Brasil foram repetidas vezes violadas pelos cruzadores britannicos á caça de navios negreiros; Valparaiso foi bombardeada em 1866 por uma frota hespanhola que já tinha estado em operações contra o Perú; Maracaibo e Puerto Cabello foram em tempos recentes atacados por canhoneiras européas em virtude de mesquinhias questões de dinheiro — tudo isso sem uma qualquer opposição dos Estados Unidos, cujos interesses se não achavam ahi em jogo. Que foi

teito da defesa promettida contra as aggressões européas? Os golpes não se sentiram menos pelo facto de não serem dirigidos contra os Estados Unidos.

Em 1895 o Almirantado britannico occupou como *res nullius* a ilha da Trindade, que fica a algumas centenas de milhas da costa brasileira e alli arvorou o pavilhão inglez. O proposito era utilisal-a como estação do cabo submarino. A ilha é apenas habitada por immensos caranguejos, aos quaes escasseavam entretanto os meios de provar sua nacionlidade brasileira. O Brasil, como era natural, sobresaltou-se com o acto. Os Estados Unidos consideraram imprudente intervir em nosso favor. Coube ao Rei de Portugal, o pobre Dom Carlos, mais tarde tão covardemente assassinado, declarar como o melhor representante dos antigos dominadores do Brasil, que a ilha em questão tinha tido no seculo XVIII uma guarnição portugueza. As ruinas da fortaleza provavam que os soldados portuguezes se tinham regalado com alguns dos antepassados dos immensos caranguejos.

Lord Salisbury de bôa vontade acreditou em tal e cedeu, resultando o incidente n'uma satisfacção moral para nós, pois que a Trindade continua a ser deserta e continuam os caranguejos a não ser incommodados.

O protesto do Presidente Cleveland contra a Inglaterra, em pról de Venezuela, constitue um exemplo quasi unico de protecção dispensada á America do Sul, mas foi seguido de perda de territorio venezuelano sancionada pela corte arbitral de Paris, reunida sob os auspicios dos Estados Unidos depois que o Secretario d'Estado Olney declarou que a vontade destes era o *fiat* no Novo Mundo.

O Brasil tambem perdeu em favor da Guyana territorio indisputavelmente seu e do qual o Rei da Italia dispoz como arbitro, assim satisfazendo seu espirito de transigencia. Si o Conselho Federal Suisso em outro caso de arbitramento entre o Brasil e a França, tivesse agido do mesmo modo em extremo conciliador, a França haveria ganhado um reino ao norte do Amazonas em prejuizo do Brasil, uma cousa que teria redundado afinal na negação da doutrina de Monroe.

A declaração de intervenção no Mexico, pouco antes da execução do Imperador Maximiliano, não teve lugar para defender o Mexico; nem mesmo para humilhar a França, pois

que esta em 1867 já havia retirado suas tropas e o Mexico teria sido muito mais feliz sob um principe esclarecido como era o archiduque austriaco, do que sob os seus caudilhos indios, Juarez e Diaz, tyrannos taciturnos e sanguinarios, tão barbaros quanto os aztecas que praticavam sacrificios humanos. O exemplo do Brasil é inteiramente convincente. Paiz modelo pela sua honestidade sob os seus imperadores, nenhum era mais democratico entre as republicas hispano-americanas do tempo.

Eu não censuro por certo os Estados Unidos pela attitude do seu Secretario d'Estado Seward nos negocios do Mexico; agiu elle de accordo com o melhor dos interesses da União. Um forte, ordeiro e prospero imperio latino — prospero por si proprio, não como resultado da exploração estrangeira — colocado na vossa fronteira meridional e tal como Napoleão III o imaginára para impedir a expansão dos Estados Unidos da America para o Mar das Antilhas e paizes, teria constituido um real obstaculo á vossa grandeza e poderio, as coisas expressamente para cuja animação a doutrina de Monroe foi uma vez formulada e successivamente desenvolvida.

Diz-se que a doutrina foi igualmente “concebida em suspeição das instituições monarchicas e em plena sympathia com a idéa republicana”, por outra para manter a integridade republicana do duplo continente, mas a isto eu opponho: 1.º que os Estados Unidos não possuiram melhor amigo na America do que o Brasil, que foi uma monarchia desde 1822 até 1889; 2.º que se não podem razoavelmente denominar republicas os governos demagogicos, despoticos e grotescos que então existiam em muitos dos paizes hispano-americanos.

A substancia exacta da doutrina de Monroe era afastar idéas de recolonização e designios de conquista por parte de nações européas com relação á America Latina, mas mesmo assim o resultado sempre foi vantajoso para os Estados Unidos. Cuba e Porto Rico, as ultimas colonias hespanholas do Novo Mundo, foram mais ciosamente guardadas pelo governo de Washington do que pelo governo de Madrid contra todos os planos estrangeiros de annexação. A Hespanha poude ostentar essas joias quasi durante um seculo mais, quando chegou o ensejo para a transferencia... Porto Rico é hoje uma possessão pura e simples dos Estados Unidos e Cuba é, ao que asseveraram alguns, um paiz livre, mas cuja liberdade envolve ao meu

ver algumas restricções. O meu eminente amigo professor Hart considera-a um Estado semi-independente ou protegido. Este é justamente o fado que outras nações da America temem para si, e não podeis censural-as pelo seu nervosismo.

O professor Hart tem inquestionavelmente razão quando affirma que nações como Cuba ou Panamá não gosam de uma completa soberania. Para sir Thomas Barclay, aliás, que contribuiu para a Encyclopedia Britannica com o artigo entre outros sobre Estado, a doutrina de Monroe produz uma diminuição da soberania de todas as nações americanas, excepção feita dos Estados Unidos, para os quaes envolve um direito á suzerania. O conhecido internacionalista inglez escreve textualmente que a doutrina de Monroe põe restricções no poder dos outros paizes americanos de celebrarem tratados com a Europa. Felizmente para elles, que esses paizes nunca reconheceram formalmente a doutrina em questão.

Nunca pretendi falar senão por conta propria, nem aspiro a dar minha opinião como sendo a dos meus compatriotas, mas agradou-me certamente o deparar nos ultimos jornaes recebidos do Brasil com um artigo sobre este assumpto, escrito por um dos nossos melhores pensadores e philosophos, o sr. Alberto Torres, juiz aposentado da Corte Suprema. Agradou-me sobretudo por ver que suas vistas concordam com as minhas. O juiz Torres escreveu o seu artigo após ler o cabogramma publicado por toda a imprensa de todas as Americas sobre a discriminação estabelecida pelo Secretario d'Estado Lansing entre a doutrina de Monroe e o pan-americanismo.

Escreve o meu patrício que de facto o pan-americanismo não passa de uma creação imaginaria, do producto da fantasia applicada á politica, pois que não corresponde a qualquer identidade ou sequer analogia geographica, racial ou social, nem traduz uma união necessaria ou util. Provem esse sentimento de uma semelhança de aspirações e fins, ou antes de uma sugestão litteraria commun no momento da independencia da America colonial, mas agora reflecte, nas expressões do sr. Torres, "a excessiva dilatação de uma força de expansão attingindo a forma fluida de um sonho de absorpção continental".

O pan-americanismo não pode porém ser mais considerado como um devaneio romantico, desde o momento em que assumiu um caracter pratico. Quanto á doutrina de Monroe, sem-

pre revestiu tal caracter e, além disso, deriva da tendencia imperialistica dos Estados Unidos, como potencia mundial, a importancia de um titulo de dominio sobre a totalidade da America. Os paizes que formam esta parte do mundo, enfeixados pelo pan-americanismo, permanecem deste modo sujeitos á vossa *politica nacional*: tal é a conclusão do artigo que citei, cujo auctor brasileiro me era outro dia mencionado por um graduado de Harvard como um dos maiores espiritos de que elle tinha conhecimento.

Um plano recente para fazer a America Latina aprovar a diminuição de soberania de uma sua secção presumo que não operará com exito. A ultima intervenção no Mexico afastou-se dos precedentes. Os Estados Unidos foram diplomaticamente representados pelo *A B C*, o qual não penso que haja ganho cousa alguma com isso, nem mesmo a gratidão do Mexico, pois que a tendencia entre as nações é antes de resentirem-se de qualquer interferencia com seus negocios domesticos. O *A B C* ajudou a substituir o dictador Huerta pelo dictador Carranza: melhorou a situação realmente com isso? E' verdade que ha peores do que esses dous, esperando sua vez ou tentando sua fortuna, mas o melhor meio de leval-os ao poder é justamente o querer repellir os pela acção estrangeira. Elles algum dia hão de vencer, ou então tereis vós que fazer a conquista apezar dos vossos compromissos, si é que são sinceros taes compromissos, pois que a sinceridade não faz bôa liga com a politica.

Li ha pouco tempo, em artigo de fundo de um dos melhores diarios do Massachusetts, que a annexação de Santo Domingo não deveria ter lugar sem o pleno consentimento e *cooperação* das republicas latino-americanas; de outro modo a Europa invocaria o precedente estabelecido pelos Estados Unidos, cujo proceder estaria assim longe de ser limpo de responsabilidades como seria para desejar. Eis um caso em que a cooperação — palavra de que hoje se abusa bastante — tomaria caminho de todo diverso daquelle que todos desejariamos vel-a trilhar. Cooperação afim de sancionar annexações é peor, estou certo, do que uma conquista emprehendida por uma só potencia. E' simplesmente espalhar e repartir por varios as responsabilidades de um acto considerado tão injustificavel na sua essencia, que se procuram parceiros para abonar sua honestidade.

O mesmo jornal recordou que ha 95 annos, em 1820, um grande proprietario rural argentino, discutindo assumptos de politica externa com um dos representantes dos Estados Unidos, dissera que a America do Sul nunca depositaria inteira confiança na amizade de uma nação possuidora de colonias. Uma potencia colonial é sempre uma potencia conquistadora: Roma e a Grā-Bretanha, a Hespanha e a Allemanha parecem-se extraordinariamente neste ponto, e os Estados Unidos tornaram-se uma das taes potencias. Por isso vivem estes sob a apprehensão de choques internacionaes.

A peor feição da doutrina de Monroe é ser em demasia elastica: dahi talvez provenha tambem sua melhor recommendação. Estica a um ponto inacreditavel e apraz-lhe apparecer sob variados disfarces de forma a servir as conveniencias de toda a gente. Julgam-na alguns uma theoria de protectorado e dão para isto suas razões; outros a consideram uma politica abandonada, uma cousa do passado, o enredo de uma velha peça, como um drama romantico fóra de moda, e tambem dão para isto os seus motivos.

Ambos os lados têm razão, e ainda devemos contar aquelles que hoje attribuem um sentido differente do primitivo a uma doutrina que peccava pela clareza quando foi primeiro formulada, num momento devéras opportuno, que chegou então a parecer franca demais, mas no decorrer de um seculo perdeu sua limpidez para apresentar um aspecto turvo. Será porque se diz em portuguez e tambem em francez — pescar em aguas turvas? O peixe é abundante e bom, mas não é isto razão bastante para que se consinta a qualquer turvar as aguas com um cacetão, o que apenas serve para assustar o peixe e fazel-o fugir, não obstante a isca do pan-americanismo.

O pan-americanismo, na verdade, não traduz uma realidade. Não existe uma communidade de raça, nem de lingua, nem de religião, nem de tradição entre a America Saxonica — chamal-a-hei, como Bryce, Teutonica? — e a America Latina. A situação geographicada nada significa com distancias como as que separam a America do Norte da do Sul, tendo para mais o canal do Panamá destruido a ligação entre os dous continentes. Nós, contudo, possuimos, senão tradições, pelo menos certos sentimentos communs, e taes sentimentos podem agir de acordo em casos especiaes e determinar excellentes resulta-

dos. Assim bem pode o pan-americanismo continuar a representar o ideal de uma união, para aquelles que acreditam nella ou então que querem que os outros acreditem. Todos estes *ismos* são chamarizes de grande effeito, e nem é preciso infelizmente mais do que chamarizes para levar os homens a praticarem os feitos mais heroicos ou mais abjectos. Elles actuam sobre a natureza humana com força igual á de um peso concreto e solido.

Si ajuntarmos um real interesse reciproco á suggestão da quella relação abstracta e symbolica, esta é capaz de adquirir um grande vigor, nada mais sendo preciso para o seu triumpho. Para que estabelecer uma ligação compulsoria quando uma amisade espontanea, ou calculada que seja, corresponde ao fito e permitte conservar uma liberdade de pensamentos e acções tal como mal se poderia manter com uma attitude constrangida? Não deveis esquecer que a doutrina de Monroe pode ser a doutrina americana ou até a panacéa universal que alguns querem nella enxergar, mas que não serve de fundamento a um pacto voluntario. Ora, a vontade é tudo em casos taes. Sabeis perfeitamente que ha cães que preferem ser escanzelados e andar esfomeados á solta, a serem nedios e luzidos, presos por uina colleira.

Eu comprehendo perfeitamente o desejo dos Estados Unidos de converterem a doutrina de Monroe num principio de direito internacional — de direito internacional americano, senão do europeu. Esta divisão do direito das gentes em duas secções, tão surprehendente para os que apenas o entendem de uma maneira, foi na verdade uma maravilha de previsão, particularmente depois que o direito das gentes na Europa entrou a praticar travessuras taes que é preciso estar a cada momento a admoestal-o, sem que elle aliás se incommode com isto. Com tudo o reconhecimento da Europa é dispensavel ou pôde sel-o em tempos agitados como estes nossos, em que a proposito de tudo se supprimem garantias e avisos, mas o reconhecimento da America constitue uma formalidade necessaria para converter n'um principio obrigatorio aquillo que lord Salisbury uma vez definiu como uma “norma politica”.

Tal norma exige pelo menos a approvação das outras nações, ás quaes tem que ser applicada antes de tornar-se um acordo internacional. Sem semelhante approvação, continuando entretanto a insistir pela adopção da norma em questão,

este paiz estaria simplesmente assumindo a tarefa de legislar sósinho para o mundo, quando de facto estaria simplesmente trabalhando para seu proprio e exclusivo interesse.

Intervenção sempre implica protecção, mesmo quando tem lugar em oposição a designios de terceiro, e nossa gente, com razão ou sem ella, vê na intervenção meio caminho andado para a annexação. Estarão os paizes latino-americanos fazendo injustiça aos Estados Unidos ao manifestarem esses receios? Si proseguirdes annexando ilhas no Mar das Antilhas e tomando posse de zonas de canal como nestes ultimos vinte annos, como deixar de attingir a terra firme na costa Septentriонаl do continente Sul? O resto seguir-se-ia em devido tempo.

Motivos de anarchia domestica podem ser invocados mais ou menos iguaes; razões de defesa estrategica são inteiramente iguaes. O canal alli está a pedir protecção para funcionar, sempre que o permittirem os desabamentos de terras. Graças a elle e segundo o sr. Richard Olney, que é um grande juris-consulto e um homem d'Estado de não menor valor, os Estados Unidos não são mais uma potencia simplesmente norte-americana: tornaram-se tambem uma potencia sul-americana, digamos uma verdadeira potencia americana. Desappareceu o isthmo, mas vós déstes um salto para a outra banda e viestes tomar assento entre nós, á cabeceira da mesa. Não será algum dia preciso a cooperação latino-americana para deter tamanha força de expansão ou, n'outro sentido, para honrar um conviva assim intromettido?

A cooperação tem a grande vantagem de reunir forças de differente valia num mesmo nível, e as pequenas nações da America, que não seriam de outro modo capazes, pelos seus unicos esforços, de offerecer uma resistencia idonea, depararão assim com a protecção devida á sua propria existencia. Não ha razão para que tal cooperação não seja eventualmente reclamada pelos Estados Unidos e convenientemente correspondida pelas outras nações da America.

As pequenas nações do Novo Mundo aspiram simplesmente ao mesmo tratamento que é considerado justo e honesto quando se trata das pequenas nações européas: elles são as Belgicas, e os Montenegros, e as Servias do nosso continente, si bem que sem o progresso politico da primeira, o pittoresco historico do segundo e as tragicas recordações da terceira, por-

quanto si têm sido assassinados dictadores na America Latina, suas esposas têm sido poupadadas. Nenhuma jamais soffreu o triste fado da rainha Draga e da esposa do archiduque Franz Ferdinand.

Quanto a mim, pertenço ao maior dos paizes da America do Sul, paiz tão vasto quanto os Estados Unidos e o mais populoso da America Latina: por isso se não pode dizer que falo precisamente *pro domo mea*. Para engulir territorio tão imenso seria mistér um daquelles animaes fantasticos das lendas, um dragão com a bocca tão grande quanto a do Mississippe ou a do Amazonas, e a digestão a seguir-se seria das mais penosas. A presa haveria que ser dilacerada e abocanhada tambem por outros dragões, o que poria cobro á doutrina de Monroe. Estou falando com um bom e velho amigo deste paiz, onde se têm passado alguns dos melhores annos da minha vida e ao qual sou devedor de grandes attenções e cortezias.

Não é preciso que estejaes a cada momento invocando a tal doutrina com uma insistencia de enervar, ou mesmo de irritar pelo que implica de tutela de uma irmandade composta de algumas respeitaveis senhoras e de outras tantas raparigas, eventualmente um tanto estouvadas, mas todas ellas com mais compostura e melhores maneiras do que estão demonstrando ter suas avós européas. A cooperação — esta é a occasião propria de usar da palavra da moda na linguagem politica — ha de parecer-vos tão facil e muito mais fecunda sem esse appello de cada dia, de cada minuto, que nos faz algumas vezes desejar que Monroe e John Guincy Adams nunca houvessem existido.

Quantos aliás, mesmo neste paiz, sabem precisamente o que significa a doutrina, o que foi que Monroe escreveu a respeito? O que todos sabem é que se trata de uma cousa equivalente a — America para nós. O *nós* deve porém abranger todo o grupo de povos e nações da America. Um estadista argentino, o falecido Saenz Peña, que morreu quando presidente do seu paiz, disse um dia — foi na sessão de encerramento da conferencia de 1889-1890, onde Blaine formulou sua “politica nacional” de pan-americanismo — que a America não devia ser só para os americanos, mas para a humanidade inteira. E' este um programma muito mais nobre e de mais larga inspiração, ao mesmo tempo muito mais simples e mais pratico. Nossas terras es-

tão francas a quem quer que queira trabalhar nellas e por ellas, assim como devem ser hostis a todo aquelle que pretender dominar-as. Ora, para uma melhor, mais effectiva e mais efficiente defesa da sua independencia e integridade, devem ellias começar por possuir uma consciencia plena da sua soberania, a qual cessa de existir desde o momento em que se lhe puzerem restricções.

As nações devem ter a liberdade de associar-se quando, como e com quem preferirem ou acharem mais conveniente, ou então de permanecer num *isolamento* mais ou menos *esplendido*. Os Estados Unidos responderam ha pouco á Suecia, que lhes pedia a cooperação afim de convocar-se uma conferencia de neutros tão necessaria para a paz do mundo, que sua tradição é de agir á parte, por si proprios. Outros paizes podem pensar e desejar agir do mesmo modo: porque constituirá a doutrina de Monroe um obstaculo a um proceder independente da parte dos paizes latino-americanos?

Vossos diplomatas na America Latina referem-se raramente á doutrina, sabendo quão pouco isto agradaria. Esta eliminação, por mal cabido, de um thema rhetorico proprio para o consumo domestico, dá-se com grandissimo proveito, senão da "politica nacional", pelo menos dos interesses nacionaes do seu paiz. Os que aqui citam, em cada discurso e em cada artigo, Monroe e sua mensagem do fructo prohibido, não avaliam quanto embaraçam os esforços, tendentes a uma sã e solida intelligencia entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas, de homens como o embaixador Morgan, que no Brasil trabalha para tornar o nome dos Estados Unidos não só respeitado como querido.

Outros tendes como elle, especialmente porque faz parte da vossa bôa fortuna não possuirdes por enquanto uma casta diplomatica. Vossos representantes são homens em contacto com as actividades legitimas do paiz, homens que como professores, jornalistas, manufactureiros, commerciantes, etc., pertencem ás classes vivas, ás classes que representam os fundamentos progressivos de uma communidade. Não as compõem frivulos observadores e impertinentes criticos de feitos mundanos, e por isso comprehende tão bem essa gente que quanto menos se falar na doutrina de Monroe, tanto mais se consegui-

rá promover o que no seu ultimo desenvolvimento pretende ella ser ou de facto deverá ser — uma solidariedade de esforços entre sociedades oriundas de berços diferentes, mas com ideaes communs de equidade, de progresso e de cultura humana.

Boston, 1916.

OLIVEIRA LIMA.

OPERAÇÕES DE CAMBIO

II

As letras sacadas sobre praças extrangeiras são o instrumento principal do cambio, — ellas substituem a moeda na regularisação dos saldos internacionaes. As fórmas mais simples das transacções de cambio são estas:

O credor de uma praça extrangeira procura quem lhe queira comprar o credito representado por uma letra de seu saque sobre aquella praça. O devedor de uma praça extrangeira procura quem lhe queira vender uma letra sacada sobre aquella praça. O comprador e o vendedor de letras de cambio realisam o seu negocio por intermedio dos bancos, os quaes, de ordinario, remettem aos seus correspondentes as letras que compram, afim de lhes serem creditadas em conta corrente, e sobre o saldo desta conta sacam por sua vez letras que vendem aos que devem ás praças do exterior. As letras de cambio estão sujeitas, portanto, á lei da offerta e da procura, como qualquer outra mercadoria. Si a offerta é maior do que a procura — a moeda extrangeira, em que taes letras hão de ser pagas, baixa de preço. Si a procura excede a offerta — a moeda extrangeira sobe de preço. Daqui a alta e a baixa do cambio — as fluctuações das taxas que marcam o preço de conversão da moeda extrangeira em moeda nacional e vice-versa. Nos paizes em que não ha circulação perfeita, representada pelo ouro, como acontece no Brasil, os bancos, intermediarios nas operações de cambio, fixam o preço das letras sem nenhum obstaculo, tendo em vista apenas a offerta e a procura dos effeitos sobre as praças extrangeiras. Ninguem, diz CHARLES CONANT, — excepto

especuladores aventureiros, — conservará em sua carteira letras sacadas sobre paizes que têm a sua circulação representada por papel inconversivel, cuja depreciação não pôde ser limitada. O valor de tal papel nunca se avantaja ao do ouro, salvo em occasões especiaes e por fracção minima, ao passo que a sua depreciação, em relação ao metal amarello, não tem limites — e eis ahi porque o cambio, em taes paizes, é muitas vezes objecto de violentas especulações. A Russia, como o nosso paiz, já esteve no regimen do papel inconversivel, e, por essa razão, observa TOUZÉ:

“Quando a Russia tinha de pagar, em tempo certo, adquirindo-a por qualquer preço, uma somma de moeda ingleza, não havia limites á alta do dinheiro inglez. Em outras palavras: não havia limites á variação do cambio. O preço era determinado unicamente pela offerta e pela procura, — e si a somma das exportações deste paiz não equalava a somma das importações, como acontecia frequentemente, — si a procura dos effeitos necessarios ao pagamento das importações excedia á offerta das letras dos exportadores, então o saldo não podia ser regularisado sinão á custa de um grande sacrificio.”

A Hespanha, durante muitos annos, esteve nas mesmas condições da Russia em consequencia das suas grandes emissões.

O paiz que funda a sua circulação no papel inconversivel está sujeito ao grande mal que é a falta de estabilidade do cambio. O quadro abaixo nos mostra os extremos a que tem chegado no Brasil as taxas de conversão da moeda ingleza em moeda nacional e vice-versa.

Este quadro é a demonstração clara, positiva, da vida incerta que tem atravessado em nosso paiz o commercio e a industria.

ANNOS	Baixa extrema	Alta extrema
1856	27	28 $\frac{1}{4}$
1857	23 $\frac{1}{2}$	28
1858	24	27
1859	23 $\frac{1}{4}$	27
1860	24 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{1}{4}$

1861	24 $\frac{1}{4}$	26 $\frac{3}{4}$
1862	24 $\frac{3}{4}$	27 $\frac{3}{4}$
1863	26 $\frac{2}{3}$	27 $\frac{1}{8}$
1864	25 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{3}{4}$
1865	22 $\frac{3}{8}$	27 $\frac{1}{4}$
1866	22	26
1867	19 $\frac{7}{8}$	24 $\frac{3}{4}$
1868	14	20
1869	18	20
1870	19 $\frac{3}{4}$	24 $\frac{3}{8}$
1871	24 $\frac{7}{8}$	25 $\frac{7}{8}$
1872	24 $\frac{1}{2}$	26 $\frac{3}{8}$
1873	25 $\frac{1}{8}$	27 $\frac{1}{8}$
1874	24 $\frac{3}{4}$	26 $\frac{3}{8}$
1875	26 $\frac{1}{4}$	28 $\frac{3}{4}$
1876	23 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{1}{8}$
1877	23	25 $\frac{5}{8}$
1878	21	24 $\frac{5}{8}$
1879	19 $\frac{1}{8}$	23 $\frac{5}{8}$
1880	19 $\frac{7}{8}$	24
1881	20 $\frac{11}{16}$	23 $\frac{1}{4}$
1882	20 $\frac{1}{8}$	22
1883	21	22 $\frac{1}{4}$
1884	19 $\frac{5}{8}$	22 $\frac{1}{4}$
1885	17 $\frac{5}{8}$	19 $\frac{1}{2}$
1886	17 $\frac{3}{4}$	22 $\frac{5}{8}$
1887	21 $\frac{1}{2}$	23 $\frac{1}{2}$
1888	22 $\frac{7}{8}$	27 $\frac{9}{16}$
1889	26 $\frac{7}{8}$	28 $\frac{1}{2}$
1890	26 $\frac{1}{8}$	20 $\frac{5}{8}$
1891	10 $\frac{3}{4}$	21 $\frac{5}{8}$
1892	10 $\frac{1}{8}$	16 $\frac{1}{8}$
1893	10 $\frac{3}{16}$	13 $\frac{3}{4}$
1894	9 $\frac{1}{16}$	13
1895	9	11 $\frac{3}{4}$
1896	7 $\frac{7}{8}$	10 $\frac{7}{16}$
1897	6 $\frac{7}{8}$	9 $\frac{1}{8}$
1898	5 $\frac{21}{32}$	8 $\frac{15}{16}$
1899	6 $\frac{11}{16}$	8 $\frac{5}{16}$
1900	7	14 $\frac{1}{2}$

1901	9 $\frac{9}{16}$	13 $\frac{19}{32}$
1902	11 $\frac{15}{32}$	12 $\frac{19}{32}$
1903	11 $\frac{5}{8}$	12 $\frac{11}{16}$
1904	11 $\frac{29}{32}$	13 $\frac{21}{32}$
1905	13 $\frac{19}{32}$	18 $\frac{7}{32}$
1906	13 $\frac{5}{8}$	17 $\frac{3}{4}$
1907	15 $\frac{5}{32}$	15 $\frac{9}{16}$
1908	15 $\frac{5}{32}$	15 $\frac{7}{32}$
1909	15 $\frac{1}{8}$	15 $\frac{1}{16}$
1910	15 $\frac{1}{32}$	18 $\frac{1}{4}$
1911	16 $\frac{1}{32}$	16 $\frac{5}{16}$
1912	16 $\frac{1}{16}$	16 $\frac{3}{8}$
1913	16 $\frac{3}{32}$	16 $\frac{23}{64}$
1914	10 $\frac{11}{16}$	15 $\frac{15}{16}$
1915	11 $\frac{13}{16}$	12 $\frac{15}{16}$

Ora, normalmente, nos paizes de circulação perfeita, o cambio não se afasta do par illimitadamente — porque as letras de cambio, compradas e vendidas, não constituem o unico modo de regularisação dos saldos internacionaes. Ha um limite natural ao preço dos effeitos cujo valor é expresso em moeda extrangeira — o que significa que existe um limite natural tanto para a alta como para a baixa do cambio. Tal limite é o custo da expedição do ouro — é o custo da importação e da exportação do metal amarello.

Si os bancos, a cujas portas vão bater os que procuram e os que offerecem letras de cambio, tentam fixar preços arbitrios para os effeitos de commercio, preços que não estão de accordo com as condições economicas do paiz, as pessoas que devem ao extrangeiro tem o recurso da remessa do ouro, que o seu credor acceptará em pagamento do mesmo modo como si lhe tivesse sido remettida uma letra de cambio ou um cheque, — supondo-se que o paiz do credor tenha tambem perfeito o seu sistema monetario, — porque não pôde existir um par fixo de cambio entre dois paizes que não têm o mesmo metal como padrão.

Ha um par de cambio exacto entre todos os paizes que tem o ouro por estalão — mas não existe, nem pôde existir esse par entre dois paizes dos quaes um é monometallista ouro e outro é monometallista prata, — ou entre um paiz em que o

ouro circula de facto, como a Inglaterra, e outro que está no regimen do papel inconversivel, como o Brasil.

Entre paizes que têm circulação perfeita, representada pelo ouro, as coisas passam-se de ordinario do seguinte modo:

Si os bancos tentam estabelecer preços arbitrarios para os effeitos de commercio, os negociantes, os industriaes desse paiz, por exemplo, não se subordinam a taes preços. Elles têm o recurso da conversão do papel circulante em ouro, o qual, acondicionado convenientemente, e seguro contra todos os riscos, é remettido ao credor. A somma total das despezas feitas com a remessa, as quaes são sempre as mesmas entre duas praças dadas, e facilmente conhecidas, é o limite natural, portanto, ás oscillações dos preços dos effeitos pagaveis em moeda estrangeira. A offerta das letras de cambio pôde ser tal que ellas venham a soffrer uma grande depreciação. Os credores de praças estrangeiras importam ouro neste caso e deixam de vender saques. Ao contrario, ha grande falta de letras, tão grande que o dinheiro estrangeiro tem agio pesado. Os devedores a praças estrangeiras exportam, então, o ouro. Deste modo entre paizes cujo padrão monetario é o ouro os limites das oscillações do cambio são quasi mathematicamente fixados pelo custo da importação e da exportação daquelle metal. Ha um trecho de STRAKER que nos faz comprehender perfeitamente o enunciado:

“Supponhamos — escreve elle — que num dado momento, em consequencia dos multiplos negocios entre a França e a Inglaterra, a França nos deve mais do que nós devemos a ella. E' evidente que na regularisação deste complexo de transacções os negociantes francezes terão difficultade para encontrar letras de cambio em numero sufficiente para o pagamento de suas dividas e, portanto, um certo numero dentre elles será obrigado a remetter ouro e pagar a despesa da remessa. Todos procurarão adquirir as letras que são offerecidas antes de qualquer delles se resolver a realizar a exportação do metal. A procura excederá a offerta.

Antes de se fazer qualquer remessa de ouro, os compradores de effeitos sobre Londres estarão dispostos a pagar mais do que o valor metallico representado por elles, — quer dizer — mais do que o par.”

Este excesso sobre o par, que os devedores franceses pagão, segundo STRAKER, não será mais do que a somma correspondente ás despesas da exportação do ouro amoedado, ou em barra, de Paris para Londres. Taes despesas são o limite da alta do cambio entre a praça francesa e a ingleza. Só excepcionalmente, em circumstancias especiaes, as taxas de cambio sahem dos seus limites naturaes entre paizes de circulação perfeita. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1861, por occasião da guerra civil, em consequencia das condições politicas de então, os que tinham letras de cambio sobre Londres preferiram vendel-as abaixo do preço normal a esperar o vencimento das mesmas e receber a somma na Inglaterra.

A guerra havia determinado a diminuição das importações e, por outro lado, a necessidade immediata de dinheiro e a offerta de um saldo consideravel de effeitos tambem fizeram descer momentaneamente o preço das letras abaixo do custo da importação do ouro. (BASTABLE).

Ao contrario, em 1839, segundo RAGUET, era difficult a situação do mercado monetario em Londres. Os negociantes norte-americanos, que então podiam comprar em Nova York saques sobre Londres, pagando a libra esterlina pelo seu valor ao par, preferiram remetter ouro aos seus credores em Londres, — e isto porque temiam que os saques comprados e remettidos não pudessem ser descontados em Londres. As despesas de expedição do ouro, entre Nova York e Londres, é de 0,60 %, mais ou menos. Ao par a libra esterlina vale \$ 4,866 — o que quer dizer que 4,866 dollars norte-americanos contêm tanto ouro puro ou fino como uma libra esterlina. Em tempos normaes, portanto, o cambio entre Nova York e Londres oscillará entre \$ 4,835 e \$ 4,895 por libra esterlina. No momento em que são escriptas estas linhas o cambio norte-americano está a 4,76, tendo assim ultrapassado o *gold-point* de importação do ouro. Comprehende-se: são consequencias da guerra em que está empenhada a Inglaterra e do grande saldo das letras offerecidas no mercado de Nova York. O dollar está com agio de 2,22 %, que se encontra por meio da seguinte formula:

$$\text{Agio do dollar} \left\{ = \frac{(4,866 - 4,760) \times 100}{4,760} = 2,22 \%$$

Sempre que a taxa de cambio desça abaixo do par, isto é, abaixo de 4,866, — o dollar tem agio quando comparado com o dinheiro inglez. A depreciação deste ultimo, no caso presente, é de 2,17 %, que se encontra assim:

$$\text{Depreciação da £ est. } \left\{ = \frac{(4,866 - 4,760) \times 100}{4,866} = 2,17 \%$$

Não ha presentemente cotação de cambio em Berlim sobre Londres e, pois, só indirectamente se pôde calcular a depreciação do marco, comparando-o com o dollar norte-americano. Ao par um marco vale \$ 0,2382, ou sejam:

$$100 \text{ marcos} = 23,82 \text{ dollars}$$

As despesas de expedição do ouro de Nova York para a Allemanha são estas:

Agio do ouro	0,40 %
Acondicionamento em Nova York	0,09 %
Frete	1,25 %
Seguro	0,57 %
Quebra de peso	0,08 %
Diversas despesas	0,21 %
 <i>Total</i>	 2,60 %
Mais juros	4,00 %
 	 6,60 %

Esta relação de 6,60 por mil dá 0,66 % — como no caso de Nova York sobre Londres approximadamente.

O cambio de Nova York sobre Berlim, em tempos normaes, não pôde, portanto, subir além de:

$$23,82 + \frac{23,82 \times 0,66}{100} = 23,98 \text{ por 100 m.}$$

E não pode descer abaixo de :

$$23,82 - \frac{23,82 \times 0,66}{100} = 23,66 \text{ por 100 m.}$$

No entanto a cotação actual é de \$ 0,76 por 4 marcos ou sejam :

$$100 \text{ marcos} = \frac{0,76 \times 100}{4} = 19 \text{ dollars}$$

O marco está, assim, com a depreciação de 20,23 %, que se acha por meio da seguinte formula :

$$\begin{array}{l} \text{Depreciação} \\ \text{do} \\ \text{marco} \end{array} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(23,82 - 19) \times 100}{23,82} \\ = 20,23 \% \end{array} \right.$$

O agio do ouro americano é de 25,37 %, a saber :

$$\begin{array}{l} \text{Agio do dollar} \end{array} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(23,82 - 19) \times 100}{19} \\ = 25,37 \% \end{array} \right.$$

O valor do dinheiro alemão, nos Estados Unidos, desceu muito abaixo do *gold-point* da importação do ouro pelas razões que todos conhecem hoje.

O valor do franco, ao par, é de 25,22 por £ est. e nós já vimos que em tempos normaes, quando o papel na praça de Paris é facilmente conversivel em ouro, o cambio sobre Londres não sobe além de 25,287 por £ est., como não desce abaixo de 25,112. No entanto a cotação actual é de 28,32, o que dá origem aos seguintes calculos :

$$\begin{array}{l} \text{Depreciação} \\ \text{do} \\ \text{franco} \end{array} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(28,32 - 25,22) \times 100}{28,32} \\ = 10,94 \% \end{array} \right.$$

$$\begin{array}{l} \text{Agio da £ est.} \\ \text{ou} \\ \text{do ouro} \end{array} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(28,32 - 25,22) \times 100}{25,22} \\ = 12,29 \% \end{array} \right.$$

O valor da lira, ao par, é tambem de 25,22 por £ est. e, observados os *gold-points* de entrada e sahida do ouro, o cambio, quando esteja assegurada a conversibilidade da lira, oscillará entre 25,10 e 25,29. A cotação, neste momento, é, porém, de 30,90, o que exprime uma forte depreciação do dinheiro italiano, a qual se põe em evidencia por meio das seguintes formulas:

$$\text{Depreciação da lira} \quad \left\{ = \frac{(30,90 - 25,22) \times 100}{30,90} = 18,38 \text{ \%}\right.$$

$$\text{Agio da £ est. ou do ouro} \quad \left\{ = \frac{(30,90 - 25,22) \times 100}{25,22} = 22,52 \text{ \%}\right.$$

A paridade entre o escudo portuguez e a moeda ingleza é a seguinte:

Peso de ouro puro contido no escudo portuguez — 1,gr.6257083.

Peso de ouro puro contido em uma libra esterlina = 240 pence — 7,gr.3223818.

O valor do escudo portuguez, ao par, será dado, então, pela seguinte formula:

$$1 \text{ escudo} = \frac{1,6257083 \times 240}{7,3223818} = 53,285 \text{ pence}$$

As despesas de remessa do ouro para Londres pôdem ser calculadas, inclusive juro, em 0,8 %. O cambio portuguez, — si não fôra o paiz estar sempre no regimen do papel inconversivel, — devia oscillar entre 49,025 e 57,545 pence por escudo.

No entanto o cambio está hoje cotado a 34 $\frac{1}{4}$ — o que se traduz numa grande depreciação do escudo, como se vê dos seguintes calculos:

$$\text{Depreciação do escudo} \quad \left\{ = \frac{(53,285 - 34,250) \times 100}{53,285} = 35,72 \text{ \%}\right.$$

$$\begin{array}{l} \text{Agio da £ est.} \\ \text{ou} \\ \text{do ouro} \end{array} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(53,285 - 34,250) \times 100}{34,250} = 55,57 \% \end{array} \right.$$

A peseta hespanhola está cotada acima do seu valor ao par, isto é, está com agio comparada com a £ esterlina. A paridade são 25,22 pesetas por £ esterlina. A cotação actual são 24,41. Logo, temos:

$$\text{Agio da peseta} \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(25,22 - 24,41) \times 100}{24,41} = 3,31 \% \end{array} \right.$$

$$\text{Depreciação} \left\{ \begin{array}{l} \text{da} \\ \text{£ est.} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(25,22 - 24,41) \times 100}{25,22} = 3,21 \% \end{array} \right.$$

Os paizes que têm o seu dinheiro depreciado neste momento, — á excepção de Portugal que sempre esteve no regimen do papel inconversivel, — pódem attribuir o facto ás enormes dificuldades da guerra européa. A maior depreciação, sem falarmos no escudo portuguez, é a do marco (20,23 %), seguindo-se a da moeda italiana (18,38 %) e a do franco (10,94 %).

Pois bem, — o nosso dinheiro, — que já teve em 1898 a depreciação de 79,03 %, equivalente ao cambio de $5 \frac{21}{32}$, — está agora cotado a $11 \frac{15}{32}$, o que representa isto:

$$\text{Depreciação} \left\{ \begin{array}{l} \text{do} \\ \text{nossa} \\ \text{dinheiro} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(27 - 11 \frac{15}{32}) \times 100}{27} = 57,40 \% \end{array} \right.$$

$$\text{Agio da £ est.} \left\{ \begin{array}{l} \text{ou} \\ \text{do ouro} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} = \frac{(27 - 11 \frac{15}{32}) \times 100}{11 \frac{15}{32}} = 135,39 \% \end{array} \right.$$

Em toda parte do mundo se cuida seriamente da estabilidade do cambio, — alcançada já agora pelas principaes nações commerciaes.

A Inglaterra, — hoje soberana reguladora do preço do ouro, — submettida em 1797 ao regimen do papel de curso forçado, — realizou a sua reforma monetaria em 1816, resgatando,

a partir de 1821, ao par e em soberanos de ouro, a emissão do Banco da Inglaterra. Em 1871 a Allemanha adoptou o ouro como padrão de sua moeda de conta, utilizando-se, para isso, das fortes sommas que a França lhe devia pagar a titulo de indemnisação de guerra. Em 1879 os Estados Unidos tornaram resgatáveis á vista e ao par as suas emissões do tempo da guerra de sucessão que ainda não haviam sido chamadas a troco. A Italia resgatou as suas emissões de 1892 e elevou o seu cambio ao par. A Grecia, já em 1910, tinha normalizado as suas taxas de cambio.

A Austria-Hungria, onde o ouro chegou a ter o agio de 124,06 % em 1887, de 122,08 % em 1886, de 117,17 % em 1889, de 113,85 % em 1890, de 114,07 % em 1891, algarismos estes que exprimem a depreciação de mais de 50 % do papel, quebrou o seu padrão monetário, — é verdade, — mas conseguiu estabilizar o cambio, a partir de 1892, estabelecendo uma circulação interior que se pôde dizer normal. A Russia, em 1897, também quebrou o seu padrão monetário — mas conseguiu uma circulação normal e estabilisou o seu cambio. No mesmo anno de 1897 conseguia o Japão normalizar a sua circulação, — tendo ouro em quantidade suficiente para regularizar as suas transacções com o Occidente, — servindo a prata unicamente para os seus negócios no Oriente. A India, em duas reformas successivas, normalizou a sua circulação e, a partir de 1899, o seu cambio se tornou inteiramente regular. No Brasil nada se tem feito.

O cambio errático, — o maior flagello do commercio e da industria, — ahi está e ahi estará para satisfação dos que jogam com o nosso dinheiro avariado.

CARLOS DE CARVALHO

POESIA

CIGARRAS

*Cigarras, houve tempo em que o cicio
Das vossas azas era a voz contente
Que acordava o meu animo sombrio;
E a luz azul do nosso céo de estio
Reabria aos meus olhos de repente.*

*E o meu olhar silencioso e affeito
A' meia-luz das intimas paysagens,
Que o destino poz dentro do meu peito,
Volvia á tona, e enchia-se de imagens,
Como um rio que sahe de um valle estreito.*

*Arqueava-se mais amplo o firmamento;
E já o espirito, alacre e renovado,
Integrava na vida o pensamento,
Concertando lembranças do passado
Com as figuras e os sonhos do momento.*

*Era-me o estio o tempo bemfasejo,
Em que eu fundia sob um mesmo tecto,
Na solidão de um sitio predilecto,
As encontradas ancias do desejo
Das minhas affeições num só affecto.*

*Alli o esposo e o pai se repartia
Sem desigual porção, com o filho terno;
Pois tinha junto a mim de noite e dia,
Para aclarar-me sempre o olhar materno,
E a voz bendita que me bendizia.*

*Ia beijar-lhe a mão, mal acordado;
De noite, no silencio do seu somno,
Quantas vezes, velando o meu cuidado,
Podia acompanhar o seu resono,
E ir escutar-lhe o coração deitado!*

*Não nos cortava o sol a convivencia;
Nem quando o pensamento recolhido
Passava as horas no labor querido,
Um coração não lhe sentia a ausencia,
Que a sua voz soava em meu ouvido.*

*O vulto amigo ia e vinha a espaços,
Leve como uma sombra e sem rumor;
Mas ás vezes, temendo os meus cansaços,
Sobre o meu busto curvo os seus dois braços,
Como azas me afastavam do labor.*

*Meu ambiente de estudo, ella o tecia;
Meus sonhos, desdenhasse-so toda gente,
Ella os achava grandes, e fazia
De minha doce musa diligente,
Mai sempre, até da minha phantasia.*

*Em horas de vagar, pelas estradas,
Do verde sitio, agreste e silencioso,
Quantas idéas nossas conjugadas!
Revivia o passado saudoso;
Bailavam esperanças irisadas.*

*Manhãs alegres, claras, argentinas,
Que pareciam nunca vistas de antes,
Debruçavam-se rindo das collinas.
Quantos sonhos ouvistes-nos, confiantes
De longos, quietos dias radiantes!*

*Nos dias muito azues tinham mais brilho
Os olhos della, côr de azul turqueza.
E dos seus olhos meu olhar de filho
Sentia irradiar a natureza
De mais doçura e de maior belleza.*

*Sobre tarde, reunidos na varanda,
A quietação das horas nos colhia.
Transmontava-se o sol na outra banda;
Passava lesta alguma ave tardia;
Baixava lenta a uncção da Ave-Maria.*

*Em noites limpas, sempre o mesmo espanto
No nosso olhar affeito á maravilha
Daquelle céo, calado em luz e encanto,
E áquelle luar que em cada cimo e trilha
Desdobrava, enrolava o claro manto.*

*A custo recolhiamos então.
E em torno á mesa grande começava
O trabalho e a palestra do serão.
E quem de nós acaso alli cuidava
Que não voltasse um dia igual verão?*

*E não voltou, e já não volta mais.
Cigarras, hoje ouvindo esse cicio
Das vossas azus, outro som lhe dais,
Que não me lembra a luz azul do estio;
Ou sois outras cigarras que cantais.*

*Aquellas outras davam voz contente
Que o espirito me abria á claridade,
E ao prazer da esperança; hoje somente
Sinto arivar-se, a ouvir-vos, a saudade
Neste peito que é morto, e vive, e sente.*

A VAI-VEM DO VENTO

*Vês aquella folha? — folha ou pluma — Olha
 Como vae batida, como a leva o vento
 De um para outro lado; do alto e acima, lento,
 Rapido, sem norte, leva-a, pluma ou folha,
 A' mercê do acaso, pelo movimento
 Que a elle mesmo impelle, sopro de ar gerado
 Por ignota força. Sabe o vento em summa
 Quem o trouxe á terra? Sabe a que é levado?
 Sabe o que carrega, se é uma folha ou pluma,
 Que brutal agita de um para o outro lado?*

*Pobre folha avulsa, que arvore gerou-a?
 Foi um dia gomo verde de esperanças;
 Bebeu ar e força, deu sorriso ás franças
 Da arvore materna. Subito arrancou-a
 Uma lufada e ora vai batida á tôa.
 Pluma leve, que ave trouxe-a ao corpo outróra?
 Tinha um canto e em vôo dava ao ar mais vida,
 Adornava a terra, flor de som vestida,
 Adejante gotta do clarão da aurora...
 Onde foi tua ave? que és, pluma perdida?*

*Tu tambem, na terra quem te leva acaso?
 Sabes teu destino? tu que sabes, homem?
 Leva-te uma força; tens nascer e occaso;
 Erguem-te altos sonhos; dores te consomem,
 Té que as tuas carnes vermes molles comem
 Sob o chão que pisas como sombra leve...
 Quanto esforço gastas antes que te colha
 O antro fundo e negro, no teu sonho breve!
 Que te importa o vento que te arranque e leve?
 Deixa-te ir á tôa, homem, pluma, folha...*

1916.

MARIO DE ALENCAR.

O ENSINO DA LEITURA PELO METHODO ANALYTICO

Referindo-me, em conferencia que fiz sobre a educação moral e civica como é comprehendida pelo actual Director da Escola Normal do Rio de Janeiro, ao programma para esse ensino esboçado por Charles Bigot, transcrevi o trecho seguinte:

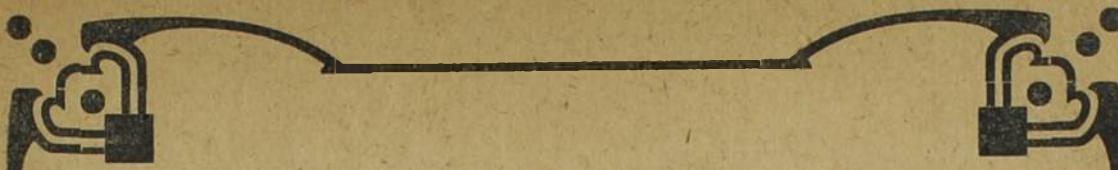
“Mas onde essa educação civica mais está, penso eu, mais que na propria historia e geographia, é no ensino literario. Em nenhuma outra cousa uma raça põe mais de si que nos seus livros. E' ahi que, como num espelho fiel, melhor se reflectem os seus pensamentos, os seus sentimentos, o seu genio. Os nossos escriptores é que melhor têm traduzido os altos pensamentos do espirito nacional, suas elevadas ambições, seus sentimentos generosos. Elles que melhor hão manifestado a sua intelligencia vigorosa, seu firme bom senso, seu instincto de clareza, sua imperiosa necessidade de medida e justez.”

A presente conferencia é, pois, um corollario daquella, porquanto, propondo-me a tratar do processo mais conveniente ao ensino da leitura, que é o introito obrigado para o ensino literario, implicitamente trato deste e concorro para que, desde as suas primeiras letras ganhe o discipulo vontade de ir ás ultimas, uma vez que o processo aconselhado não só não o desalenta desde os seus primeiros passos confrontando-o com diffi-
culdades perfeitamente evitaveis, como tambem lhe impõe con-
fiança na propria potencialidade, deixando-lhe evidente na sua marcha que todo o progresso, que consegue, é resultado do seu esforço encaminhado, mas desajudado, e o mestre apenas com-

panheiro, cuja presençā, pela experiençā que tem da estrada a percorrer, o premune contra possiveis desvios. A persuasão do proprio valor é condição essencial de successo.

Assim sendo, aqui e por este modo, demonstro praticamente a inverdade do anexim, que diz que não cabem dois proveitos num sacco, pois que num só metto tres: 1.^º — o prazer indizivel de voltar ainda uma vez a este meio, a que as saudades do passado me vinculam indissoluvelmente e que não revejo sem os olhos cheios de admiraçāo pelo surto do progresso, em que o encontro; 2.^º — a certeza de que me é acceita a parcella minima, que traz a minha experiençā para encaminhar o desenvolvimento desse ramo especial da educação, que affeiçoa o caracter e habilita a intelligencia a bem servir á patria e á humanidade; e, 3.^º, a satisfaçāo de affirmar que pude viver para, depois de estudo constante e aprofundado dos principios cuja propaganda aqui iniciei, desobrigar-me da promessa feita de incorporar em livro o molde, que dou ás lições na applicação do processo da leitura pelo methodo analytico, na esperança de poder fazer doação delle, ao Estado de São Paulo, como testemunho humilde, mas sincero, do meu reconhecimento ao estímulo e animação com que sempre amparou o meu esforço de modesto, porém devotado, obreiro na magna tarefa da nossa organisaçāo pedagogica.

A 1.^º de Março de 1896, a convite do Instituto Pedagogico Paulista, na velha Escola Normal da rua da Bôa Morte, naquelle edifício onde a patriotica dedicação de Francisco Rangel Pestana tantos e tão nobres sacrificios empenhou por dar á futura mãe paulista aquella educação, em que assenta principalmente a proficuidade dos esforços do mestre, que tem de completar o por ella iniciado, — e onde tambem leccionou o grande mestre, que foi Caetano de Campos, cujo nome está para todo o sempre echoando neste recinto e relembrando ás crianças, nelle diariamente acolhidas o prazer, que os seus maiores têm no tributar ao insigne organisador e possante braço direito de Cesario Motta o testemunho de sua gratidão pelo impulso maravilhoso dado á instruçāo e educação do povo a 1.^º de Março de 1896, — ha, pois, quatro lustros completos, em conferencia de que é esta complemento, expuz a doutrina relativa ao methodo analytico, applicado segundo o processo, a que a minha pratica me tinha levado.



Não jogue fóra o seu dinheiro...

Quando V. S. precisar comprar moveis, desde a simples peça avulsa á guarnição completa, vá á

Casa Primor

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 61 :: São Paulo

Os preços verdadeiramente modicos aliados á superior confecção dos moveis dão a V. S. a segurança de empregar bem e com acerto o seu dinheiro, fazendo uma óptima compra.

Não compre,

Não encommende,

Não reforme MOVEIS,

sem primeiro dirigir-se á CASA PRIMOR

Avenida Brig. Luiz Antonio, 61 - Teleph. 4905

Offerta especial.

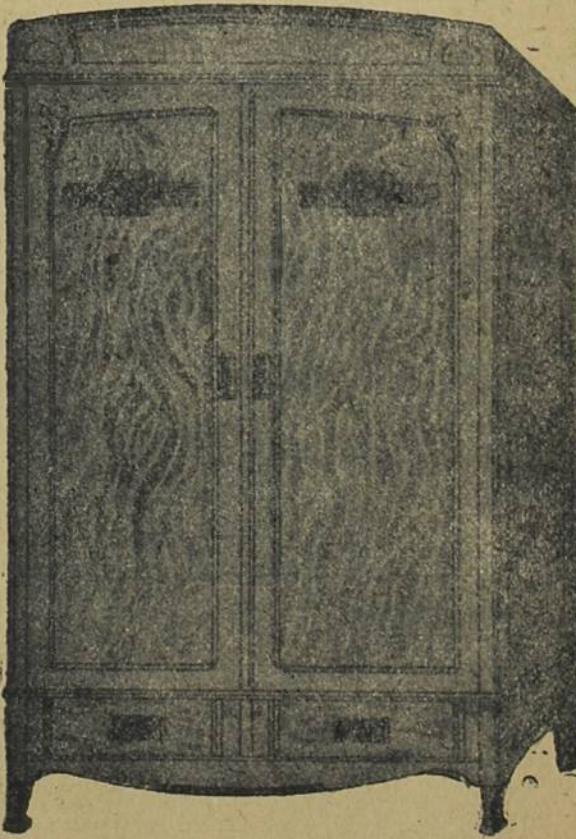
GUARDA ROUPAS, grandes, entalhados, de bom acabamento a 60\$000.

Os pedidos do interior devem vir com mais 6\$000 para engradamento.

CAMAS DE CASADO, de embuya, de fino acabamento, com estrado de arame ou de madeira, a 120\$000.

Os pedidos do interior devem vir com mais 12\$000 para engradamento.

PANNOS DE MESA de superior qualidade, desenhos lindos, de 2,50 cent. por 2 metros. Remette-se para qualquer parte por 28\$000



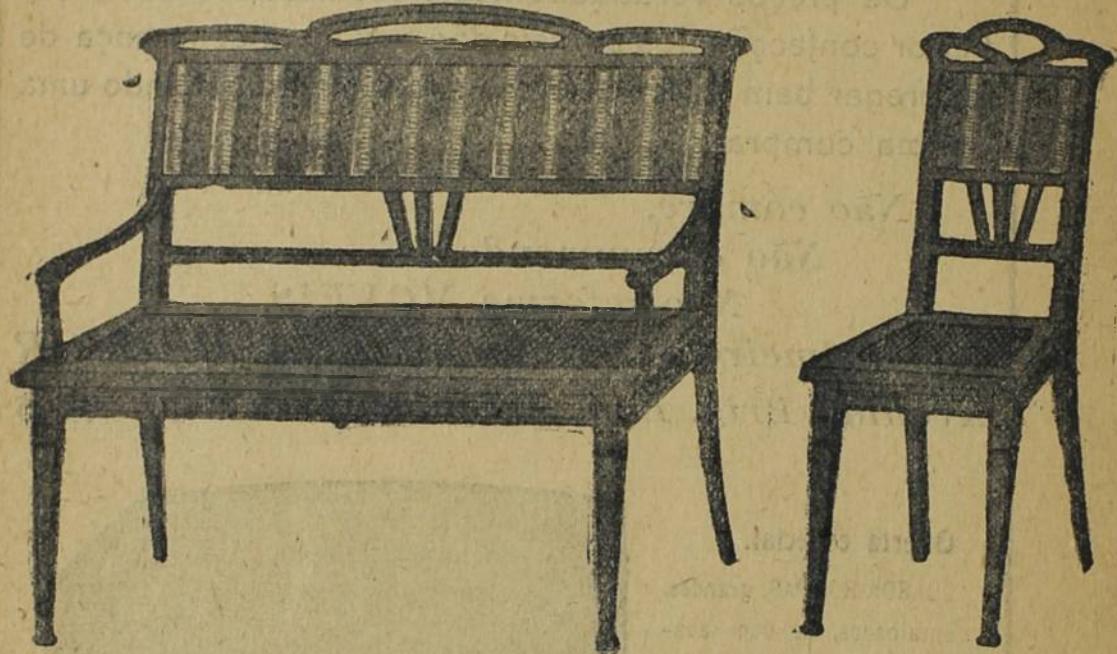
MOVEIS, MOVEIS,

os melhores, os mais baratos, na

CASA PRIMOR
— DE —

J. de Oliveira Costa

AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 61 - Telephone, 4905 - Caixa, 1195 - SÃO PAULO



Secretárias americanas, de embuya, forradas de cedro, com 8 gavetas, 200\$000; com 4 gavetas, 140\$000. Os pedidos do interior devem vir acompanhados de mais 12\$000 para engradamento.

MOBILIAS para sala de visitas, com assento de palhinha e encosto estofado, 9 peças: sofá 2 poltronas e 6 cadeiras, 135\$000. Os pedidos do interior devem vir com mais 15\$000, para engradamento.

MOBILIAS com assento e encosto estofados, de fino acabamento, com 9 peças, a 225\$000. Os pedidos do interior devem vir com mais 15\$000, para engradamento.

Pedidos á CASA PRIMOR
Avenida Luiz Antonio, 61 - Caixa Postal, 1195

S. PAULO

Hoje, e cada vez mais convencidamente, persevero ainda na sua adopção, pois o estudo continuo do assumpto, unido á experientia accrescida pelo exercicio do magisterio, que nunca interrompi, me tem demonstrado a verdade inconcussa dos fundamentos, em que assenta, e a realidade das vantagens da sua applicação.

Sendo, porém, a preocupação do mestre consciencioso melhorar os seus processos pelo supplemento, que á propria, dê a observação de outros empenhados no mesmo escopo, tenho, na minha pratica, trazido ao processo, que por muitos annos segui e aconselhava, algumas modificações, cuja razão de ser achará justificação nas considerações, que perante esta illustre assembléa tenho a honra de fazer.

Por entender que o *meio*, em que o ensino se faz, é que deve fornecer os elementos, que lhe dêm maior efficacia e mais facilitem a aprendizagem guiada pelos principios aceitos, organisei sempre, como mestre pratico, as minhas lições para cada alumno, que tive de iniciar na arte da leitura e escripta pelo processo analytico.

Parecendo-me, de outro lado, que, quer para essa, quer para a instrucção collectiva, onde os aprendizes vem de procedencias tão diversas, e, portanto, trazem para a escola além de capacidades, cabedal de idéas e vocabulario tão differentes, o melhor seria confiar ao criterio do mestre a selecção dos vocabulos sobre os quaes se hão de organizar os exercicios, nunca tive pressa em empenhar-me na confecção de cartilha ou cartilhas destinadas a tal uso, apezar de moralmente obrigado pela antiga promessa de um “Livro das mães”, que repetidas solicitações me têm lembrado, partidas na maior parte daquelles, que, tendo sido meus discipulos, desejariam ver seus filhos seguirem o caminho pelo qual, sem lagrimas ou enfados, aprenderam a ler.

Hoje, si a omissão d'esse trabalho, como auxilio aos que desejariam seguir a marcha por mim indicada, me podesse ser attribuida em culpa, acharia eu attenuante na existencia de livrinhos intelligentemente escriptos por dedicados, ardorosos e competentes mestres, que, honrando o magisterio nacional, compensam pelo seu dvotamento á causa entregue ás suas mãos, os esforços deste grande Estado em prol da elevação do ensino pelo aperfeiçoamento dos seus methodos e processos

didacticos. Refiro-me, como o tereis entrevisto, á "Cartilha analytica" e ao "Meu Livro", dos professores Arnaldo Barreto e Theodoro de Moraes, assim como ao trabalho do professor Cardim.

As referencias, que á minha propaganda fazem o 1.^o e o 2.^o, compensam-se tambem a mim da parcella de devotamento, posta ao serviço dos meus jovens compatriotas, e enche-me de contentamento por ver que mestres tão bem recommendedos por seus dotes pessoaes, filiam á propaganda do velho lidador a contribuição, que trazem ao progresso de uma doutrina e pratica, abonadas pela sua experienca de applicadores competentes e convencidos.

Crendo, porém, que a sua entrada em fileira não implica a exclusão dos veteranos, que têm encanecido na peleja pela bôa causa, e devendo trazer aos novos legionarios meu applauso como homenagem á sua collaboração, entendi oportunas as ponderações, que aqui venho trazer e nas quaes vai a franca e leal externação de um juizo, que, por não solicitado, nem minimamente constrange quem se propõe a emittir-o, fundamentando-o.

Outrosim, como a melhor demonstração da marcha de um processo é a organisação dos exercicios a que deve elle recorrer, dei corpo á intenção por muito tempo adiada, de escrever as cartilhas destinadas ao ensino da leitura pelo processo, que pratico, aproveitando na sua confecção os conselhos dos grandes educacionistas, que especialmente se têm ocupado do assumpto, entre os quaes Meiklejohn, Stanley Hall, Chubb e Carpenter, e a observação da minha propria experienca na especialidade.

Aquelle juizo e a exposição da genese destas cartilhas ficarão implicitamente contidas nesta conferencia e registadas no opusculo, em que deve ella aparecer e destino á distribuição larga pelo professorado, na esperança de ver em breve acelerar-se o progresso da leitura analytica por todo o paiz, fructificando na inteira plenitude de sua excellencia para felicidade das crianças e proveito da illustração do povo.

QUANDO? COMO? PARA QUE? e O QUE? ensinar a ler — eis as quatro interrogações, que se impõem ao espirito ao investigar o assumpto especialissimo da didactica da arte da leitura e escripta.

Em antes de tudo, e como preliminar, QUANDO, porque, tendo variado o programma da cultura mental para se pôr em conformidade com a ordem e intensidade do desenvolvimento das faculdades cerebraes, grande maioria de disciplinas que aguardavam a instrucção na leitura para a aprendizagem pelo livro, passaram, por consenso unanime dos pedagogistas, que julgam dever obediencia aos ensinamentos da psychologia, a independe della, dando-se a instrucção nas COUSAS não pelas LETRAS, sim, porém, pelas proprias COUSAS, que melhor fazem a apprehensão daquellas.

Assim, de introito obrigado á cultura encyclopedica, deslocou-se a leitura para instrumento precioso, e indispensavel, mas não inicial, dessa cultura.

Os annos primeiros da infancia, que se consumiam em adquiril-a penosamente—“*la letra con sangre, entra*”, diziam os medievaes — são hoje empregados em encher o espirito de generalidades alcançadas pela observação, enriquecendo-o de idéas, que a fala, pela communicação oral, auxiliará a assimilar, de modo a que se gravem na consciencia psychica dos educandos imagens nitidas e indeleveis, evocadas com precisão pelo symbolo phonico, que as registrou.

No momento, em que este symbolo phonico se tiver de traduzir n’um symbolo graphico para evocar a idéa, ou a relação entre as idéas evocaveis pela fala, comprehende-se que a rapidez da assimilação será tanto maior quanto mais intima fôr a connexão entre a imagem e o primeiro symbolo, em que se ella concretisou.

O periodo, pois, que primitivamente se apropriava á iniciação na leitura, consagra-se hoje ao estudo das coisas, preambulo obrigado ao estudo das letras; e, si entre os 5 e 8 annos está de facto, como assevera Stanley Hall, a phase em que culminam o interesse e a facilidade na aprendizagem da leitura, claro é que esta só terá lucro em aguardar aquelle estudo, fazendo-se dentro destes limites, sem prejuizo do adestramento, que lhe pôde ser de auxilio maximo.

Tomando, em consequencia, como termo medio do desenvolvimento normal, a idade de 7 annos, que assignala o termo da primeira infancia, deve-se referir todo o esforço do methodo, seguido para a iniciação na leitura, á capacidade revelada pela criança, que o attinge.

Note-se que falámos em termo medio, deixando, portanto, salva a possibilidade dos desenvolvimentos especiaes, que, antes daquelle limite, possam proveitosamente inicial-a.

A precocidade, entretanto, deve ser tratada como tal, porque, exigir della um esforço inferior á sua potencia, não é tão prejudicial ao seu progresso como submetter a esforço maior o desenvolvimento, que o requer menor. O livro organisado para este servirá para aquella: a inversa não seria verdadeira.

Considero, por consequencia, capital a questão e o limite dos sete annos como o mais conveniente.

A fina percepção de Froebel, pondo o ensino da leitura fóra do jardim da infancia, justifica esta minha opinião, que tem por si o apoio de grande numero de autoridades na materia, e acredo que não n'o negará a maioria dos mestres, que sabem qual é a leitura a que me refiro, isto é, aquella que todo o educador digno do nome deve querer para os seus discípulos.

COMO ensinar a ler, isto é, a preferencia pelo methodo a adoptar, é uma questão, que tem uma preliminar obrigada: dado o mestre competente, em absoluto tudo depende do discípulo. Variando as aptidões, variam necessariamente os caminhos. Tal discípulo aproveita mais pelo appello á sua actividade manual, escrevendo; tal outro, á actividade visual, olhando; tal outro, á capacidade auditiva, ouvindo. Sendo, porém, incontestável que as crianças preferem as cousas completas, e acham, ao menos no vernaculo, como assevera Stanley Hall, as sentenças mais faceis que as palavras, como é certo que aborrecem os detalhes, os elementos e as abstracções, o ponto de partida para o ensino da leitura deve ser o TODO. Este TODO, mais do que a SENTENÇA, é a fala, a descripção, a narração, o DISCURSO, que a instruiu na lingua em que entende e se faz entendida, e que, sob a forma de *conto* ou *historia* escripta, se ha de traduzir a seus olhos, dando-lhe o segredo da representação graphica, em que se faça entendida e entenda.

Analytico, pois, será forçosamente o methodo desde que o TODO ha de ser o ponto de partida qualquer que seja o aprendiz: os processos, que todavia, puzer em jogo, esses hão de combinar-se de modo a que olho, ouvido, bocca e mão se exerçam conjunctamente em collaboração mutua para a conquista da perfeição automatica, mercê da qual a fala escripta

se faz para a intelligencia, travez da visão e da mão, o que para ella é a fala oral, travez da audição e da bocca.

Partindo do Todo e, por isso, analytica, a cartilha n. 1., primeiro livro que entra para as mãos do aprendiz, entra para ella como para a dos seus maiores o livro ou jornal — isto é, para que nelle se entretenha, dahi tirando o prazer procurado pelo interesse que o impulsiona, ou que nelle suscitamos como estimulo ao seu esforço.

Compõe-se, conseguintemente, de uma série de quadros, onde se lhe offerecem aos olhos *cousas e pessoas*, que vão adquirindo papel e connexão pela breve narrativa fronteira, synthese, como se verá, organisada com o que á visão do aprendiz terá dito a estampa e, em resposta ao mestre no colloquio inicial, tiver elle externado.

Trinta ao todo as narrativas, que correspondem a esses quadros, são elles tecidas com um numero limitado de palavras, cuja repetição é disfarçada pela variedade da acção, que se vai tramando com uma simplicidade que, nada as fazendo valer em si, tem para as crianças grande encanto como o tem tantas futilidades — o “non-sensical” e o “doggerell” de Chubb em que encontram diversão predilecta.

Entre os vocabulos empregados, porém, nessas narrativas são postos em destaque e mais repetidos aquelles sobre que tem de se exercer a decomposição, que levará á synthese, chave grãças á qual se abre ao espirito do aprendiz a porta por onde ha de entrar para a consciencia da syllaba e do phonema, eternas desconhecidas suas si a acquisição da fala escripta não lh'as revelasse, como o seriam tambem as palavras si a solução de continuidade, de que os Gregos não usavam, não as isolasse na pagina, que fita.

Esses vocabulos mais frequentes, a que convencionalmente chamo *matrizes*, são, em cada nova narrativa, os introductores dos novos vocabulos, a que se emparelham pela identidade do phonema inicial — phonema esse que se vai assim impondo á indução do aprendiz, e, portanto, naturalmente se isola como uma entidade especial, deduzida do funcionamento, em que é encontrado, e assinalada na variedade de funcções, em que ocorre.

Conhecidos pelo comparecimento frequente, que com elles mais e mais familiarisa, esses phonemas, primeiro pela syllaba

inicial e mais tarde por si sós, evocam ao espirito o inteiro vocabulo, ao mesmo tempo que, concretamente se lhes vai pren-dendo o som, que representa, som emissivel de per si, como o das vogaes e semi-vogaes, ou acostado ás vogaes, como com as consoantes.

Aos vocabulos usados nas narrativas e que se vão fixando pela frequencia da repetição, outros similhantes no som, e, por-tanto, na representação graphica, se vão apresentando, de ma-neira que, por comparação e contraste, vai tambem a inducção operando como aconteceu com as syllabas e phonemas iniciaes em relação ao vocabulo inteiro.

A representação graphica, pois, vai desvendando os seus mysterios á intelligencia, que se deve sentir animada pela cer-teza de que é producto do seu proprio esforço a sciencia e se-gurança do que vai adquirindo.

Em todo o correr dos exercicios, que se referem a cada quadro e correspondente narrativa, visto contar-se sempre que o aprendiz se identifique com o pensamento, tão simples é elle e tão simples a linguagem em que se incorpora, supprimiram-se vocabulos, assignalando com pontos ou traços a sua omissão para que elle os supra. Essa certeza de que o inteiro aprendiz está absorvido no esforço, que faz, é imprescindivel para que esse esforço não seja meramente mechanico e não tire á leitura a expressão, que deve ter, e que é o unico expoente seguro da assimilação do lido.

Desde que o individuo tem de adquirir a linguagem graphica como um meio de transmissão, accresce mais este funda-mento á razão para começar a aprendizagem da leitura pela leitra manuscripta.

Si, com effeito, tendo de escrever, convem que se habilite elle á leitura manuscripta, o mais efficaz meio de conseguir esse escopo é inicial-o simultaneamente na escripta, dando aos olhos o auxilio valioso da actividade muscular. Esse auxilio, porém, deve pautar-se por esforço mental, que assegure a cons-ciencia da realidade que o traçado representa. Reduzil-o á co-pia mechanica dos cadernos de caligraphia em uso, além de exer-cicio material de traçado bonito, é practica sem abono pedago-gico, porque não é ensinar a *escrever*, isto é, a representar por letras o pensamento, mas apenas caligraphar, cousas distin-ctas, que a lingua ingleza designa por palavras bem diversas,

— *writing*, que é o escrever, no sentido de falar por escripto — e *penmanship* ou arte da penna, *caligraphia*, desenho da letra. Portanto desde a primeira lição, segundo o nosso processo, o aprendiz escreve, isto é, representa idéas por logogrammas.

Para esse efecto, uma série de exercícios é enfeixada em caderno especial para a primeira phase da escripta. Ao alto de cada pagina, como modelo onde escolha o que tem de copiar, vão vocabulos já bem conhecidos, tomados dentre as palavras da narrativa correspondente a cada quadro. Abaixo, sobre ou em frente a pauta singela, aparecem varias figuras, ás quaes o aprendiz ha de antepôr um determinativo, copiado dos que ficam ao alto, ou interpôr um connectivo, que as relate, connectivo esse tambem ao alto encontrado. Como o genero e numero grammatical dos objectos figurados varia e varia a relação a estabelecer entre elles, é evidente que, quando o aprendiz copia do alto o que tem de adaptar a cada figura, o faz com consciencia do que está graphando, e, portanto, está identificando som e forma ao mesmo tempo que, na forma, reconhece a idéa representada.

Começando pelos vocabulos mais simples: *o, a, e, é, em, de, dá, por, tem, etc.*, a mão se lhe vai desembaraçando para o traçado mais complexo de vocabulos gradativamente mais extensos; e, como ao mesmo tempo a familiaridade com as *palavras-matrizes* se terá tornado maior, será possivel ir exigindo que o aprendiz faça, de memoria, pelo que ellas lhe representam, seguir ás estampas, ou interpôr a uma e outra, os nomes das *pessoas* e *cousas*, que se lhe fizerem conhecidas pelas narrativas, de maneira a formarem sentenças ou proposições, em que essas mesmas *pessoas* e *cousas* appareçam em nova relação. Finalmente, em occasião opportuna, os exercícios se vão tecendo com elementos das palavras conhecidas, que serão completadas pelo aprendiz, e o todo da pagina formará uma pequena narrativa, que trará como que a crença — a persuasão de autoria á sua collaboração, lisonjeando-o e estimulando o seu progresso. Da primeira á ultima pagina, pois, o aprendiz jamais fará trabalho mechanico pura e simplesmente: sua actividade será sempre dirigida pela intelligencia, que o identifica com o esforço empregado.

Podereis examinar nos exemplos copiados nos quadros-negros o aspecto das paginas dos cadernos de escripta assim or-

ganisados antes e depois do traçado pelo aprendiz. Está claro que, como exemplos, falta entre elles o elo de relação, que desappareceu com a solução de continuidade. Em todo o caso, pelos domingos se tiram os dias santos.

E, como os resultados explicam melhor do que os discursos, aqui vos apresento trabalho espontaneo de alumno, que, começando em meados de Julho do anno passado a aprendizagem da leitura, antes do fim de Dezembro, já, e pelo uso do typewriter, que por si mesmo se adestrou a manejar, vasava sobre o papel as concepções da sua ingenua phantasia, escrevendo em orthographia desautorisadamente phonetica, contos, que se podem ler. E isto sem pretenções a genio, nem genial inspiração de professor *nec plus ultra*. Fructos logicos e naturalissimos do methodo, ao alcance de qualquer aprendiz e de qualquer professor, que o queira applicar.

Tendo em vista fornecer um instrumento, que sirva tanto ao ensino individual como ao collectivo, assentei ser de bom aviso separar em um livro as narrativas tecidas sobre o assunto de cada quadro, organisando outro livro-companheiro com os exercicios, que a cada uma se referem. Desta sorte, aquelle não será prejudicado na sequencia do enredo, que prende entre si os quadros pela intercalação de materia, que não é parte integrante do sentido geral.

Assim decidindo, pareceu-me ter tambem attendido implicitamente á vantagem da instrucção em classe, pois que a esta bastará tambem um exemplar do livro-companheiro, cujos exercicios serão repetidos no quadro-negro, si, dada a despesa que acarreta a impressão de quadros parietaes ou "reading charts", sistema americano, fôr aquelle o campo para a lição collectiva. Pesou igualmente na minha resolução o facto de se tornar assim o livro do aprendiz menos volumoso, e poder constituir, acabado o curso, propriedade do alumno, que certamente terá prazer em conserval-o como recordação das suaves lições dos seus primeiros dias de leitura, si o mestre entender conveniente, com a promessa de tal, estimular o desejo da sua posse, provocando maior applicação.

No ensino individual, quando o aprendiz está em contacto mais proximo com o mestre, o livro-companheiro dispensará o quadro-negro.

Dado o caso que o professor não possa repetir no quadro-negro as estampas do livro-companheiro, nada impede que seja este distribuido á classe, construindo propriedade desta, por quanto o manejo simultaneo dos dous não tem difficultade, nem inconveniencia.

Tambem, comprehendida a accão dos exercicios desse livro auxiliar, poderá o mestre organizar outros de sua invenção, ilustrando-os segundo os meios ou possibilidade, que tenha, e, deste modo servindo de suggestão áquelles, que, sem um modelo, não têm facilidade de idear.

Na Cartilha N.^o 1, que é a primeira posta em mãos da criança, limitei o meu objectivo a ministrar-lhe o conhecimento e traquejo dos phonogrammas nas suas combinações mais simples, isto é, as syllabas formadas de vogal e as de vogal articulada com consoante inicial, embora no contexto das narrativas outras appareçam em vocabulos, que o sentido fixa sem que a analyse se exerça, comtudo, em relação a elles.

A insistencia sobre as syllabas assim formadas terá compensação na rapidez com que as combinações mais complexas, resultantes da sua modificação, têm de ser depois, na cartilha N.^o 2, dominadas.

No organizar os meus planos de ensino de leitura, nunca me deixei dominar pelo que sei que constitue o almejo de grande maioria de pais e mestres: andar depressa. Tive sempre em mente as seguintes palavras de Sarah C. Brooks, inspectora das escolas primarias de St. Paul, Minnesota: "SI, POR MOTIVO DE SUA CAPACIDADE E INTELLIGENTE DIREÇÃO POR PARTE DE SEUS MESTRES, A CRIANÇA DOMINAR O MECHANISMO DA LEITURA EM TRES ANNOS, DE MODO QUE, AO CABO DESSE PRAZO, ESTEJA RAZOAVELMENTE APPARELHADA PARA A LEITURA INDEPENDENTE, CONSIDERAMOS O SEU TEMPO BEM EMPREGADO."

Tres annos entre nós é heresia, porque a leitura de que se cogita é uma cousa muito diferente do que constitue uma verdadeira prenda do espirito e um instrumento proficuo de digno aperfeiçoamento. Todavia, a exageração, que contenha o conceito da illustre educacionista, já eu a deixei attenuada quando me referi ao caso do alumno, que, de Julho a Dezembro, poude alçar-se á dupla-dignidade de autor e dactilographo. Mi-

lagres taes não são raros entre a nossa infancia, sobretudo quando a solicitação para a aprendizagem se faz na razão própria e o methodo adoptado ajuda. Em cinco mezes já vi eu um aprendiz ler mechanicamente a seguinte sentença: "Um pai, que tinha cinco filhos, levou para casa quatro pecegos", arrancando com segurança cada syllaba e ligando-as sem interrupção, hesitação ou pausa, para fechado o livro e perguntado: "O que leste, filhinho?" abaixar a cabecinha cheia de intelligencia, os olhinhos vivazes, e sentir-se humilhado, o pobrezinho, pela impossibilidade de apanhar no esforço feito para unir á forma graphica de cada phonema a idéa representada pelo seu conjunto e o sentido traduzido pelas syllabas decifradas. E deste facto ninguem poderá duvidar da verdade, quando considere que "*enne agá ó enne agá ó*" ou "*enne agá ó nhó enne agá ó nhó*" deve ser *nhonhô*. Pela mesma forma, com a mesma logica, *dó ré mi fá* deve ser *sol lá si dó*, por solfa ou sem ella!

Que isto aconteça mesmo em escola da Capital da Republica, isto é, que o methodo, que leva a taes resultados, impere ainda vitoriosamente na maioria das escolas do paiz, não é assombro nenhum, quando nos Estados Unidos ainda ha educationistas que dizem: "Estais exigindo muito da criança. Cada cousa por sua vez. Quando solicitaes a criança a vencer uma especie de obstaculo, que exige sobretudo da sua memoria visual, não lhe deveis pedir que ao mesmo tempo arque com as difficuldades maiores de pensar e raciocinar: não appelleis para as suas faculdades mais elevadas. Quanto mais depressa o processo se mechanisa, mais de prompto pode a criança attender ao sentido. Que primeiro domine os symbolos; que depois os utilise e interprete." Ah! João Huss, João Huss, ha muito psychologo neste mundo que bem mais merecia a tua phrase do que a pobre da fanatica velhinha!

O Dr. Bosanquet, referindo-se á extensão de tempo, que a primeira instrucção nas letras requeria entre os Gregos, os nossos illustres predecessores e mestres, cujo tino "Minha Terra e minha Gente" tanto preconisa, affirma que os grandes educadores modernos a ella estão voltando, embora com a nossa notação muito mais simples e os vocabulos destacados uns dos outros, nós possamos caminhar muito mais celeremente. Comparados os resultados dos methodos rapidos e dos moro-

sos, sómente hesita na preferencia quem prefere a apparencia á realidade.

Entraremos agora no estudo da terceira questão: PARA QUE LER?

Si ler fosse apenas repetir pela voz o som, que as letras representam, bem pouca utilidade teria a leitura. Que assim a querem muitos antes que ella seja o que realmente deve ser, já aqui ficou dito, e justifica Benecke, quando affirma que é preciso dominar o fastidioso mecanismo da syllabação e da soletração para poder o leitor ocupar-se com o assumpto e assimilal-o. Que não é ella para assimilar o pensamento alheio, affirma-o uma autoridade do maior prestigio, o extinto director da Escola Normal de Chicago, o Coronel Parker: "If it were true that reading is getting the thought of an author, them we should have to suppose that the reader has the power to think as the author thiinks, the same power of imagination the same power of inference, of generalisation; in fact the power to follow the same processes of reasoning."

Para que ler, pois?

"Porque a criança, quando entra á leitura, já traz ao mestre alguns annos de vida activa, a parte mais importante da linguagem oral espontaneamente adquirida, um espirito cheio de energias, cheio de experiencias, e a eterna pergunta: "O que é isto?" — cumpre que nós, ao pol-a defronte de um novo problema, indaguemos qual o melhor movel para acoroçoar-lhe o esforço e guial-a á meta, a que a destinamos. A sua emotividade em demanda de estimulo, que a provoque á acção, ahi está patente aos olhos de quem os não quer fechar. Leval-a, pois, á acção, dar-lhe no exercicio da sua actividade a consciencia de que tem em si o poder de progredir, é *fazer pelo seu caracter o que nunca farão dezenas de paginas aprendidas, mas consegue-o a aquisição do poder moral, demonstrado em habitos de acção.*"

Que a criança, portanto, como quer Parker e nós largamente vertemos, leia para sentir em acção o seu pensamento em confrontação com o pensamento alheio por seus olhos traduzido da mudez da escripta. Que nessa traducção a sua iniciativa se exerça de maneira que sinta ella haver no seu trabalho uma irradiação da sua propria individualidade. O automatismo, a que os exercicios hão de subordinar seus orgãos de percepção

mechanica e mental, deve ser adquirido com a intervenção da sua vontade consciente, percebida no prazer, que deriva da sua applicação. Ler, conseqüintemente, deve ser para ella a satisfação do seu almejo pelo lucro de um goso, em que se sinta activa.

Daqui se vê que, segundo pensamos, a criança ha de ler para se divertir; e, longe do que geralmente se crê, ella se diverte sobretudo quando a empregam em trabalho serio, isto é, em trabalho que mais a approxima dos grandes para ser um dos quaes está crescendo a toda a hora. "Children are perfectly serious; they always want to get to business; and like to believe they are doing something useful", dizia Meiklejohn. Não sei si traduziria bem ou si teria aqui bôa applicação o anexim, que nesta terra aprendi: "Serviço de criança é pouco, mas quem o perde é louco". A modo que delle se poderia tirar a mesma moralidade que das palavras do eminentе educacionista britannico.

Si a criança é seria, isto é, si discrimina bem brinquedo e trabalho, que de mais serio que entregar-lhe um livro, onde vai achar o que os seus maiores ahi procuram: a distracção, o supplemento ao saber, pela descripção, pela narrativa, pela doutrina — conto, historia ou tratado?

Terei errado, mas ahi está a razão porque nunca adoptei para assumpto dos exercicios as sentenças constituidas pelo aprendiz sobre objectos com que já está familiarisado á saiedade.

Por ventura aprende elle a ler para ler o que pensou e disse? Não aprenderá antes a ler para pensar o que puder sobre o que disse um outro? Que novidade tem para elle a phrase banal, que lhe saiu da bocca sobre um objecto trivial? Que interesse o pode levar á contemplação da forma escripta de conceitos seus, que nada de importante, de curioso ou de engracado registram?

Não é, porém, para elle um prazer contemplar uma estampa e, de collaboração com o mestre, nessa doce *joie d'être ensemble*, traduzir em linguagem o que as figuras lhe declararam e suggerem, recebendo do collaborador o que seus olhos e imaginação lhe não podem dizer, mas lhe sacia a curiosidade e o habilita a se ir identificando com a acção, que cousas e personagens vão tramando?

E, quando vai vendo tecer-se a seus olhos e com o seu concurso essa trama, e, depois, a vê perpetuada pela letra, que fronteia o quadro, essa letra que para elle ganha entidade desde que pôde immobilisar a imagem fugida com o silencio da fala, não se torna numa seducção pela certeza de que por ella pôde gosar novas imagens, arrebatar-se no enleio de outros contos, vêr o que os outros viram, e, dessa arte, dilatar o campo da sua visão, multiplicando por assim dizer as suas faculdades e vivendo sem o constrangimento dos limites do espaço e do tempo?

Em 1896 disse eu: "Si a linguagem, as palavras relacionadas, é o que a criança entende, um conto, preferivelmente a uma sentença, deve ser a primeira apresentação da forma graphica.

O tempo caminhou e eu ahi fiquei. Abro, pelo caminho, os livros e consulto a opinião dos que mourejam na mesma seara. Pensam commigo.

"As sentenças feitas por encommenda pelo plano das lições de Ollendorf em francez e allemão, sentenças que implicam uma approximação de idéas impossivel e absurda, não são o typo de sentenças, que cultivam o poder de pensar, dizem Carpenter, Baker & Scott nas suas lições sobre o "Ensino do Inglez", pagina 116.

"..... assim se evita o grave erro pedagogico de nutrir os aluinnos com sentenças desconnexas e disparatadas, taes como: "Abra a janella", "Assente-se na cadeira", "Fique de pé num pé só", etc., affirma Ida A. Shaver, na sua monographia, contribuida para o volume sobre "Methodos do ensino da leitura em dez cidades".

"Muito da pericia, que se adquire na leitura, depende dos assumptos escolhidos para as nossas lições. Desde principio, o trabalho de qualquer dia, semana ou mez, se unifica.

A obra é planejada de modo a formar um todo organico.

Por esta organisação do trabalho e associação de idéas estimula-se o interesse e a criança mais facilmente retém e recorda os factos, que lhe foram apresentados. Com o interesse e entusiasmo crescente, manifesta-se tambem crescente actividade mental e até os exercicios mechanicos são apreciados. Durante as primeiras semanas de escola, mesmo numa historia, uma fabula, uma poesia serve como thema central, não só para a leitura, mas para ponto de convergencia, a que se ligam as

lições das outras classes", declara Loula Bradford no mesmo volume citado, como professora das escolas de Birmingham, Alabama, e herbartista, qual se mostra.

Todas estas citações se referem a escriptores americanos. E', entretanto, singular que a grande maioria dos *primers* ou cartilhas usadas nos Estados Unidos sejam as do typo da Cartilha de Arnold, em que esta unificação, esta dependencia de partes para a constituição de um todo, não é a regra. Ninguem pôde, sem esquecer a verdade que deve ás suas affirmações, dizer que seja materia capaz de inspirar interesse a quem quer que seja, e, portanto, a uma criança, a leitura de coisas como estas:

Eu vejo

Eu vejo uma

Eu vejo uma

Eu vejo uma

Eu vejo um

Eu vejo um

Eu vejo um

da primeira pagina do Step by step de S. C. Peabody; ou

Eu vejo um cavallo

Eu tenho um cavallo

Tens tu um cavallo?

da primeira lição do beginner's reading book de Eben H. Davis; ou

Este é Carlos.

Bom dia, Carlos.

da Cartilha de Arnold, vertida para o vernaculo.

O que Jacotot viu e a alta pedagogia do nosso tempo aceitou como logico e pratico, isto é, que á criança se devem apresentar idéas e assumptos para ella apreciaveis e apreciados, que lhes imprimam na memoria a imagem da palavra, fica esquecido por estes applicadores.

Entretanto, no que esquecem é que estaria o grande lucro do aprendiz para quem elaboram os seus livros, com fadiga compostos e fartamente illuminados.

Não só na mesma pagina as sentenças não guardam entre si continuidade de sentido, como entre pagina e pagina nenhuma relação se estabelece.

Póde, porventura, haver prazer ou proveito algum em decifrar a semsaboria de phrases e phrases desgarradas, em que as palavras apparecem para sua fixação material por esforço isolado dos olhos, visto que a emoção do interesse, que despertam, não abre a intelligencia á sua assimilação espiritual?

Ainda no systema da chamada concentração comprehendese que a leitura, que é incidente á aprendizagem de todas as disciplinas, se faça por palavras e sentenças desconexas pois ahi suppõe-se ganharem ellas realidade e interesse pela satisfação adveniente do nexo resultante da coetaneidade com que surgem idéa e forma, imagem mental e phonica ou graphica.

E' o que claramente se infere das palavras de Loula Bradford, atraç citada, mórmente quando affirma que "durante as primeiras semanas de escola, mesmo uma historia, uma fabula, uma poesia, se empregam como thema central, não só para a leitura, mas para ponto de convergencia, a que se ligam as lições das outras classes".

Assim, sim; assim a leitura de palavras e sentenças pôde tolerar-se, porque o sentido, que apparentemente não tem, existe de facto na trama da cultura, que o espirito está recebendo — as palavras e sentenças vem a ser como marcos plantados ao longo de um caminho andado com satisfação para fixar o rumo determinado e possibilitar o percurso futuro.

Como, porém, nos exemplos transcriptos, é de todo o ponto inaceitavel a practica. Podera, sem muita crueldade, applicar-se-lhe o que disse João de Deus da soletração e da syllabação *mutatis mutantis*: isto é, que "o alumno, conduzido através dos elementos inertes e inexpressivos do pensamento, reduz-se á posição de repetidor de uma cambulhada de miudezas trivialissimas, que não o divertem, nem instruem, atrophiam-lhe o espirito e deixam nelle impresso o habito da leitura mechanica, senão, muitas vezes, o sello do idiotismo."

Cousa curiosa! Sarah Louise Arnold, a autora da Cartilha de que acima transcrevemos a primeira lição, diz, na compilação de monographias, a que nos temos vindo referindo:

"Faz-se, desde o principio, a tentativa de dar ás crianças alguma noção do fim da leitura, de maneira que elles ganhem vontade de ler livros. Lêm-se-lhes historias, afim de lhes mostrar o que os livros contêm, que lhes traga prazer. O material escolhido para as primeira lições é, quanto possivel, o que para

ellas tenha interesse, contendo cada sentença um pensamento digno de fixar. Tal qual uma criança quebra uma noz para lhe comer o miolo, assim se esforça o discípulo por descobrir o sentido e mostra-se disposto ao trabalho que isso impõe. O primeiro vocabulario trata de objectos familiares ás crianças e as primeiras sentenças exprimem o pensamento das crianças sobre estes objectos."

O conteúdo dos livros é revelado ás crianças para as estimular, aguçando-lhes o desejo de lerem outros, que as emocionem e tragam prazer; entretanto, para uso delas, escrevem-se livros que contêm as coisas que conhecem e o que pensam a respeito! Maravilhoso!

"Ei-lo aqui", diz Emma C. Davis, com a admirável intuição da mulher, que sente e sabe exprimir a verdade, "ei-lo aqui este entezinho, que de tudo se espanta e tudo inquire, bracejando para um lado e para outro a vêr si agarra quanto pedacinho de informação pôde, afim de ajuntal-o ao que lá adquiriu, e, esforçando-se como melhor ao seu alcance por emendar cada fiapinho, que consegue, aos que já havia apanhado, e com elle tramar e urdir a teia do saber neste mundo. Eis agora o mestre, que o vai estudar para descobrir quaes são os pontos de contacto do seu íntimo com o mundo exterior; quaes as linhas que segue; o que o embaça; o que deseja saber; quaes trilhas buscam os vôos da sua phantasia; quaes as suas aspirações; quaes os elos que faltam ao encadeamento da sua ciencia dos factos — em uma palavra, quaes os seus interesses na vida. Achados, então, estes, como nós o temos, no círculo da vida humana, no mundo da natureza e no mundo das actividades sociaes, o mestre procura, em seguida, descobrir as phases particulares destes, que mais proximas estão dos discípulos nas condições do seu meio especial e da sua especial experiençia, afim de fazel-as reflectidas no trabalho diario da sua educação. Porque é sobre estes interesses inherentes á criança que nós havemos de basear os nossos planos de trabalho no escopo de que o impulso para aprender, para fazer, venha de dentro, e a criança se desenvolva pelo exercicio da propria actividade. Este principio de desenvolvimento pela propria actividade é uma das verdades fundamentaes, que constituem o nosso credo profissional.

Outra é que o poder de dar expressão propria ao que se concebe consubstancia o mais elevado almejo de espirito humano depois da esperança da immortalidade. Que a expressão propria conduz á realisação independente e original é a terceira. A realisação independente e original depende de dois factores: a criança intima, isto é, seus impulsos, desejos, volições e pensamentos — e a vida exterior, o que vale dizer, o meio espiritual e material. Só reputamos este, aquelle ou aquell'outro methodo de valor, quando empregado convenientemente como instrumento, que habilite a criança a se desenvolver por intermedio das suas proprias actividades com sufficiencia para a cada vez mais perfeita realisação independente e original."

Não é esquecer a sabedoria de taes palavras quando, á criança, que entra para a aprendizagem "adestrada pelo ouvido" na linguagem para se fazer pela vista "destra de olhos", nós impomos palestras, que a suppõem uma tabula rasa, em vez de lhe offerecer pabulo, que o seu espirito pode perfeitamente assimilar e través do qual ella será conduzida aos mysterios de uma nova forma, tanto mais facilmente desvendavel quanto maior for a sua familiaridade com as idéas e pensamentos, que nella se incorporam?

E, si as historias, que a imaginação alentada pelas primeiras narrações do lar, torna desejadas, são um repositorio precioso de vocabulario já assimilado e que, pois, se presta perfeitamente á iniciação da nova forma, porque não ir dari tirar o motivo das lições, em que trabalho e satisfação se consorciam com proveito mutuo?

Historias, sim, historias simples e muitas, prendendo-se na teia ininterrupta de capitulos, que constituem como um todo, eis a estrada pela qual a leitura do pequeno se approxima da leitura dos seus maiores, aproveitando como possivel a sua actividade actual e as aspirações de futuro, que o impellem a identificar-se paulatinamente com o grande que ha de ser um dia.

Sem especificadamente determinar a gradação a estabelecer na materia, que deva constituir o curso subsequente ás lições primeiras, a ultima das interrogações, isto é, O QUE ENSINAR A LER, ficou respondida no que até aqui temos dito.

O que ha de a criança ler? O que com interesse lêm os seus maiores, isto é, aquillo para que a sua idiosyncracia a dispõe, — aquillo para que o meio e a educação a inclinam, — aquillo que lhe appetece segundo a sua capacidade peculiar para o appetite, si lhe deixarem livre a escolha, quando senhora da arte da leitura; — aquillo que é accessivel á sua capacidade mental no momento; — aquillo que se conhece como consultando as disposições normaes de sua idade; e, enquanto sujeita á acção dos mentores, a quem incumba o encargo da sua cultura, aquillo que pode emocional-a com beneficio seu; — aquillo, emfim, que é capaz de lhe educar o coração e formar o carácter, lisonjeando a sua imaginação naturalmente propensa ás idealisações, que tambem tão gratas são aos seus mais velhos.

Começando, ao iniciar a aprendizagem, por pequenos entrecos illuminados por estampas, em que se concretise o scenario e a acção dos personagens, irá o mestre, a pouco e pouco, por selecção criteriosa, respigando na seara da bôa literatura o que se lhe fôr offerecendo como mais capaz de lhe formar o bom gosto e accrescentar á belleza, riqueza e proficuidade de expressão, sendo, subentende-se, ao mesmo tempo assimilavel pela capacidade actual do leitor.

Ou na prosa ou no verso, a seara da nossa propria lingua lhe fornecerá messe abundante, convindo preferir os todos aos excerptos e cuidar mais do goso real das obras que da biographia e critica dos seus autores. A deficiencia seria para os primeiros annos, pois que a nossa bibliotheca didactica é ainda pauperrima de livros escriptos por quem tenha competencia pedagogica unida a talento literario. Na peregrina, porém, não falta onde buscar supplemento. Lá o encontrou a Serie Rangel Pestana, que tem prestado e presta ainda bons serviços apezar dos seus annos. Da sua compilação para cá, muito se tem accrescido o cabedal onde a bôa vontade dos mestres possa encontrar satisfação.

Voltando, depois de discutidas as preliminares, a que se pôde reduzir a questão do assumpto da leitura, á organisação, que dei aos meus recentes trabalhos, isto é, as Cartilhas n. 1 e 2, seu livro-companheiro e cadernos de escripta, direi, quanto a detalhes, que os extremam dos congeneres, elaborados em conformidade com o methodo analytico, quaes sejam esses e a sua razão de ser, ficando assim tambem demonstrado porque me

afasto das Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico, elaboradas pelos distinctos mestres Ramon Roca Dordal, Mariano de Oliveira e Arnaldo Barreto, publicadas pela Directoria Geral da Instrucção Publica deste Estado e do exposto pelos Inspectores escolares Miguel Carneiro, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes na monographia "Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar", pela mesma Directoria publicada.

1.^º — Toda a leitura é feita em typo manuscripto desde os primeiros até aos ultimos exercicios da Cartilha n. 1. E' nesse typo que o aprendiz tem de escrever. Nelle, portanto, aprenderá a representação dos valores phonicos, que terá de empregar como transmissores do seu pensamento pelo emprego da linguagem graphica, em que se instrue. Si, como affirmam todos os praticos, a transição do impresso para o manuscripto não offerece difficultade, não a pode offerecer tambem a deste para aquelle. Para que, portanto, logo de entada, assoberbar o aprendiz com duas coisas, que, separadas, se facilitam, e, simultaneas, se aggravam? A não ser como o fazemos, de melhor aviso fôra introduzir logo o typewriter na escola primaria e substituir a caligraphia pela dactylographia.

2.^º — Até á transição do manuscripto para o impresso, não emprego o maiusculo. A razão é identica. Historicamente, o maiusculo precedeu o minusculo. Este fundamento, porém, pouco peso tem. O que importa é que o aprendiz, pela linguagem oral que possue, entre na posse da graphica correspondente. Ora, o maiusculo se intercala no minusculo por excepção: segue, em geral, os pontos finaes e assignala os nomes proprios. Quando, portanto, o aprendiz tiver a posse do minusculo e poder ver a facilidade que, para a leitura, acarreta a adopção do maiusculo, assim como reconhecer na inicial do nome proprio uma diferencia especial, esse será o momento psychologico para o metter na convenção da escripta. Dominal-a-á elle, então, com mais presteza visto saber-lhe

a razão e não terá tido a travancar-lhe a marcha uma simples questão de forma diversa para o mesmo effeito. E' um processo provisorio em beneficio do progresso melhor como o engatinhar o é no apparelhamento para o andar, disse-o eu a Miss Brown quando me ponderou que, pelo meu processo, eu instruia a criança no que não era verdade. Ainda hoje acho a resposta muito feliz. Meus discipulos sabem maiuscular; os que não minusculisam sempre, esquecem-se muitas vezes da regra, em que de entrada se metteram.

3.^º — Ou emprego figura ou emprego palavra para representar a idéa. O emprego cummulativo de uma e outra, acho-o inutil para o não qualificar de outro modo. Quero dizer: quando tenho de tecer um exercicio e convém empregar um vocabulo de que não preciso como *vocabulo-matriz*, emprego a figura como meio de possibilitar a sentença ou narrativa sem sobrecarregar o aprendiz, dando ao mesmo tempo variedade ao aspecto da pagina e goso a olhos, que sempre se recreiam com illuminuras; e, quando a palavra me é necessaria para aquelle fim, emprego-a isoladamente da figura para que toda a attenção do alumno se concentre n'ella. N'este ultimo caso, si empregasse a figura, é claro que o faria sem proveito para a fixação da palavra, para a qual o aprendiz nem olharia, salvo si fosse um pobre de espirito, porque onde está o mais facil nenhum experto comprehende o mais difficult. A lei do menor esforço, a que "MINHA TERRA E MINHA GENTE" malsina com o nome de preguiça, esperou que Darwin a formulasse mas estava ha muito tempo praticamente applicada até pelas nossas benditas e queridas crianças, brancas, vermelhas ou pretas.

4.^º — Uso com frequencia das omissões para serem supridas pelo aprendiz. O fim, que viso, é evidente: assim me certifico de que vai elle levando comprehendido o que lê. O sentido é o seu fio de Ariadne. E o meu tambem; porque si o aprendiz, pelos elementos presentes,

não chega aos ausentes, vejo logo que não está elle em minha inteira posse e ponho-me a correr atraz do que me falta para o possuir inteiro. Nós, os grandes, podemos lêr o que lemos com a suppressão de muitas palavras, como, por exemplo, num telegramma. O aprendiz o fará com satisfação visivel, a mesma com que vai atraz do escondido no Tempo-será, porque vê na exigencia uma prova de confiança na sua capacidade e parece-lhe que sabe mais do que realmente sabe, o que é um lucro, pois nada anima tanto quanto a convicção do proprio valor. Na vida, todos nós, não nos animamos com a insignificancia do que realizamos para ter, como temos, a coragem de viver?

5.^o — Insinuo em cada narrativa, sem violencia á naturalidade da mesma, as palavras concretas de cuja syllaba inicial, como a mais conspicua por mais suggerida pelo sentido antecedente, ha de o aprendiz deduzir syllaba e som do phonema. Tanto quanto possivel, em uma média de menos de quatro por lição, foram escolhidas tendo em vista o vocabulario mais conhecido pela criança de qualquer meio, porque além de lhe ser a idéa, que representam, mais familiar, é das que a interessam — e o fito da primeira leitura não é iniciar em idéas desconhecidas por palavras novas, sim, por palavras velhas, evocar idéas conhecidas. Cada cousa por sua vez, aqui é tambem a boa regra. O criterio, que operou a escolha, foi: (1.) necessidade da palavra para urdidura da narrativa; (2) preferencia á mais commum; (3) variedade de soni nos phonogrammas vogaes, para sem notações diacriticas, habituar a distinguil-os pelo sentido; e, (4), comprehensão de todos os phonogrammas, excepção apenas de k y e w, de rara occurrence em vocabulos de uso infantil.

A respeito da selecção d'esses vocabulos, a que chama “*normaes*”, assignalando a enorme variedade de principios, em que se têm baseado os processos empregados pelos muitos applicadores do methodo analytico, diz Stanley Hall:

“Quanto mais subtil a analyse e mais apurada fôr a conformidade com determinadas condições na escolha das *palavras normaes*, tanto menos perfeitamente serão satisfeitos os outros desideratos. Não é possivel congraçar todas as vantagens n’uma serie de palavras, ou mesmo de ruidos sem significação, de modo que as varias séries de *palavras normaes*, tenham todas merito mais ou menos igual; sim que se considerem melhores aquellas, que realisem, embora parcialmente, a maior parte das condições de excellencia.”

Tendo em vista que “qualquer que seja o methodo adoptado o verdadeiro trabalho da leitura, isto é, o poder de lêr por si, começa quando o discipulo analysa as palavras, decompondo-as nos seus elementos phonicos e phonographicos, e fazendo com esses elementos a synthese, que apresenta á sua consciencia uma nova palavra”, eu, na apresentação das minhas *palavras matrizes*, não me preocupei absolutamente com relação de som ou forma entre elles: fiei-me da verdade concretizada no preceito de Jehonnet: “O sentido no começo; o sentido no meio; no fim, e sempre, o sentido.”

Quando, porém, da leitura da narrativa, faço passar no livro-companheiro aos exercicios em que os mesmos elementos combinados tecem sentenças e narrativas connexas, ou esclarecidas por estampas, de modo a que concretamente o aprendiz veja que, com o que por escripto se diz uma cousa, tambem se pôde dizer outra, tal qual como com as palavras com que na fala exprime isto pôde exprimir differente: “Papai mata a onça” — “A onça mata “Papai” — então sim; então as formas similhantes são, postas em confronto proximo e constante, auxiliando a inducção do aprendiz a exercer-se, afim de chegar á deducção, que os mesmos exercicios preparam o que o conduzirá ao que os Saxonios chamam ser “self-helpful” e a nossa lingua, em termo mais abstracto, traduz por *actividade independente ou autonomia de acção*.

6.^o — Sem preocupação de enriquecer vocabulario ou de ministrar conhecimentos quaesquer, porque a dominante, quando se trata de leitura, deve ser “ensinar a ler”, esforço-me por tramar com o menor numero possivel de palavras, as narrativas, que constituem a Cartilha N. 1. Assim, com 410, contadas como distinctas as variantes da mesma, escrevi as trinta narrativas; e, no livro-companheiro, as accrescidas por analogia de forma e por synthese subiram o total a cerca de duzentas mais.

A Cartilha de Arnold, por exemplo, nas oito primeiras secções, que vão até á pagina 11, emprega 27; eu, nas 30 linhas, que correspondem ás d'essa parte, emprego 36 para a leitura, e, nos exercicios, por ellas chego a 29 mais. A comparação dirá aos entendidos o que é mais pedagogico, quando se lhes tiver declarado que, das minhas palavras, 17 são concretas, enquanto são taes apenas 8 das de Arnold, e que eu fiz lér quatro narrativas, enquanto Arnold occupou o aprendiz com sentenças desgarradas, “scrappy” como lhes chama sua patricia Ida Shaver, ha pouco citada — sentenças umas relativas ás estampas, mas pela maior parte sem connexão com ellas, visto referirem-se ao leitor, implicando perguntas ou ordens — action sentences — que melhor ficariam como exercicio oral ou correlato, pois nenhuma função tem no contexto.

Notar-se-á que, sem dados para calcular o tempo preciso ao percurso de cada secção de processo Arnold, que antes mencionei, o necessario ao percurso das minhas narrativas e respectivos exercicios, computando-o pelo numero de paginas, e cada pagina representando uma lição, sendo a hypothese a de uma criança pouco intelligente, seria de 330 dias.

Passo de kagado! dirá quem mais rapido queira o curso do principiante. De acordo, visto que a psychologia applica ao progresso mental a lei, que rege a queda dos corpos; e, si erramos, ella que tome a si a culpa. Uma criança ouve mezes e annos para chegar pelo balbucio á fala. Que muito é que não aprenda a ler com a rapidez da electricidade quem quer ler com

a certeza de orientação da agulha magnetica? Que muito é que não corra, quem pelo caminho faz duas colheitas: a da interpretação da escripta alheia e a aquisição da escripta propria?

7.^o — Tendo por verdade que, do conhecimento da palavra como *todo*, o aprendiz parte logo para a confrontação com outras, que vai adquirindo, e a sua estructura se lhe vai revelando a pouco e pouco, da mesma fórmula por que a continuidade da fala, quando entrou no conhecimento da forma escripta, se lhe revelou subsistente apezar da solução de continuidade entre as palavras, os exercícios referentes a cada narrativa vão gradativamente auxiliando a sua observação espontânea na inducção, que o ha de levar á posse da leitura independente. Ao lado, pois, dos vocabulos de fórmula analoga, aparecem os vocabulos *normaes ou matriizes*, impressos em côres para que o facto inconsciente da emissão da syllaba coincida com a sua representação individual, e, assim se torne consciente, ficando logo dominado para a analyse e consequente synthese, que asseguram a leitura e a escripta, definitiva e efficamente.

O horror, que têm alguns a esta analyse inicial, é descabido porque, embora ninguem leia porque sabe o valor das letras, sim porque tem a pratica do grupo d'ellas, que representa idéas suas familiares, é indubitable e indiscutivel que, para ler e escrever, se ha de forçosamente adquirir o valor dos phonogrammas na variedade das combinações em que podem ocorrer.

E' um exagero ou uma falsa comprehensão do processo analytico, que justamente assim se chama por partir de *todos* phoneticamente conhecidos, em cuja posse põe o aprendiz, para os seus elementos phonicos inconscientes em vez de lhe ministrar primeiro elementos inconscientes para elle os combinar em *todos* conscientes.

Mostrar, porém, pelos olhos, ao aprendiz, o que, pelo ouvido se lhe não tornou consciente, é pôr de harmonia a acção de dois sentidos, e, portanto, mais effi-

cazmente penetrar na intelligencia, a que se quer falar.

Para adoptar ou repellir, é necessario estudar o facto psychologico e proceder de acordo com o resultado a que, pelo bom caminho, se chegue. Analyse e synthese, longe de antagonicas, integram-se. Como dellas servir-se é a sciencia, que guia o criterio do mestre.

8.^o — Sendo, como diz Mary R. Atwater, difficil que a maioria dos mestres organisem uma serie de exercicios em sentenças connexas, que tenham poder de interessar a criança e dêm a necessaria repetição ás palavras novas sem, pela monotonia, gerar enfado, pareceu-me que seria melhor organisal-os, como o fiz, em livro separado e numerosos bastantes para d'elles o mestre se servir em tanto quanto fôr necessario á adestração do aprendiz. Para o emprego do processo com o livro de leitura que dou, era indispensavel assim proceder. Não penso que os livros americanos ou os organisados pelos seus moldes, que tudo deixam ao quadro-negro, sejam auxiliares, que descansem o mestre e assegurem ao processo fiel execução. Essa a razão principal da acceitação difficil que tem tido o methodo analytico, assim como a divergencia em que encontro de comprehensão das suas incontestaveis vantagens.

A diferença, que separa o meu processo do seguido pelos operosos, competentes e dedicados mestres, a quem de entrada me referi, os srs. Arnaldo Barreto, Theodoro de Moraes e Cardim, autores de livros em que tem applicação os principios do methodo analytico, assim como a divergencia em que encontro o exposto com as instrucções, aliás excellentemente elaboradas e inspiradas em pratica intelligente e com abono pedagogico, a que tambem fiz allusão, fica implicita na exposição dos pontos, a que a minha pratica me levou a obedecer no moldar as lições graduadas, que destino ao uso dos meus patriciosinhos.

Os meus illustres collegas continuaram a iniciação pelo typo impresso, ou, antes, occupam simultaneamente o aprendiz com esse e o manuscripto, unindo assim duas formas diversas,

como unem maiusculas e minusculas, por mim separadas, o que quer dizer, complicando o problema ao principiante em vez de lh' o facilitar.

Tiram das figuras, insertas no texto, um proveito diverso daquelle, que eu tiro, pois eu as tomo como um recurso para facilitar o tecido da narrativa, ou as dou como substituto á palavra sobre a qual se não fará a analyse, que habilite á synthese.

Não empregam a emissão de palavras claramente subentendidas pelo sentido afim de se assegurarem de que o aprendiz vai sempre na posse mental do que lê.

Não se percebe na deducção das lições de um e outro que tenham tido em vista um grupo de palavras concretas sobre as quaes se deva fazer subsequentemente a analyse, destacando o valor das syllabas e dos phonemas — analyse, que, entretanto, sem exercicio bastante da inducção, iniciam, a meu vêr, prematuramente, impondo, por isso, os elementos, mais pela memoria do que pela *self-realisation* da sua função e consequente valor.

Finalmente, não parece haverem tomado em linha de conta a maior ou menor complexidade dos phonemas e phonogrammas para os separarem por classificação dirigente e, por ella, exercerem proficuamente a observação do aprendiz o que, dando aos exercicios primeiros mais folga para tornar interessante a narrativa, asseguraria aos posteriores maior celeridade de apprehensão, dado que a difficuldade material da graphia se houvera alliviado, quando reservara para esses as simples modificações de elementos já assimilados com firmeza, pois é evidente que, a quem possue e maneja: a, e, o, ba, bo, ca, co, da, de, di, do, du, etc., — nenhuma difficuldade offerecem al, ar, as, an, el, er, es, en, bal, bar, bas, ban, etc.; ou a quem destacou b, c, f, g, p, t, como elementos, é facil dominar bla, blar, blas, blan, cra, crer, cres, cren, etc., si um adestramento systematico procedeu a exigencia da sua prompta emissão.

O que teria convindo era que os distintos mestres, dado o devido desconto á circumstancia de ser a graphia vernacula de muito menor complexidade que a ingleza, seguissem a pratica dos americanos, em cuja didactica se inspiraram e nos inspiramos, organisando cartilhas seriadas como seriados são os seus *primers*. Assim, a tradicional recomendação do “simples para o complexo” teria ficado mais bem attendida e muito

mais suave seria ao aprendiz a conquista desta arte, que os iniciados acham muito facil, mas ganha sempre em ser posta ao alcance da intelligencia pelo caminho menos arduo e que mais se approxime daquelle, que o espirito segue na conquista de tudo mais que emprehende submeter ao seu dominio.

Posse do mechanismo e cultura mental — são os dois objectivos, que o processo analytico bem comprehendido realisa perfeitamente. A uma e outra, os illustres mestres Arnaldo Barreto, Theodoro de Moraes e Cardim, como eu, se esforçaram por dar a devida attenção. Eu, porém, preferi a narrativa concatenada em capitulos apparentemente desconnexos, onde, entretanto, a identidade dos personagens, cousas e scenarios constitue para a criança a trama, que ao adulto se faz pela sequencia da acção; elles optaram pelas sentenças mais ou menos proximamente connexas, a que casaram outras com endereço ao leitor sobre o objecto da estampa, no intuito do emprego das palavras postas em jogo.

Elles vão distribuindo ao longo das lições os diversos “passos”, por meio dos quaes completam o cyclo, que conjunge analyse e synthese, exercendo a inducção do aprendiz para a deducção, que collimam; eu, a cada narrativa, faço seguir a série de exercicios, que põem em jogo os elementos nella assimilados sobretudo pela acção do sentido em sequencia, de modo que, gradativamente, pela comparação, esses elementos se vão apprehendendo no seu todo e nas suas partes componentes, demonstrando praticamente ao aprendiz que o que vai ficando conhecido é chave para o que tem de o vir a ser, e elle, por propria iniciativa, pode dominar.

Assim, ao passo que elles, ao cabo da quarta lição, têm exercido o aprendiz sobre 19 palavras, um, e, o outro, sobre 15, ou, sobre a primeira narrativa, nos onze exercicios, que se lhe referem, com 13 palavras, sendo 4 concretas e 9 de relação, chego á posse de 17 outras, que lhes são connexas pela forma, e som, considerando-as no seu todo e nas suas partes, sem com tudo precipitar a analyse, pois que só se lhe revela essa na concordancia entre olhos e ouvidos para, no mesmo symbolo, perceber o mecanismo da combinação com que as idéas se representam graphicamente.

De “menina, dudu, gato e macaco” sahem “bate, cato, mato, pato, rato, gata, bata, cata, mata, pata, rata”; de “aqui” sahem

"ali e ahi"; "menina e macaco" dão "nina e caco"; "gato e menina" dão "tome"; "gato e macaco" dão "toco"; confrontam-se "e e é" "e e está"; e, pela escripta, fixam-se "a, e, o, é"; restando apenas a se fixar pelo confronto, repetição e sentido "está e chama-se".

Começando com a apresentação da primeira narrativa ou sentença escripta a revelação ao aprendiz de um facto que escapava á sua percepção, isto é, a solução de continuidade entre os sons ou vocabulos, que exprimem as idéas que se relacionam para constituir a declaração da sentença, — ou, em outras palavras, tornando-se, então, sensivel aos seus olhos, e, por elles, á sua consciencia, que o que ouve como uma unidade, um todo, é um aggregado de partes, pareceu-me que, dessa primeira analyse, passando a syntheses que dessem em resultado novas declarações ou sentenças, o espirito do aprendiz já estaria preparado para vêr no *todo*—palavra os elementos de novas palavras como no *todo*—sentença vira os elementos de novas sentenças. A sua indução natural o promptificaria a vêr na palavra, que é elemento da sentença, a syllaba, que é elemento da palavra, como mais tarde verá na letra o elemento da syllaba. Apresentei-lhe, consequintemente, no assignalamento da côr, a coincidencia da emissão inconsciente para a tornar consciente, isto é, concretisei a idéa da syllaba por essa caracteristica da côr como a solução de continuidade entre os vocabulos já, no seu espirito, concretisara a da palavra, para, depois de sufficiente impressionamento, entrar na analyse systematica e consequente synthese, ao fim da 6.^a narrativa, e continual-a d'ahi em diante com maior frequencia até ás ultimas lições.

Os meus illustres collegas seguiram outro norte, talvez mais bem inspirados e de melhor resultado na practica; todos, porém, respeitámos os preceituados essenciaes do methodo, movendo-nos com aquella espontaneidade, que deve ficar sempre a quem se prende a uma actividade qualquer, afim de que a sua operação technica não se ankylose numa rotina esterilisante e esterilisadora.

Em vista do exposto, deprehender-se-á que a diferença entre o meu modo de encarar o desenvolvimento pratico a dar á leitura e o dos mestres paulistas, que para ella têm elaborado livros, está sobretudo no ponto de partida, pois que eu dou á criança o livro com assumpto á altura da sua capacidade e na

medida do seu interesse, mas organizado como o é o livro, que lêm os seus maiores, enquanto elles enfeixam nos seus livros as séries de exercicios, que agilitam na leitura e eu separa em volume para o mentor, mãe ou mestre, não tramando em unidade uma accão, e, portanto, não fazendo do livro um todo, quando poderiam distinguir entre o que é leitura e exercicio para a sua acquisição.

A historia em estampa, que suscita a actividade mental do aprendiz, pedindo, para satisfação da curiosidade, que se despertou, a narrativa, que o desenho não pôde suprir — as estampas ligadas entre si pela continuidade da narrativa, formando, no seu conjunto, capitulos de um livro — esses capitulos, pelo assumpto e pela linguagem, postos dentro da preferencia e naturaes interesses do leitor — os elementos contidos nesses capitulos fornecendo os que a synthese recomporá em novos todos — eis, me parece, o caminho, que mais prompta e seguramente levará mestre e aprendiz á realisaçao do que mais vantajoso a cada um é no ensino e aprendizagem da leitura.

Sem embargo da minha convicção de que por este processo, que indico, é que o methodo analytico assegura os resultados primeiros e ultimos de um ensino bem orientado, não sou exclusivista: penso que não ha vantagem em suprimir ao mestre, que tenha segurança no manejo de um processo especial, aprovado por sua experiencia e que não faça violencia á hygidez cerebral do aprendiz, o uso do mesmo processo. Reconheço, como Stanley Hall “que não ha um só e orthodoxo methodo de ensinar e aprender esta mais ardua e grande de todas as artes, em que ouvido, bocca, olho e mão devem, cada qual a seu turno, exercer-se reciprocamente até conseguirem perfeição automatica.”

Como, porém, reconheço tambem com Chubb que “o mestre tanto se deve preocupar com os processos como com os resultados, pois que os processos são sempre vitalmente importantes na cultura mental das crianças”, não posso deixar de inculcar por melhor aquelle a que uma experiencia longa, conscientiosa e — porque não direi? — intelligente, na especialidade, me tem trazido a considerar como melhor?

A resposta ás perguntas, que todo o mestre, qualquer que seja á sua especialidade, se deve propor ao passar em revista os seus esforços durante um certo periodo de actividade no

ministerio delicado, que exerce, isto é: O meu trabalho tem deprimido ou avigorado o espirito e o caracter dos meus discípulos? Tem elle desenvolvido a sua capacidade? Em que attitude para com a materia ficaram elles? — não me permitte senão perseverar na trilha pela qual os tenho sempre trazido e aconselhal-a a quantos os queiram levar ao resultado satisfactorio, a que me tem sido dado conduzir aquelles, a quem a minha solicitude de mestre tem tido a ventura de se repartir.

Falando com a franqueza com que até aqui o tenho feito e pondo em paralelo o meu trabalho, que ainda se não expoz ao julgamento da publicidade, nem, talvez, com os recursos de que dispõe um particular, se possa expôr, comparando-o com o trabalho dos meus intelligentes, criteriosos e dedicados collegas, os dignos mestres paulistas, nenhum interesse pequeno me move — sim, e só, o interesse supremo da sinceridade, e o amor, que, em commun com elles, voto á infancia da nossa cara patria, e, em especial, a este nobre canto do Brasil, onde o meu affecto está preso ao berço, ao tumulo e ao lar dos filhos, cuja saudade se nunca extingue e me fala constantemente ao coração, recontando a deliciosa felicidade dos tempos idos, em que aqui me foi dado officiar nas lides do magisterio ao lado de Silva Jardim, Rangel Pestana e Caetano de Campos.

Antes, o sentimento, que me move, é o desejo de lhes testemunhar, publica e solemnemente, a minha admiração pelo seu digno, pujante e valioso esforço em pról de um ensino que por ahi se faz sabe Deus como, plantando, desde o inicio da vida escolar a semente do aborrecimento ás letras, que mais tarde afasta dos livros e estudos serios aquelles para quem foram ellas muito cedo instrumentos de tortura e idiotisação.

Bem hajam esses mestres preocupados assim com a sorte das crianças confiadas á sua guarda e tutela para de suas mãos receberem, no pão do espirito, o alento vivificador, que, abrindo-lhes a mente ao clarão das bôas luzes, lhes acompanha os passos pelas veredas ignotas com a musica dulcissima d'esse contentamento intimo, em que as fadigas do jornadear se diluem na perspectiva sempre ridente das distancias ainda por vencer!

Bem hajam esses dignos mestres!

E aqui pediria eu indulgencia ao abuso, que tenho feito da vossa attenção, meus senhores, si vos não tivesse ainda de to-

mar por testemunhas do cumprimento de um dever atraçado de cortezia para com um distincto escriptor paulista, que, desde Julho do anno transcorrido, enviou-me o seu appello em prol das escolas ruraes, na tentativa de oppôr, com a sua melhor organisação e garantia de real aproveitamento dos alumnos, uma barreira ao exodo dos campos.

Levantando aqui, como em França o fez Méline com o seu *Retour à la terre*, um brado em favor d'essas escolas modestas de que podem promanar os maiores beneficios á populaçāo, que contribue mais poderosamente para a riqueza e consequente engrandecimento nacional, o Dr. Silvio de Andrade Maia pergunta: "Devemos, na roça, no ensino da leitura, adoptar o mesmo methodo adoptado nos nossos grupos escolares?" — e, declarando-se talvez o mais entusiasta apologista do methodo analytico, confessa não poder dar áquella pergunta uma resposta categorica e definitiva.

Lisonjeado e desvanecido pela obsequiosa deferencia da sua dedicatoria amabilissima, desde que li o seu sensato e patriotico opusculo, fiz tenção de lh'o agradecer em carta, expondo-lhe as razões de desacordo, em que estamos sobre a proveitosa applicabilidade do methodo analytico nas escolas ruraes, dada mesmo a ausencia de condições, que o digno escriptor affirma não existirem nas escolas de bairro paulistas: *perfeito entendimento e muita dedicação do professor, assiduidade e nível intellectual dos alumnos*. A importancia do assumpto, porém, exigindo desenvolvimento, adiei aquella resposta devida até hoje, e, daqui, penhorado, prazeroso e penitente, tributo ao illustre compatriota a homenagem devida ao seu bello trabalho, tão nobremente inspirado. Nasceu-me, ao lel-o, o desejo de, tomndo a sua offerta como um appello ao meu patriotismo, acudir em tempo com as minhas ponderações a dissipar as duvidas, em que está, e que procedem, como o declara, da propria excellencia do methodo analytico, que não estamos ainda preparados para receber, tal qual como á propria excellencia do regimen politico, os seus inimigos, attribuem as dificuldades da nossa vida administrativa, economica e financeira, dada a falta de perfeito entendimento por parte dos que o executam, segundo mostrei hontem allegar o eminente Director da Escola Normal da Capital da Republica.

As razões primordiaes, que o illustre escriptor invoca contra a possibilidade de bôa fructificação do methodo analytico, isto é, menos perfeito conhecimento e falta de dedicação no professor e pouca assiduidade e desenvolvimento intellectual do alumno, essas são razões que justificam a improficuidade de todo e qualquer methodo, mesmo o de Basedow, que fazia biscoitos em fórmula de letras para, para, pela cubiça da gula, accender os lumes do espirito.

Não tomindo, entretanto, essas razões ao pé da letra, mas admittindo que sejam allegadas porque o resultado obtido por um methodo, em que não estão ainda bem traquejados os professores, accusa desproporcionalidade com o tempo empregado na sua consecução, o que nos cumpre é promover a melhor preparação do professor, mórmente demonstrando-se que não ha methodo mais facil e que tanto dispense grande capacidade de mestre e alumno como o analytico. Por elle, o mestre ensina e o alumno aprende a lér como aprenderam a falar: — para a acquisição da expressão oral, que assimila e transmitte, o que lhes bastou? Dois ouvidos. Pois bem; para a acquisição e uso da expressão escripta, bastará, a um: olhos, que vejam; massa cerebral, em que se reflecta a visão, e a mesma dóse de potencia mental, que o empossou na fala; — ao outro, a ferramenta do officio, isto é, o conhecimento da estrada, por onde tem de guiar.

Si toda a creatura humana, a menos bem dotada, tirante, é claro, a physica, intellectual ou moralmente deficiente, possue aquelle minimo, a falta do entendimento perfeito por parte do professor é questão do ensino normal como, a falta de muita dedicação, questão de administração escolar — nunca fundamentos para a inapplicabilidade de um methodo qualquer em qualquer especialidade do programma.

A verdade é uma e não admitte rodeios. Eu entendo que é minha obrigação dizer-vol-a inteira.

Si, na falta de idoneo prepro, estivesse, no caso da insuficiencia de resultados verificada pelo Dr. Silvio Maia, a inaplicabilidade do methodo analytico, não me causaria admiração o facto, porque, em geral, as nossas escolas normaes, não são *training schools*, isto é, escolas de trenamento no officio de ensinar; sim, porém, como já o dizia Gabriel Prestes em relatorio, cursos de ensino secundario, desde que a sciencia e arte de educar não predominam no cultivo profissional, ao lado do

tirocinio bem orientado e sufficiente, adquirido nas escolas da applicação, sob a regencia de mestres experimentados e eminentes, capazes de aplicar com segurança e justificar com clareza a razão de preferencia dos methodos adoptados.

Está claro que estas minhas palavras são écho de tudo quanto vejo protestado, em quanto leio, obras theoricas ou relatorios; — não se referem, pois, nem ás escolas normaes deste Estado, nem a outras quaesquer em especial.

Esta a tecla, em que tem, pois, o dr. Silvio Maia de bater, si, de facto, os professores têm menos perfeito entendimento de um methodo, que a Directoria geral da instrucção quer ver applicado.

Quanto aos mais fundamentos, que induziram o digno escriptor a manifestar duvida sobre a conveniencia da applicação desse methodo nas escolas ruraes, isto é, a ignorancia dos pais, colonos ou outros, que se indignam ao vêr os filhos, ao cabo de tres mezes, não conhicerem nem siquer uma letra do alphabeto — a exigencia dos que querem que os filhos aprendam pelo alphabeto como elles proprios aprenderam, estas, vamos e venhamos, não procedendo, representam reacções explicaveis e acceptaveis até certo ponto. Estar tres mezes em uma escola e não conhecer nem uma letra, quando o methodo analytico, segundo exhibi provas ha pouco, em tres mezes habilita a redigir contos originaes em typewriter directamente, de duas uma: ou é por deficiencia do mestre ou por incapacidade do alumno. No primeiro caso, o que ha a substituir é o mestre; no segundo, o que ha a fazer é mesmo o que os pais fazem: levar os seus ricos filhos. Quanto á exigencia daquelles que votam aborrecimento ás novidades e querem o velho, essa é demonstração de um apego, que justifica o *conservar melhorando*, elemento que, no curso do progresso, representa a acção dos freios como compensação aos excessos do accelerador.

E' preciso ser indulgente com o colono, que descarrega a punhada sobre o balcão do armazem, e o vaqueiro, que manda a mestra p'r'os diabos, porque ha genios assomados e rotineiros intransigentes em todos os tempos e entre gente de muito melhor estofa.

George Nash Morton, fundador e director do Collegio International, que funcionou em Campinas e depois n'esta cidade, polemista que teve o topete de enfrentar com o autor das "Tres

"Philosophias", discutindo-se a questão do melhor methodo de ensino da leitura, disse-me, sem articular um argumento em favor deste ou daquelle, que sua mãe, ao completarem os filhos os 7 annos, fechava-se com elles num gabinete, abria o alphabeto e, quando dalli sahia, os pequenos, ou por bem ou por mal, sabiam as 26 letras. E, perguntando-lhe eu á affirmativa: "E com isso sabiam lêr? não sei o que lhe passou pelo espirito, ao manter-se calado, no sorriso com que me encarou, mas o seu nobre caracter de *gentleman* e as suas responsabilidades moraes de ministro evangelico não lhe deixaram que me tornasse com o sim. Alguns annos depois, no Rio de Janeiro, então capital do Imperio, o dr. Domingos de Almeida Martins Costa, preclaro professor da Faculdade de Medicina, vendo que seu filhinho Cyro, alumno sob minha direcção, ao cabo de um mez de escola não era capaz de lêr nem *um artigo de jornal* interpellou-me a respeito; e, ás minhas explicações, afirmou-me que, em oito dias, pelo processo de João de Deus, o faria lêr *qualquer coisa*. Depois de lhe responder que, si, sem conhecimentos profissionaes, elle o podia fazer em oito dias, devia reputar-me capaz de operar a proeza em menor prazo: disse-lhe ou que, dada a confiança, que o levara a entregar-me a instrucção da criança, o natural e logico seria indagar, em vez de extranhar, porque o não fazia eu. Desde, porém, que preferiu a censura e a condemnação sem mais detido estudo, eu, por minha vez, me abalançava a perguntar ao medico eminentíssimo, que era, si a sua sciencia physiologica considerava innocua a solicitação do cerebro para a apprehensão do que estava fóra da sua potencialidade, visto que o esforço mechanico da assimilação e combinação de sons, letras ou syllabas, outra coisa não era senão metter a criança em pleno mundo de abstracções sem interesse, que attenuasse a intensidade da tensão.

O eminentíssimo mestre declarou, então, que o seu *artigo de jornal* e *qualquer coisa* eram apenas modos de dizer; o Cyro ficou aos cuidados do meu ensino e, vendo-o, ao cabo do anno, na festa escolar do encerramento das aulas, pequenino e empertigado, dizer, do alto de uma cadeira, porque a grade da tribuna passava-lhe da cabeça, umas quadrinhas ingenuas, ora, o ex-protestante, babava-se de satisfação como qualquer outro mortal, que não tinha as luzes da sciencia superior a illuminar-lhe o criterio. Excusado é declarar que o menino já

tinha aprendido a lêr. Não sei si estas recordações vos terão algum dia aqui falado pela voz do Professor Cyridião Buarque, que era, na época, meu auxiliar no Instituto Henrique Kopke.

Que, pois, havemos de extranhar no colono boçal ou no vaqueiro retrogrado, ambos os quaes não mais se maltratam no lombo de um burro para descer do centro ao littoral, mas descem commodamente pela estrada de ferro — ambos os quaes, pelo telephono, a leguas, com economia de tempo e dinheiro, realisam lucros, que outr'ora demandavam semanas e annos, — que lhes havemos extranhar o reclamarem que os filhos leiam devagar para ler melhor do que elles, que aprenderam mais depressa o abc, mas mal chegam hoje a lhe combinar as letras em lingua que se entenda?

O argumento melhor para o primeiro seria talvez fazer-lhe o que elle, sem motivo nenhum, fez ao balcão; e, para o segundo, que fosse aprender lições de civilidade lá com quem para onde mandou a mestra. Vêr, porém na rotina emperrada de taes brutamontes uma razão para mudar os methodos de ensino na escola, é empatar definitivamente todo e qualquer progresso á disseminação do bom ensino, que é o que as escolas publicas, rurales ou outras, devem distribuir.

Assim, pois, entre as ponderações do dr. Silvio Maia, a unica procedente é a ausencia de livros e material de ensino collectivo, que permittam a qualquer mestre tirar vantagem da sua adopção. E essa mesma apenas em parte é acceitavel, porque, ou com a Cartilha analytica ou com "Meu Livro" ou com a Cartilha de Cardim e Arnold, e o esclarecido e esclarecedor auxilio das instruções distribuidas pela Directoria General da Instrucção Publica, qualquer professor, que queira, pôde applicar o metodo, mesmo sem necessidade de grande dedicação, certo de que, quando o aprendiz não leia dentro de tres mezes, pelo menos já saberá alguma coisa, que o pai, colono ou vaqueiro, acceitará como equivalente ao que esperava do abc pelo qual se não instrue.

Entretanto, recusados os fundamentos, em que estriba a sua explicação, fica de pé a constatação irrecusavel de que o metodo analytico tem, por outras razões, dado resultado negativo. Cumpre, portanto, que as autoridades prepostas a ministração do ensino publico, entrando no conhecimento do caso, velem por que os mestres a quem prescrevem a adopção de

certos e determinados methodos, tenham a realidade dos conhecimentos, que a sua nomeação faz presumir; delles requeiram, por todos os meios ao seu alcance, a dedicação indispensavel e proporcional ao estipendio, que lhes é adjudicado; e promovam, por medidas adequadas, a assiduidade dos alumnos, cujo nível intellectual, quando mesmo inferior ao das escolas urbanas, (affirmação passivel de prova) — nunca é tão baixo que não responda a intelligencia á solicitação do esforço, que della se exija, uma vez que seja proporcionado á sua capacidade.

Penso eu que, fornecidos ao professor os meios, que o dispensem de engendrar exercícios complementares dos consagrados nos livros, quadros parietaes ou mappas, os quaes demandam tempo, que, sem essa sobrecarga, empregariam em suprir a deficiencia do estipendi orecibido, ou suppõem um talento inventivo, que não é dom de todo o que se vota á tarefa de mentor, para a qual, aliás, pôde ter decidida e comprovada habilitação, penso eu que, fornecidos esses meios, o methodo analytico applicado á leitura não mais dará motivo a verificação de resultado negativo.

Tornar a acção do livro e material escolar independente de qualquer supplemento, que acarrete sobrecarga ao professor, ou, mau grado seu, por má comprehensão dos principios basicos do methodo, falseie os seus resultados, foi objectivo, que tive em vista, quando elaborei as cartilhas, cujo plano deixei exposto.

Sou, naturalmente, o menos competente para julgar si essas cartilhas satisfazem o objectivo assim visado. Si, porém, o juizo dos competentes, a que desejo submettel-as, verificar que sim, grande será a minha satisfação em que justifiquem ellas, pelo auxilio, que dêm aos mestres das escolas rurales e urbanas, o entusiasmo do Dr. Silvio Maia e de quantos mestres sejam do seu sentir como apologistas do methodo analytico.

Obtido esse julgamento, que aqui vim expressamente promover, pedindo aos juizes do meu trabalho, que só tenham em vista os sagrados interesses do ensino e da infancia a instruir, entregal-o-ei, si me fôr dada a venia por quem de direito, ao Governo deste Estado para uso nas suas escolas, com a renuncia dos meus direitos autoraes, recebendo, na acceitação, a maior e a melhor das compensações, que poderiam ambicionar os meus almejos, e mais um estimulo para ao serviço das crian-

ças, minhas patricias, da carinhosa terra paulista e da nobre causa da educação na nossa grande e gloriosa patria, pôr o resto de uma actividade, que sempre teve por maior incentivo o amor de todas ellas.

Si,

para servil-as, braço ás armas feito,
para cantal-a, mente ás musas dada,

não tenho, vão ao menos as lições do mestre, que não as quer ver mettidas

no gosto da cubiça e na rudeza
de uma austera, apagada e vil tristeza,

ajudar as gerações, que estão crescendo para o futuro, a esganar na guela das “raças admiradas” a affronta da affirmação, quando ousem

dizer que são para mandados,
mais que para mandar,

os Brasileiros.

JOÃO KÖPKE.

FACTOS E IDEAS

O PENSAMENTO ACTUAL

O pensamento moderno se orienta na philosophia nietzscheana, em parte, pela exaltação romantica; de outro lado, a necessidade de ideal se faz sentir imperiosa, determinando a formação de uma corrente, — não digo escola de idealismo com Boutrou e Bergson como guias.

Na verdade, esta corrente vencedora não deixa de merecer a censura de certos espiritos positivos, no verdadeiro sentido scientifico desta palavra.

Reclamam contra o impressionismo ora dominante na philosophia, muito embora se esqueçam de que todo o trabalho feito de Kant a Miltzsche como affirma Goultier, foi de systematisar o personalismo das impressões — resultando desta forma improductivo o supremo esforço da moderna cultura philosophica no sentido da finalidade da vida. Reconheceu-se enfim o agnosticismo spenceriano como uma forma do conhecimento, isto é, quanto a explicação puramente causal do universo. Posteriormente, da apparencia de verdade commum, limitando o espirito aos resultados da experientia, surgiu o pragmatismo de W. James, philosophia do utilitarismo que evoluiu mais tarde na concepção humanista de F. C. Schiller.

Impossivel de ser aceita como doutrina a theoria de James, não trazia solução aos problemas philosophicos actuaes, que são essencialmente para Boutreux problemas metaphysicos.

Demais o pragmatismo não era um processo philosophico original; pôde-se mesmo julgar Bacon pragmatista.

Como processo esthetico, naturalmente espontaneo, é de significação universal. A realisação intuitiva dos sentimentos humanos é de facil constatação nas obras de arte.

Dada a fallencia do pragmatismo, que exilava do dominio philosophico o interesse theorico, o movimento de generalização, a abstracção sob a forma do conhecimento aperceptivo, para não dar simplesmente á razão categorias e outros postulados da logica, não se podia tão pouco retrogadar ao empirismo racionalista nas condições de desenvolvimento experimental da philosophia.

Desta maneira, numa atmosphera social saturada de romantismo, podia-se tentar originalmente uma renascença do espiritualismo.

Foi o que fez Bergson. Fundamentando-se na correspondencia activa da materia com o espirito, leia-se do instinto na actividade consciente, pôde reviver emocionalmente a *idéa pura* (intuição).

Era affirmar de uma maneira puramente hegeliana a realidade do espirito.

Podia confirmar de outra parte a originalidade do sentimento (these defendida com raro brilho por T. Ribot e aceita pelos psychologistas modernos).

Evoluindo, no sentido da immanencia psychica e com as conclusões definitivas e dogmaticas do neo-kantismo que affirma a irredutibilidade experimental da actividade espiritual, pode-se chegar a definição de Baldwin como termo da synthese mental — que existe no universo uma significação impessoal ideal de ordem schematica.

Baldwin constata a finalidade ideal, aquella que resulta da organisação progressiva do methodo experimental.

Tem-se assim o sentimento de uma tendencia de um progresso possivel para a realisação de uma forma mais completa de existencia e a significação mais humana do universo.

Estabelece-se o intercambio da *sympathia* entre o consciente e o inconsciente, entre o espirito e a materia, sob a forma da redempção estheticá.

A arte dá, pois, a significação moral e ideal de todas as cousas.

AS ESTIAGENS E A FEBRE TYPHOIDE EM SÃO PAULO

Observar os effeitos para d'ahi deduzir as causas, é o caminho naturalmente indicado, quando se trata, principalmente, de salubridade publica e de molestias que intermitente e periodicamente grassam nos centros populosos. Só assim se poderá melhor orientar a parte referente á hygiene preventiva e applicar as medidas necessarias á sua melhor execução. E' o que procuramos fazer, em uma pequena parcella, estudando as epidemias de febre typhoide em São Paulo e a sua correlação com as estiagens que de tempos a tempos se reproduzem, acompanhadas das naturaes consequencias, que affectam directamente a hygiene urbana. Ha perfeita coincidencia entre as secas rigorosas e o máo estado sanitario da cidade; obedecendo a deducções que parecem perfeitamente logicas, fomos levados a estudar com mais detalhe o assumpto, procurando chegar a conclusões razoaveis, que tornam evidente a dependencia existente entre as condições sanitarias da cidade, a deficiencia de chuvas nas épocas apropriadas e a escassez no abastecimento de agua potavel á população.

São Paulo conta hoje com o volume theorico de 70 milhões de litros diarios. Comparativamente com o volume fornecido a Santos e Rio de Janeiro chegaremos ao seguinte resultado:

Rio de Janeiro (1915) 240 milhões (media) 2.400 litros por predio;

Santos (1911) 12 milhões (media) 2.148 litros por predio;

S. Paulo (1915) 70 milhões (maximo) 1.520 litros por predio.

O volume fornecido em São Paulo, mesmo considerando as hypotheses mais favoraveis para a nossa cidade, é 30 ou 35 % mais baixo do que o volume fornecido em Santos e Rio de Janeiro.

Em Santos, o volume disponivel de que se pôde servir a população é muitissimo superior áquelle que consideramos e tem baixado sensivelmente com a adopção de hydrometros, evi-

tando os desperdicios e os abusos, fataes com as torneiras livres e a agua não medida.

As medias mensaes *maximas* foram: em 1907 de 16.000.000 litros e em 1911 de 13.719.000, considerados ahi todos os usos, privados, publicos e industriaes.

O quadro abaixo dá uma perfeita ideia da reducção de volume de abastecimento n'aquella cidade, de 1907 a 1911, onde consideramos a media das medias mensaes, registradas pelo medidor Venturi, collocado á sahida do reservatorio de distribuição.

Anno	Predios ligados	Predios com Hydroms.	Porcentagem de Hydroms.	Volume medio diario	Porcent. de reducção para 1907	Volume por predio	Reducção para 1907
1907	4.962	2.216	44.6 %	14.840.000	—	2.990	—
1908	5.047	2.498	49.4 %	13.973.000	6 %	2.770	8 %
1909	5.184	3.427	66.1 %	13.440.000	10 %	2.590	14 %
1910	5.344	3.722	69.6 %	12.653.000	15 %	2.360	22 %
1911	5.586	3.982	71.3 %	11.899.000	20 %	2.130	29 %

O ultimo recenseamento realizado em Santos em 1913 accusou a elevada cifra de 14 pessoas por predio. Se para São Paulo considerarmos 10 pessoas por predio e o suprimento maximo de 250 litros por habitante, para attender aos mezes e dias de maior consumo, chegaremos ao total de 125 milhões de litros para os 50.000 predios actualmente existentes na cidade, comprehendidos os bairros mais afastados, ainda não servidos.

Com aquelle volume teriamos a quota de 2.500 litros por predio e se suppuzermos uma reducção de 30 % para usos publicos, industriaes e perdas inevitaveis, o volume disponivel para o consumo domiciliario baixaria a 87.500.000 litros ou 1.750 litros por predio, valor este somente attingido nos annos de 1908 e 1909, época, justamente, em que melhorou sensivelmente o estado sanitario da cidade, não só em relação ao numero de obitos de febre typhoide, como no obituario geral.

Os graphicos que organizamos, permitem, em observação de conjunto, acompanhar facilmente a deducção que delles se podem tirar e o seu exame faz notar a correlação entre os diversos elementos que alli figuram.

Pelos "Boletins Meteorologicos" de São Paulo, da repartição competentemente dirigida pelo Dr. Belfort de Mattos, pudemos extrahir as alturas de chuva cahida annualmente em São Paulo. A altura *normal* é approximadamente de 1.300 millimetros, de onde se conclue que houve *deficit* nos annos de 1895, 1897, 1903, 1908, 1913 e 1914; mais pronunciadamente em 1897, 1913 e 1914. Para o volume fornecido por predio tomamos uma reducção de 25 °/o sobre o volume total disponivel, supondo que somente isto seria consumido em uso não domiciliario.

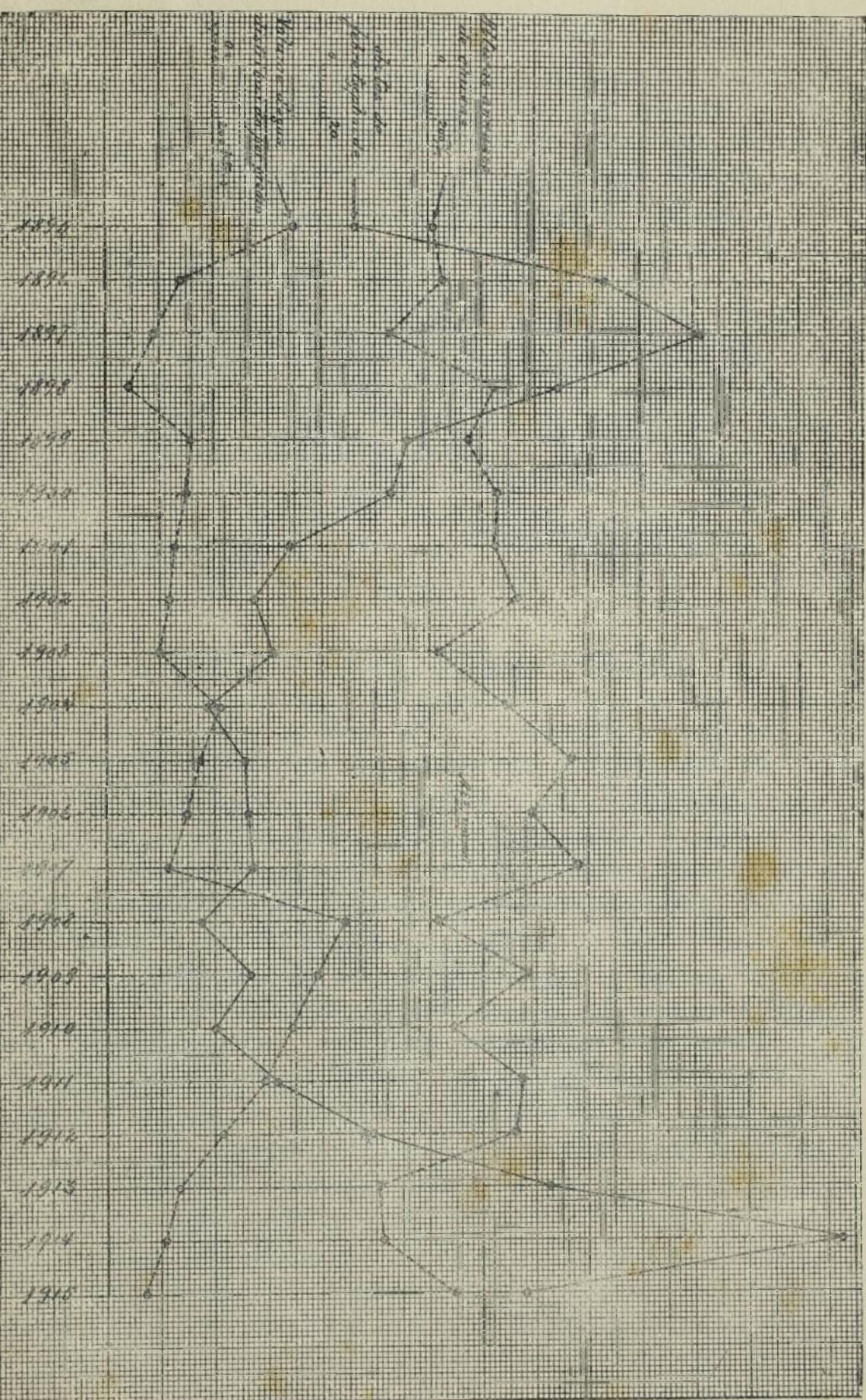
Em 1897 chegou a um maximo o numero de obitos, coincidindo com a estiagem rigorosa desse anno, desfalcando naturalmente o abastecimento e dando um volume por predio provavelmente muito inferior ao que figura no grafico, em que supuzemos um total uniforme para certos periodos. Em 1903 sobe um pouco o numero de obitos, havendo tambem um deficit nas chuvas. Em 1904 augmento no abastecimento e decrescimo nos obtidos. De 1905 a 1907 diminue o abastecimento augmentando o numero de obitos.

Em 1908 houve secca rigorosa; entretanto attingiu ao minimo o numero de obitos, em coincidencia com o augmento do abastecimento. Durante este anno foi fornecido á cidade um volume d'agua consideravel, com as obras do Cabuçú. D'ahi por diante o volume tem se mantido approximadamente em 70 milhões de litros diarios, mas a cidade cresce e o numero de predios abastecidos quasi duplicou daquelle anno para cá.

As estiagens de 1913 e 1914 provocaram ainda um augmento consideravel no numero de obitos de febre typhoide, havendo provavelmente grande reducção no volume theorico e portanto no suprimento d'agua por predio ou por habitante.

Que devemos concluir das ligeiras considerações que expuzemos e do exame dos graphicos que podemos observar?

Parece-nos incontestavel a influencia das estiagens sobre o estado sanitario da cidade. Os volumes theoricos de que são capazes as canalisações reduzem-se naturalmente a muito menos; a população é levada a não poder manter o necessario asseio domestico ou a lançar mão de aguas impropias para o



seu consumo; a propria repartição encarregada desse serviço vê-se na contingencia de procurar recursos de occasião, de carácter provisorio, para socorrer a uma calamidade publica, provocando, muitas vezes, na melhor das intenções, uma outra della consequente; todos os fócos de contaminação se desenvolvem com mais facilidade e encontram um meio apto para que o mal progrida sem obstaculos.

Um volume sufficiente de bôa agua, ainda mesmo nas estiagens mais rigorosas, seria preciso fornecer á população, a exemplo do que fazem os Americanos do Norte, que suprindo as suas cidades com volumes de agua apparentemente exagerados, economisam em vidas e em hygiene repressiva, muito mais do que gastam em obras de saneamento bem comprehendidas.

S. Paulo, Maio de 1916.

JOÃO FERRAZ

DICCIONARIOS PORTUGUEZES

Já uma vez tive occasião de apontar quanto são falhos os diccionarios da lingua portugueza no que diz respeito aos vocabulos cuja definição requer algum conhecimento de zoologia; e como amostra citei então do Lacerda e do Seguier quantos vocabulos comportavam as poucas columnas de uma nota ligeira — uma série de erros palmares, daquelles que infallivelmente acarretam bombas aos examinandos, já não direi do curso gymnasial mas das elementares *Lições de cousas*.

Entretanto um diccionarista tem responsabilidades, pois as suas definições são frequentemente invocadas nas discussões (mesmo dos Congresso) e pelo preço, ao menos, não é sciencia barata a que se compra por 50 ou 60 mil réis.

A esperança de que o novo “Candido Figueiredo”, edição de 1913, refundido, corrigido, etc., nos proporcionasse melhores ensinamentos no ramo da minha especialidade, desfez-se logo á primeira consulta e uma analyse um pouco mais minuciosa dos vocabulos zoologicos forneceu a mesma lista de disparates que facilmente se colhe em qualquer dos outros diccionarios da nossa lingua.

Mas será inevitável este mal *commum*? Certamente que não. E será só a zoologia que os diccionaristas maltratam por esta forma? Também não. Um exame, mais perfunctorio ainda dos vocabulos de botanica e de geologia, mostra desde logo que o critico encontra farta messe também nestes departamentos da sciencia, e dos medicos ouve-se igual queixa. Com relação á medicina não ha desculpa acceitavel: o *Littré*, constantemente modernizado, encerra tudo quanto os diccionaristas possam querer aproveitar. Em sciencias naturaes também não faltam os recursos literarios, ao menos em francez, allemão ou inglez, de onde se possam extrahir as bôas definições.

Em vernaculo falta-nos quasi tudo, especialmente trabalhos completos que abranjam toda a materia; mas ainda assim... (naturalmente não vou agora dar a receita de que usei para a confecção do meu "Diccionario da Fauna do Brasil" de 1913 e que talvez em breve, graças ao poder maravilhoso do charope — trabalho e dedicação: q. s. — será estampado em segunda edição).

Deixemos, no entanto estas considerações e analysemos o mais moderno dos nossos diccionarios da lingua portugueza. O proprio auctor confessa na introdução que uma das suas maiores preoccupações foi registrar vocabulos ainda não consignados nos outros lexicons. E de facto abundam as estrelinhas, que designam os vocabulos recem-chegados. Mas com que proveito para a lingua figuram ahi os nomes genericos de animaes e plantas, deslatinisados simplesmente por uma desinencia euphonica? Para o scientistista tal vocabulo já não serve e o vulgo não o saberá utilisar com precisão quando se referir a uma especie rara, ou então, para as especies raras, já terá denominação consagrada, que ninguem irá abandonar em troca do neologismo. E' aliás abuso de que soffrem também os outros idiomas; cumpre ponderar que, si um Larousse pode registrar tales nomes, um diccionario puramente linguistico os deve evitar, incluindo apenas os termos technicos que são realmente usados em linguagem *commum*.

Indiscutiveis, porém, e ás vezes engracadissimas, são as seguintes definições, cujo numero poderia ser elevado talvez até um maximo de quasi toda a lista dos termos zoologicos do novissimo Diccionario.

AGUA-VIVA — diz o *D.* é o mesmo que *Alforreca* e esta vem explicada como “mollusco” de feitio de umbrella, etc.

portanto o *D.* se refere bem ao celeuterado, que de mollusco só tem o ser molle.

BÔTO — “peixe” do Purús, do Tocantins e dos Açores, semelhante ao atum. quando todos sabem que o bôto é cetaceo e o atum é peixe semelhante á Sororóca ou ao Bonito (*Scombridæ*).

CALAMAR — peixe da costa do Algarve.

Pôde ser que no Algarve haja um peixe com tal nome, mas neste caso o *D.* omittiu o pequeno polvo (mollusco) de igual nome, e ao qual pertence a siba, cuja definição tambem figura nesta lista.

CARRAPATO — o mesmo que *Carraça*, e esta, segundo o *D.*, é um pequeno “crustaceo” que se prende á pelle, etc.

FURÃO — pequeno mammifero vermiforme que os caçadores empregam, etc.

Ainda que o furão fosse inteiramente apode, a sua semelhança com um verme seria igual á do ovo com o espeto.

GOLFINHO — grande “peixe” da familia dos cetaceos.

Portanto, as baleias tambem são peixes.

GIBOIA — a maior serpente do Brasil...

quando mede no maximo um terço da Sucury. Felizmente o *D.* não copiou a etymologia de Lacerda, que reza: *gi*—agua, *boia*—cobra, quando a giboia sempre foge da agua e só vive nos campos secos (nos dois casos houve confusão com a Sucury).

JACÚ — ave gallinacea avermelhada;

JOÃO-DE-BARRO — ave amarella;

JOÃO-GRANDE — o mesmo que “gaivota”;

O D. acrescenta a cada um destes nomes que se trata de aves do Brasil — e portanto são bem os nossos velhos conhecidos, transfigurados apenas pelas definições.

JACARÉ DE OCULOS — (*Aligator sclerops*) jacaré inoffensivo.

E' inoffensivo apenas quando fóge ou quando não nos pôde segurar com os dentes, particularidades que aliás compartilha com qualquer outra fera.

LACRAU — o mesmo que “escorpião”; — e sob *Escorpião* diz apenas: o mesmo que “lacrau”.

Seria uma distracção perdoável si á pag VI da introducção o D. não recriminasse o “respeitavel Moraes” e outros por terem definido mal este mesmo vocabulo!

LICRANÇO — diz o D. que os collegas erraram ao definir esta palavra;

mas a emenda saiu peior ainda: a descripção não combina com o nome scientifico que acrescenta. “Amphisbaena” é o nome generico das “cobras de duas cabeças”; estas são caracterisadas sob “Amphisbena” (perdõe-se o “serpente” quando se trata de lacertilio), mas ahi o D. já não menciona mais o Licranço — vocabulo que vamos encontrar de novo sob “Cobra de vidro”, o que aliás é certo.

LEPIDOSIRENOS — genero de peixe cuja unica especie é o “caramurú”.

Está errado, porque os Lepidosirenos (aliás “Piramboia”) são da Amazonia e do Matto Grosso e os Caramurús são as

nossas morcias, um tanto semelhantes mas zoologicamente muitíssimo diversas.

JEQUITIRANABOIA — borboleta venenosa do sertão.

Em tres palavras, tres erros: a Jequitirana não é borboleta, mas homoptero como as cigarras; não é venenosa nem só do sertão, porque já tive occasião de pegal-a com os dedos em plena rua 15 de Novembro, sem outra consequencia senão atrahir a curiosidade dos transeuntes, que, imbuidos da mesma credice como o *D.*, tinham o feio insecto em conta de venenoso.

LOMBRIGA — verme intestinal do genero das ascarides.
Genero de anelideos que tem por typo a minhóca.

Dispensa commentarios, mas é a convicção do *D.*, como se verá tambem sob *Verme*.

MAMANGÁ — insecto diptero, cuja mordedura...

Não é diptero mas hymenoptero e não morde mas dá ferretoadas.

MARSUPIAL — genero de molluscos do grupo das medusas.

Tres animaes distintos em uma só palavra; até parece cousa da sagrada escriptura.

MINHOCÃO — amplibio das lagôas do centro do Brasil.

Sempre o sér lendario encontrou quem o classificasse!

MOLLUSCO — o *D.* quiz ennumerar 6 classes aqui comprehendidas, mas a ultima

que menciona: “Cirropode”, faz parte dos crustaceos, como o proprio *D.* o explica sob essa rubrica.

MUTUCA — mosca da região do Amazonas;

PREÁ — o mesmo que roedor;

PITÚ — peixe fluvial.

Sem duvida deve ser o nosso "pitú", o grande camarão d'agua doce.

PIRARUCÚ — peixe do norte do Brasil, muito apreciado e de grandes dimensões, semelhante ao bacalhau.

A tal semelhança do pirarucú com o bacalhau só se verifica depois de ambos terem passado para a cathegoria de peixe secco!

SIBA — genero de mollusco

que tem por typo o "chôco" vulgar — mas sob *Chôco* o *D.* ensina apenas: "peixe, o mesmo que siba".

TICO-TICO (Brasil) — passarinho de papo amarello;

TARTARUGA — animal amphibio, etc.

Poderia passar (isto é: reptil amphibiotico ou amphibiano) si o *D.* sob Batracios não nos procurasse convencer que os sapos são reptis! Assim será melhor dizer logo o que é certo, e classificar as tartarugas como reptis e os sapos como amphibios.

NIARA (o conhecido bôto da Amazonia)

é, segundo o *D.* o mesmo que "mãe d'agua", que vem explicado como sendo entidade lendaria.

VERME — Minhoca ou lombriga terrestre, (e depois de alguns synonyms): Cada um dos supostos animaculos que corroem os cadaveres nas sepulturas.

R. VON IHERING.

RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Recente livro didactico, muito discutido, veiu pôr em foco a questão de se saber se, na educação civica das crianças, deve dizer-se-lhes toda a verdade, ou não, a respeito das coisas publicas. Houve quem reprovasse ao autor do livro as allusões claras que entendeu de fazer a algumas das nossas peores mazellas — o desgoverno, a farça eleitoral, a empregomania, o filhotismo. Foram muitos mais, porém, os que lhe applaudiram essa franqueza, — sustentando, com elle, que *a verdade deve ser dita inteira, sem rebuços, aos futuros cidadãos.*

Esta opinião é inquietante. Dizer ás crianças, abertamente, toda a verdade... Mas, antes de mais nada, qual s rá a verdade, a verdade toda, inteirinha, que se quer que seja dita aos pequenos? Quem já a viu? Qual a formula que nol-a dará, inconfundivelmente, completa e perfeita? Vá que se diga, que se proclame, que se grite, que se esmiuçe e repise: — antes disso, porém, que fique bem assentado onde e como ella se encontra, por que meios se identifica, se marca e se carimba, como *a unica*, a inviolavel e autentica, a que não pode ser posta em duvida. Sem isso, como até aqui nunca houve duas pessoas que vissem as mesmas verdades pelo mesmo geito, correríamos o risco de ensinal-as ás crianças sob tantos aspectos quantos os autores de livros didacticos e quantos os professores,

— o que, quando menos, seria pouco pedagogico.

Admittamos, porém, que, a respeito dos negocios publicos do paiz, — assumptos de que toda a gente entende, segundo está assentado, — os autores e mestres de bom senso possam chegar a uma razoavel approximação da verdade, a uma sorte de média, e que essa média baste. Admittido isso, pergunta-se: haverá realmente vantagens em instruir as crianças a respeito das nossas miserias, em dizer-lhes por exemplo, que a maioria dos nossos politicos se têm revelado incapazes, ou egoistas, ou malvados, ou corruptos? que o Brasil é um colosso pobre, desgovernado e ingovernavel? que o futuro da nacionalidade é incerto e tenebroso? Pode ser que isso sirva de muito: mas parece claro que servirá principalmente de preparar marotozinhos, carcomidos de scepticismo até a medulla, resolvidos a gosar a vida, sem se incomodar com a humanidade tão pôdre e uma patria tão pouco amavel.

O culto da verdade! O culto da verdade, para muita gente, é apenas uma grosseira superstição. Dálhe para adorar a Verdade, com V grande, como uma entidade exterior, existente por si, igual para todos, com direitos proprios e com exigencias tyrannicas — tal qual um fetiche. Ora, a verdade, emanção dos juizos bem formados e das consciencias integras, não pode deixar de ser regulada e manejada por elles, de acordo com multiphas ques-

tões de dosagem e oportunidade! O contrario seria absurdo. Só existindo em função da razão humana, a verdade está-lhe, naturalmente, subordinada, e só a razão pode ser juiz do seu justo e opportuno emprego. Para felicidade nossa, a humanidade, muito mais sabia do que os individuos, nunca pôz isto em dúvida...

O melhor meio de cultuar a verdade não é reverenciar boçalmente todas as suas apparencias momentaneas e contradictorias; é, justamente, guardar-se disso. E o que cumpre desenvolver não é o amor cego e estouvado da *verdade*, é o tacto moral, é o senso moral, é a delicadeza de sentimentos, a honestidade profunda. Esta tornará os futuros cidadãos incapazes de mentir, mas igualmente incapazes de abusar da verdade: saberão que ella, em si, não tem nenhuma virtude; que, como os toxicos da botica, tanto pôde sarar como matar, conforme quem a prescreve é um medico ou um assassino. — YORICK.

JOÃO KÖPKE

As gerações modernas de S. Paulo conheciam este nome apenas dos livros escolares de leitura, até hoje, preferidos pelos alunos das nossas escolas e pelos nossos mestres mais conscienciosos. A recente visita de João Kopke a esta capital veiu reavivar, na memoria de muitos, e despertar na curiosidade de outros, um longo, esplendido passado, em que a figura desse illustre brasileiro aparece-nos com uma autentica auréola de apostolo da causa do ensino.

A vida de João Kopke é uma cadeia ininterrupta de serviços á educação nacional, cadeia em que se ligam as mais brilhantes iniciativas



pedagogicas que já se têm feito no Brasil e os mais penosos sacrificios por uma causa que tem enriquecido muitos dos seus falsos defensores.

Filho de um professor que deixou de si nobre e honrada fama, João Kopke, estudante de direito, vae buscar no ensino os meios de subsistencia e a melhor applicação da sua actividade. Já, então, o preoccupa o ensino da leitura e desse tempo é o seu primeiro trabalho sobre o assumpto.

Professor particular, lente de Historia e Geographia do Curso Annexo á Faculdade de Direito, mais tarde membro do corpo docente do Collegio Culto á Sciencia de Campinas, em todos estes postos João Kopke pregou e executou a mais adiantada doutrina pedagogica, a ponto de um dos seus biographos dizer que a sua sala, em Campinas, era um pequeno museu escolar, onde se viam apparelhos que só elle, na provin- cia, possuia.

Mas a sua grande preocupação era o ensino primario e foi em S. Paulo, na Escola Neutralidade, que o seu esforço culminou na organisação de um estabelecimento modelo, cujo adiantamento em relação ao nosso meio só hoje podemos avaliar, quando vemos que ainda se procura generalisar a pratica de alguns dos processos correntes naquelle escola. João Kopke era, porém, um precursor. Os seus esforços quebraram-se de encontro á indifferença da maior parte e aos preconceitos das classes dominantes. Por outro lado, o seu combate incessante aos exames parcellados e a recusa de seu instituto em fornecer atestados para esse fim, punham em difficultades financeiras o estabelecimento, pois era diminuto o numero de paes que preferissem um curso integral de preparação para a vida á "chauffage" destinada aos exames de preparatorios.

Era preciso estancar o mal na sua fonte. Parte João Kopke para o Rio, a combater o erro pela palavra e pela demonstração experimental, ao lado dos responsaveis pelo

governo do paiz, na esperança de convencel-os e chamal-os á razão. A humilde casa de sua residencia era a sua escola e nas mais afflictivas condições pessoaes encetava o abnegado propagandista a sua nova campanha. Convidado pelo senador M. F. Corrêa, realizou o dr. João Kopke diversas conferencias sobre pedagogia, com a assistencia do imperador D. Pedro II. Não lhe faltou o louvor do monarcha e algumas de suas idéas penetraram as regiões officiaes a ponto de apparecerem esposadas pelo barão de Mamoré, ministro do imperio, num de seus relatorios.

Pouco depois proclamava-se a Republica. S. Paulo teve a feliz inspiração de associar á reforma das instituições a reforma da instrucção. Prudente de Moraes, primeiro governador, confiou esse encargo a F. Rangel Pestana, autor do projecto de reforma, e a Caetano de Campos, eminent executor, que lançou as bases do apparelho escolar paulista.

Ainda aqui, sem embargo do valor individual dos dois illustres cidadãos a cuja competencia entregou Prudente de Moraes a grandiosa tarefa, dando-lhes o mais entusiastico apoio, pode-se affirmar que João Kopke collaborou efficazmente nessa obra, não só pelas suas iniciativas anteriores, como pela influencia que exerceu no espirito das quelles dois reformadores, na convivencia de uma longa e intima amizade e na diaria cooperação no magisterio a que os tres se entregaram como a verdadeiro sacerdocio.

Por esse tempo, o seu collegio do Rio — Instituto H. Kopke — perdia a sua direcção por não querer o antigo propagandista da sua escola, sujeitar-se ao mercantilismo que invadira o ensino. Nomeado mais tarde para um officio de hypothecas, emprega desde então todo o tempo, que lhe sobra, na educação gratuita de filhos dos seus antigos discípulos e na elaboração de obras didacticas.

A recepção carinhosa que o velho mestre acaba de ter em S. Pau-

lo é, portanto, o reconhecimento por um serviço que apenas começa a ser avaliado pelas gerações actuaes; nem sequer se deve attribuir a expansões de coração de seus antigos discípulos, porque estes quasi todos já atingiram o grau de madureza em que estes julgamentos se fazem com isenção e imparcialidade.

O alto valor moral da obra de João Kopke é o de ter inflexivelmente ajustado a pratica á theoria, resistindo heroicamente a todas as solicitações de interesses particulares. A sua fé inextinguivel, a sua coragem intrepida, têm sido a defesa principal dessa lenta e abnegada cruzada em que a sua intelligencia e o seu coração foram postos ao serviço da infancia brasileira.

João Kopke realisa um dos mais esplendidos typos da "vocação". No seu physico, no seu temperamento singularmente affectivo, na sua clarissima intelligencia, nos seus dons innatos de psychologo, na estructura geral da sua personalidade, ha um que de evangelico que o predestina para a função social a que irresistivelmente se entregou. A quem o tiver visto uma unica vez, no meio dos seus alumnos das classes elementares, nunca mais esquecerá esse quadro delicioso. As crianças, na sua curiosidade insaciavel, bebem as palavras desse homem admiravel que sabe dizer-lhes coisas tão bellas e altas numa linguagem que todas percebem, e o velho mestre, desdoblando-se em mil formas de actividade mental e de carinho, sabe aproveitar-se do minimo incidente para tirar delle desde os rudimentos das sciencias physicas e biologicas e as regras da boa linguagem até a noção de moral. Na direcção de uma escola a sua ação constitue um verdadeiro curso de methodologia applicada.

E' possivel que, ás vezes, o ardor do propagandista contraste um pouco com a serenidade que habitualmente se requer dos simples applicadores de idéas alheias. Nunca porém, o veremos exaltado senão pe-

las nobres idéas de Educação e de Patria.

A sua ultima passagem por S. Paulo assignala-se por um soberbo exemplo de fé republicana, de ardor cívico e de dedicação ao ensino, de que felizmente nos ficaram documentos escriptos: a generosa offerata de suas cartilhas ao governo do Estado e as conferencias pedagogicas, uma das quaes apparece nas paginas desta revista, onde tambem serão publicados brevemente outros trabalhos do illustre educationista. — N.

OLAVO BILAC EM LISBOA

Todos os annos, quando chega o verão, Olavo Bilac atravessa o Atlântico e se refugia em Paris. E só regressa á cidade querida do seu berço, onde tem o seu lar, quando já não

vibra nos ares o canto estridulo das cigarras e a folhagem escura das arvores se descora, anunciando a entrada bemfeitora do outono.

Fiel a esse habito salutar, no começo de Janeiro Bilac seguiu para

a França. Acolheu-se a Paris. Renhou, como de costume, a sua vassalagem de trez mezes á incomparável Lutecia, e tornou ao Brasil. Ao voltar, porém, aportou em Lisboa. Portugal, berço da nossa raça, sempre o attrahiu... E foi alli glorificado.

O chefe da nação, Bernardino Machado, fel-o assentar-se á sua mesa, offerecendo-lhe um jantar. A Academia de Scienças, a veneravel instituição sagradora do merito literario e científico, abriu-lhe as suas portas, numa sessão solemnisima, e o recebeu no seu gremio. Para saudal-o poetas, artistas, sabios, homens de letras e homens de estado, reuniram-se num grande banquete. E o povo duas vezes o victoriou,



delirantemente, agglomerando-se em massa deante do seu vulto amado, no theatro da Republica e numa praça da cidade.

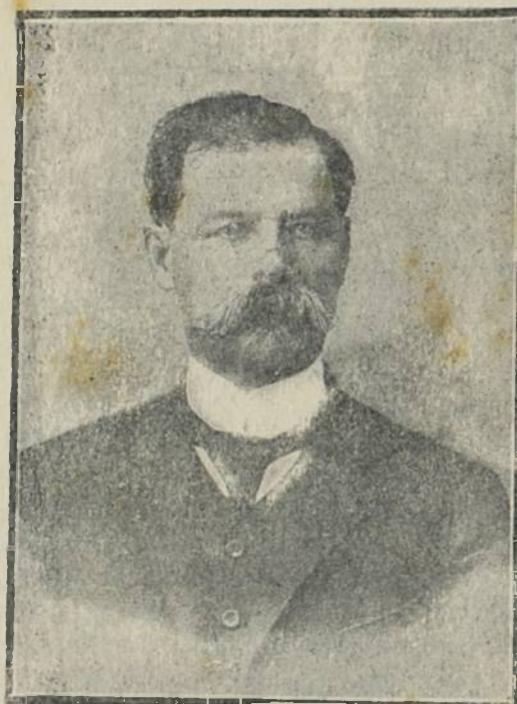
Para agradecer essas extraordinarias manifestações, Olavo Bilac proferiu alguns discursos. E nunca o seu verbo inspirado de vate foi tão rico de beleza, de sabedoria e de eloquencia. Olavo Bilac é tão grande orador quanto poeta. Tem a palavra quente, sonora, melodiosa; tem a dicção impeccavel; tem o gesto sobrio e preciso; tem na figura a irradiante sympathia que enlaça e seduz. Quando elle fala, o ouvinte menos accessivel ás deliciosas suggestões da oratoria pode estar certo de sahir encantado. Sómente encantado? Não. Encantado e deslumbrado; deslumbrado e rendido.

Nos discursos de Lisboa, elle chegou á alta eloquencia. Tocou por esses cimos inabordaveis da arte sem igual, só familiares aos genios da tribuna. Foi simples e profundo, vivaz e doce, elegante e castiço. Exaltou Portugal e glorificou o Brasil. Cantou o trabalho, prégou a coragem, apostolisou a energia, preconisou o esforço e entoou ao patriotismo um desses hymnos de notas vibrantes e heroicas que vão direitas ao coração, arrancando-nos commovidas lagrimas dos olhos e dos labios palavras de enthusiasmo, de ternura e de fé.

Elle quer que o Brasil se affirme uma patria consciente e forte; que aceite com alegria o fardo das suas responsabilidades, aceitando, viril, as luctas que ellas lhe impuzerem; que ame a sua lingua, a sua raça, a sua civilização latina; que conserve o patriotismo das suas tradições; que reaja, energicamente, contra as miserias do presente; que encare sem assombro, o futuro, que só será amargo e ignominioso, se em vez da coragem, cultuarmos a covardia; se em logar do trabalho, cultivarmos a preguiça; se adoptarmos o egoismo, pelo desinteresse e pelo amor; ou se antes que a scienzia preferirmos a ignorancia.

São essas as mesmas largas e generosas idéas que elle espalhou em S. Paulo, quando deu a esta cidade a honra da sua visita, em Outubro do anno passado. Chegado á maturilade, Olavo Bilac resolveu votar-se á acção social. Não se contentou de ser um dos maiores poetas da sua terra e da sua raça: quiz ser também o seu libertador, arrancando-a do entorpecimento moral e político que a consome. Como Barrés, em França, e D'Annunzio, na Italia, fez-se o prégoeiro da regeneração nacional, pelo culto activo das virtudes cívicas. Embocou a tuba heroica do patriotismo e soprou. O paiz acordou; está ouvindo-o com atenção. E ha-de acabar por seguir-l-o, triumphando de si e dos seus inimigos eventuaes... — R. M.

HOMEM DE MELLO



No dia 5 de Maio faleceu n'esta capital o dr. Francisco Homem de Mello, filho do coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello e d. Maria da Pierga Monteiro de Mello, nascido em Pindamonhangaba a 23 de novembro de 1859. Estudante do Collegio Caraça em 1789, formou-se

em 1886, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Engenheiro da Companhia Mogiana, construiu o Ramal de Pinhal e organizou os projectos de Serra Negra, Monte Alegre e Mocóca.

Foi secretario da superintendencia das Obras Publicas.

Explorou e projectou a Estrada de Ferro do Rio São Francisco a Montes Claros. Na E. F. Central levantou a planta da antiga S. Paulo Rio de Janeiro para seu competente alargamento e foi engenheiro residente em Porto Novo da Cunha.

Construiu a Douradense e parte da Monte Alto. A' sua iniciativa é devido o projecto e a construção da São Paulo a Goyaz.

Com seu tio barão Homem de Mello publicou o "Atlas do Brasil", trabalho notável e de grande valor.

Consorciado com d. Escolastica de Araujo Cintra, deixa seis filhos.

Falleceu ocupando o lugar de inspector geral da Companhia Itatiabense.

Foi uma intelligencia lucida e um trabalhador infatigavel.

BIBLIOGRAPHIA

A voz do Sino, Vicente de Carvalho.

Deste bello poemeto de Vicente de Carvalho, já publicado pela imprensa, a revista *A Cigarra* acaba de fazer uma graciosa edição em *plaquette*. Isto nos forneceu o ensejo de lêr mais uma vez e, o que é melhor, nos permite conservar na estante os lindos versos, onde a arte do nosso exímio poeta se affirma, brilhantemente, com todas as qualidades que a tornam das mais completas — um perfeito equilibrio entre a idéa e a forma, aquella sempre plenamente desenvolvida e esta vestindo-a com justeza e realce, uma profunda emoção humana a latejar sob a medida dos versos, un estylo sem artificios e uma linguagem desataviada, sobria, enxuta, quasi in-

genua. E' este conjunto de qualidades que faz da poesia de Vicente de Carvalho uma coisa inteiramente sua, e inteiramente á parte na poesia nacianal.

Poesias, J. H. de Sá Leitão.

Deve ser um livro de estréa. O A. tem uma sensibilidade de poeta, e isto se percebe em muitos relanços do seu livrinho, mas ainda não conseguiu levar as suas concepções a esse ponto de maturação em que elas se exteriorizam completas e acabadas, existindo por si mesmas, e não como uma simples serie de vagas notações psychologicas que se têm de interpretar umas pelas outras, se se querem interpretar. As sessenta ou sessenta e poucas composições do livro, em geral muito breves, parecem, quasi todas, esboços fugitivos, fragmentos de idéas, obras interrompidas... Entretanto, como dissemos, sente-se ahi uma sensibilidade; encontram-se mesmo boas estrophes e versos cantantes e suggestivos, de que nos seria facil colher exemplos, se a estreiteza do espaço não nos obrigasse a sermos muito breves.

Versos, Antonio Bandeira.

Pequenino, — 56 pag. apenas, — este livrinho, para quem procura em livros de poesia uma vibração sincera e nova, vale mais do que muito volume alentado, repleto de versificações correctas e savantes. Não ha dentro delle joias perfeitas: ha uma serie de "gritos de alma", acondicionados numa forma vacillante e, não raro defeituosa. Mas são gritos de alma! E vibra por elles um accento tão natural, tão commovido, tão franco, e os versos são tão correntios e melodicos, — que afinal o livrinho é um encanto. Não temos, talvez, ahi a revelação de um poeta, mas temos a promessa, a linda promessa de um poeta que o será de véras, alma e coração, nervos e pensamento, — se o autor, muito novo, tiver a protecção dos deuses... Eis como elle canta — e muito propositalmente dizemos "canta", porque todo poeta que não

faz prosa nos seus versos nos dá a impressão de que compõe cantando:

Minha poesia é serena,
tem um som brando e velado,
pois que só pego na penna
quando estou desanimado;

pois que rimo as minhas dores
para ver se elles se vão,
como fazem tocadores
de guitarra e de violão.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS

TRIBUNAL PARA MENORES

O problema da criminalidade juvenil, que nas ultimas decadas do seculo passado começou a preocupper seriamente os governos bem orientados, encontrou nos Estados Unidos um grupo de homens intelligentes para estudal-o e resolvê-lo.

Coube a Chicago centralisar a campanha nesse sentido e a campanha agitada, incessante, e formosa, terminou por uma victoria: a creação de tribunaes para menores.

Dos quarenta e cinco Estados que formam a grande nação só nove ainda não possuem tribunaes dessa natureza.

O grande segredo dessa instituição reside na especialização do juiz. Examinando habilmente o menor criminoso, interrogando-o com geito e ouvindo-o com attenção, o magistrado conscientioso poderá em breve prazo certificar-se do seu estado moral e, assim, applicar-lhe com segurança o remedio que a orthopedia penal recommends. Esse juiz unico a quem a sociedade commette tão delicada quão ardua função é uma especie de tutor destinado a orientar o menor. Recorrendo a informações que lhe permittam julgar com acerto, indagando das suas origens, do seu procedimento e de outras circumstancias, o juiz ordenará a sua internação no asylo correccional ou conceder-lhe-á a liberdade provisoria.

Para proteger o menor ha ainda um delegado especial o *procetion officier*, cuja acção ardilica completa a do juiz.

O resultado pratico desses tribunaes é attestado pelas seguintes observações estatisticas: em Donver durante os quatro annos que se seguiram á installação do tribunal 95 o/o dos menores delinquentes foram entregues aos paes e postos em liberdade vigiada. Graças a essa medida, a proporção dos reincidentes abaixou de 50 o/o a 5 o/o.

Em Nova York ficaram vigiados no periodo de 1903 a 1905, 3.377 menores. Destes, 83 o/o conduziram-se perfeitamente; só 17 o/o tiveram de ser internados nas casas de correção.

Na Inglaterra observa-se tambem o mesmo phenomeno. Em 687 menores julgados pelo tribunal especial de Birmingham só 15 reincidiram. O mesmo resultado lisonjeiro tem sido, invariavelmente, obtido em todos os logares onde a experiençia tem sido tentada. Deante disto, e atendendo a outros factos, impõem-se as seguintes conclusões aos governos e aos especialistas:

I — A' especialização do juiz incumbido de julgar os jovens delinquentes, deve-se incontestavelmente o grande exito que alcançaram os tribunaes para menores, constatado por escriptores dignos de credito.

II. — A liberdade vigiada offrece ao menor e á propria sociedade vantagens mui superiores ao regimen das prisões de curto prazo, as quaes enervam as crianças, semeadas no seu coração germens de vicios repugnantes.

III. — E' conveniente aos interesses do Estado, auxiliar os patronatos para menores desamparados ou viciados, já subvencionando-os, já reconhecendo-os de utilidade publica.

IV. — E' necessario enfeixar nas mãos de um juiz capaz, attribuições que lhe permittam conhecer de todos os assumptos relativos aos menores da sua circumscripção, competindo-lhe fallar sobre os casos de

destituição ou suspensão do patrio poder, sobre o modo porque os tutores curam da pessoa e interesses dos seus pupillos, visitando com certa regularidade os asylos e reformatórios que recolhem menores, impondo penas aos commerciantes que venderem alcool, tabaco e fumo, aos menores e aos emprezarios que lhes franquearem os clubs de jogo e de outras diversões prohibidas e aos pais negligentes que se descurarem das suas obrigações. — (Alfredo Balthasar da Silveira. — *Jornal do Commercio, Rio*).

O ENSINO TECHNICO EM FRANÇA

Em França vai-se delineando um grande movimento em favor da instrucção technica, concretisando-se desde já em propostas de leis como a que foi recentemente apresentada pelo senador Astier.

Antes da guerra, contavam-se em França novecentos mil rapazes e raparigas empregadas no commerçio e nas industrias, e menos de cem mil adquiriram os conhecimentos technicos dos seus misteres. Na Alemanha, entretanto, desde 1892 vinham sendo instruidos nas escolas e nas casas de aperfeiçoamento, mais de quatrocentos mil rapazes e raparigas, — e esse numero tem crescido sempre, de anno para anno.

Justificando a sua proposta de lei sobre o ensino technico, o senador francez Astier mostra que a diffusão do ensino technico é uma causa essencial da prosperidade da nação. Propõe-se elle organizar systematicamente em França a instrucção technica, podendo resumir-se em poucas linhas a sua proposta de lei. O artigo primeiro é relativo ás disposições geraes e contém, antes de tudo, a disposição do ensino technico, o qual tem por escopo, sem prejuizo de um complemento de instrucção geral, o estudo theorico e pratico das sciencias e das artes ou officios com relação á industria e ao commerçio. O artigo 2.^o diz respeito

ás autoridades do ensino technico: conselho superior, inspectores, "comité" departamental, "comités" locaes. O artigo 3.^o refere-se ás escolas publicas e trata da sua fundação e administração. Esse artigo prevê igualmente a creaçao da escola de artes e officios pela camara do commercio e associações profissionaes, com o concurso do Estado, escolas essas que deverão dar um ensino completo de todos os officios aos jovens aprendizes. O artigo 4.^o determina o regimen das escolas privadas commerciaes e industriaes, determinando as condições da abertura das escolas e as sancções de vigilancia. Finalmente o artigo 5.^o crea para os jovens de menos de dezoito annos, empregados no commercio e nas industrias, ou com contracto escrito ou sem contracto — cursos profissionaes ou de aperfeiçoamento, gratuitos e obrigatorios.

Mediante o parecer do conselho departamental, o ministro deve designar as communas a que são necessarios taes cursos, instituindo uma commissão local profissional que adapte os programmas e o funcionamento da escola ás profissões da localidade. As despesas da manutenção e creaçao consideram-se despesas obrigatorias da Communa, não podendo o Estado contribuir com uma subvençao maior do que a metade de ditas despesas. As lições devem ter lugar durante o dia legal de trabalho á razão de quatro horas por semana e de cem horas por anno, no minimo, e de oito horas por semana, e duzentas horas por anno, no maximo. Aos chefes dos estabelecimentos incumbem tres obrigações: dar aos seus jovens operarios e empregados o tempo necessário; verificar a assiduidade delles ao curso; declarar á Communa, nos oito dias do inicio do estudo, os nomes e cognomes, e todos os dados necessarios, ácerca dos rapazes e raparigas que entrarem para a escola. O chefe do estabelecimento pode ainda organizar taes cursos no interior de suas officinas ou de sua casa de commercio.

Depois de tres annos de instrucção technica, os alumnos poderão concorrer á obtenção do certificado de pregaro profissional. São estas as disposições principaes do projecção de lei que o senado franez vai discutir em breve.

PSYCHOLOGIA

SUPERSTIÇÕES IRLANDEZAS

A Irlanda é uma terra muito supersticosa. Ainda hoje, em pleno seculo XX correm pelo seu povo muitas lendas cujas origens se perdem na noite dos tempos. Para os camponeses irlandezes, as fadas continuam a fazer bailados nas noites de luar, como sucedia ha trinta seculos. O apito da locomotiva e a fumaça das usinas não conseguiram ainda desvanecer os phantasmas que annunciam a morte dos descendentes das familias nobres. Na Irlanda, é crença que, quando está para morrer um membro da nobre familia dos viscondes de Gormanstovn, em torno do castello por ella possuido se reunem numerosas raposas — não animaes espectraes, mas raposas em carne e ossos. Essa crença data de muitos seculos, e as suas origens são envoltas em mysterio. Em vista dos varios factos que se citam, pode-se dizer que ella tem algum fundamento.

No condado de Limerick são famosas as chamadas luzes dos Scanlan. Os Scanlan de Balliyknokane são uma familia irlandesa muito antiga, descendente dos reis de Ossory. Diz-se que a morte dos seus membros é anunciada pela apparição de estranhas manifestações luminescens. O actual chefe da casa, teve occasião de vel-as uma vez, poucas horas antes da morte de um parente.

Muitas lendas populares referem-se a um phantasma chamado Aibhill que apparece em Craglea, perto de Killaloe. Acredita-se que, antes da batalha de Clontarf (1014) esse phantasma tenha aparecido ao rei guerreiro Brian Boru (cheife da fa-

milia O' Brien), e lhe tenha predito a morte, que realmente sucedeua, doze horas depois. Nos tempos antigos, o phantasma fazia-se ver sempre daquelles a quem se manifestava. Agora, porém, faz-se ouvir sómente. Geralmente, manifesta a sua presença com gemidos.

Ha ainda na Irlanda outras cren- dices. A dos carros-phantasmas por exemplo. Varias pessoas afirmam ter visto rodar velozmente um grande carro tirado por animaes, isso por noite de luar ou noite escura.

Os cães phantasmas tambem têm papel importante nas superstiçãoes da Irlanda. Como exemplo, podem-se citar os cães-espectros do castello de Doneiraile, no condado de Cork, os quaes têm sido vistos e ouvidos por varias pessoas. Um certo dr. Hornibrook, de Limerick conta que, uma noite, elle e o filho, depois de terem examinado cuidadosamente se todas as portas do parque se achavam bem fechadas, voltavam para o castello quando, improviso- mente ouviram o ulular de uma malta de cães, avançando rapidamente em torno do castello. Os dois homens esconderam-se. Sabiam muito bem que no parque, bem fechado por altos muros, não podia haver cães. E eis que avança um grupo de grandes cães de caça, seguidos de um caçador montado sobre um grande cavallo negro. Os animaes passaram tão proximos aos dois Hornibrook que estes puderam ouvir o seu resfolegar. Depois, atravessaram o prado n'uma corrida desesperada, e desapareceram. Segundo a lenda, muito conhecida nos arredores, o cavalleiro seria o terceiro visconde de Doneraile.

Ha alguns annos, o prof. Barret, que é estudioso do occultismo, fez um inquerito pessoal sobre alguns desses mysteriosos phenomenos que, segundo as crenças populares, se verificam na Irlanda.

Os resultados desse inquerito fo- ram comunicados á Sociedade de Investigações Psychicas de Londres. Declarou o prof. Barret que não se pode duvidar da realidade dos phe-

nomenos que haviam formado ob- jecto do seu inquerito. E concluia affirmando que "a crença, diffundida na Irlanda, sobre a existencia de fadas, gnomos, phantasmas, etc. é baseada provavelmente sobre va- rias manifestações de um certo nu- mero de "poltergeists". Com este nome os occultistas designam uma entidade invisivel que revela a sua presença por meio de rumores, pon- do em movimento objectos e pregan- do varias peças aos seres humanos. Segundo o prof. Barret taes mani- festações são muito communs na Ir- landa e formam a base de muitas das superstiçãoes diffundidas entre as populações daquelle ilha. — (Re- ginald B. Span. — *Chambers's Jour- nal*).

VARIEDADES

O MESTRE DE PADEREWSKY

Ha alguns annos, quando se des- cobriu na California uma pequena pianista-prodigio, e pediram a Pa- derewsky que a escutasse — elle respondeu: "Deveis conduzil-a a meu pai."

O grande pianista alludia assim a Theodor Leschetizky, de quem se considerou sempre filho em arte.

A grande arvore já tombou, mas existem ainda no mundo numerosos rebentos della, que prolongam a sua lembrança entre os homens. O famoso mestre, morto a 17 de novembro em Dresden, teve, effectivamente, numerosos discípulos, centenas e centenas, não só na Europa como ainda na America. O mais celebre de todos é Paderewsky — e é por isto que a homenagem delle é a mais preciosa. Paderewsky conheceu Les- chetizky em 1885. Até então, Pade- rewsky havia dedicado as suas ener- gias principalmente á composição. Como, porém, ninguem executava as suas musicas, decidiu tornar-se pia- nista para dar a conhecer ao publi- co as suas composições. Dirigiu-se pois, a Leschetizky para ter delle algumas lições. O mestre conhecia-o

já de nome, e conhecia tambem as suas obras. Fêl-o tocar alguma coisa e logo se mostrou entusiasmado. Quando, porém, o joven autor lhe declarou a sua intenção de tornar-se concertista, o entusiasmo do mestre dissipou-se: é que não esperava que Paderewsky pudesse ter bom exito na nova carreira, visto como já tinha vinte e cinco annos, edade que considerava tardia para começar a tocar em publico. Não obstante, consentiu em dar-lhe lições, umas nove ou dez. "Nunca se mostrou muito animador nesta primeira phase — conta Paderevsky — e não creio que nutrisse grandes esperanças de sucesso. Depois de algum tempo, fui obrigado a deixal-o. Achava-me em pessimas condições financeiras, precisava pensar em ganhar a vida de qualquer modo, e não podia dar-me ao luxo de continuar com as lições. O proprio Leschetizky recommendou-me para o logar de professor do piano e composição no Conservatorio de Strasburgo, onde fiquei durante anno e meio. Nesse lapso de tempo, tive de tocar em publico algumas vezes — e o succes-

so de taes provas me persuadia cada vez mais de que podia vir a ser um concertista. Depois, voltei ás lições de Leschetizky, por alguns mezes. Obtive, em seguida, varios successos brilhantes em Vienna e Paris; mas, vendo que o meu repertorio não era bastante vasto, tornei a Leschetizky, estudando com elle durante alguns mezes ainda. Isso foi em 1887. Depois, não tomei mais lições."

Leschetizky tinha um verdadeiro culto pela arte, que antepunha a toda idéa de interesse. Nunca recusou lições a estudantes que a mereciam, mesmo que não pudessem pagar-lhe. Poderia ter sido rico, mas preferiu ser generoso.

Teria podido, affirma Paderevsky, tornar-se um grandissimo concertista, mas preferiu ensinar sómente, e formar concertistas. Entre os mestres, Leschetizky vem logo depois de Czerny, de quem foi discípulo. E pode-se bem dizer que com a sua escola exerceu grande influencia sobre a arte do piano, em todo o mundo.

"REVISTA DO BRASIL"

Com o presente numero a "Revista do Brasil" inicia o seu segundo volume. Acolhida favoravelmente, e mesmo com entusiasmo, pelo publico brasileiro, a Revista grangeou logo numerosos assignantes e tem já uma bôa venda avulsa, de sorte que se pôde considerar definitivamente firmada. Não obstante, as suas diffi- culdades de publicação são enormes — por causa da crise excepcional que atravessamos. A crise affecta sobre-tudo o papel importado, cujo preço subiu incalculavelmente. A "Revista do Brasil" manterá, apesar disso, enquanto lhe fôr possivel, o mesmo aspecto com que se iniciou.

São directores da "Revista do Brasil" os srs.: dr. Luiz Pereira Barreto, dr. Julio Mesquita e dr. Alfredo Pujol. Redactor-chefe, dr. Plinio Barreto; Secretario-gerente, dr. J. M. Pinheiro Junior.

A "Revista do Brasil" é lançada por uma sociedade anonyma constituída em S. Paulo com a seguinte directoria: dr. Ricardo Severo, presidente; dr. Mario Pinto Serva, vice-presidente; dr. Luiz Wanderley, secretario. Conselho fiscal: dr. Oscar Thompson, dr. Ruy de Paula Souza, dr. Armando Prado. Accionistas: dr. Alfredo Pujol, dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, dr. Adolpho Augusto Pinto, dr. Armando de Salles Oliveira,

Amadeu Amaral, dr. Alarico Silveira, dr. Anthero Bloem, dr. Abrahão Ribeiro, dr. Armando Prado, Arnaldo Simões Pinto, dr. Augusto de Toledo, Arthur de Cerqueira Mendes, dr. Antenor Liberato de Macedo, dr. Alberto Seabra, Adalgiso Pereira da Silva, dr. Antonio Piccarolo, dr. J. Ayres Netto, Benjamin Victor de Mendonça, Carlos de Carvalho, dr. Florivaldo Linhares, Gelasio Pimenta, Heraclito Viotti, dr. Heitor de Moraes, dr. Julio C. F. de Mesquita, Julio de Mesquita Filho, dr. José Martins Pinheiro Junior, dr. José Gonçalves, dr. J. P. da Veiga Miranda, dr. Jeronymo Rangel Moreira, dr. Jacomo Define, dr. Leonidas Barreto, Luiz Fonceca, Luiz de S. Gomes Carneiro, dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, dr. Luiz Pinto Serva, dr. Luiz Wanderley, dr. Mario

Pinto Serva, dr. Mario de Barros, dr. Manoel de Azevedo, Moysés de Oliveira Horta, dr. Mario Cardim, Manoel Rodrigues de Leiroz, dr. Manoel Carlos de F. Ferraz, Nestor Rangel Pestana, Numa de Oliveira, dr. Olympio Portugal, dr. Oscar Thompson, dr. Octavio Augusto Inglez de Souza, dr. Octavio Mendes, dr. Pedro Lessa, dr. Plinio Barreto, dr. P. A. Gomes Cardim, dr. Ricardo Severo, dr. Ricardo Gonçalves, dr. Ruy de Paula Souza, Ricardo Figueiredo, dr. Rogerio Fajardo, dr. Roberto Moreira, dr. Raul de Sá Pinto, dr. Sebastião Soares de Faria, dr. Sylvio de Andrade Maia, dr. Synesio Rangel Pestana, dr. Thomaz Catunda, dr. Victor da Silva Freire, dr. Valdomiro Silveira, dr. Virgilio do Nasimento.

EDIÇÃO DA NOITE DO
“ESTADO DE S. PAULO”

Jornal moderno, de formato commodo,
publicando oito paginas diariamente
Insere telegrammas de ultima hora

ASSIGNATURAS - Anno 15\$000
6 meses . . 8\$000

Para annuncios:

Pedro Didier

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

Valentim A. Harris & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45

Amadeu Amaral, dr. Alarico Silveira, dr. Anthero Bloem, dr. Abrahão Ribeiro, dr. Armando Prado, Arnaldo Simões Pinto, dr. Augusto de Toledo, Arthur de Cerqueira Mendes, dr. Antenor Liberato de Macedo, dr. Alberto Seabra, Adalgiso Pereira da Silva, dr. Antonio Piccarolo, dr. J. Ayres Netto, Benjamin Victor de Mendonça, Carlos de Carvalho, dr. Florivaldo Linhares, Gelasio Pimenta, Heraclito Viotti, dr. Heitor de Moraes, dr. Julio C. F. de Mesquita, Julio de Mesquita Filho, dr. José Martins Pinheiro Junior, dr. José Gonçalves, dr. J. P. da Veiga Miranda, dr. Jeronymo Rangel Moreira, dr. Jacomo Define, dr. Leonidas Barreto, Luiz Fonceca, Luiz de S. Gomes Carneiro, dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, dr. Luiz Pinto Serva, dr. Luiz Wanderley, dr. Mario

Pinto Serva, dr. Mario de Barros, dr. Manoel de Azevedo, Moysés de Oliveira Horta, dr. Mario Cardim, Manoel Rodrigues de Leiroz, dr. Manoel Carlos de F. Ferraz, Nestor Rangel Pestana, Numa de Oliveira, dr. Olympio Portugal, dr. Oscar Thompson, dr. Octavio Augusto Inglez de Souza, dr. Octavio Mendes, dr. Pedro Lessa, dr. Plinio Barreto, dr. P. A. Gomes Cardim, dr. Ricardo Severo, dr. Ricardo Gonçalves, dr. Ruy de Paula Souza, Ricardo Figueiredo, dr. Rogerio Fajardo, dr. Roberto Moreira, dr. Raul de Sá Pinto, dr. Sebastião Soares de Faria, dr. Sylvio de Andrade Maia, dr. Synesio Rangel Pestana, dr. Thomaz Catunda, dr. Victor da Silva Freire, dr. Valdomiro Silveira, dr. Virgilio do Nascimento.

EDIÇÃO DA NOITE DO
“ESTADO DE S. PAULO”



Jornal moderno, de formato commodo,
publicando oito paginas diariamente
Insere telegrammas de ultima hora

ASSIGNATURAS - Anno 15\$000

6 mezes . . 8\$000

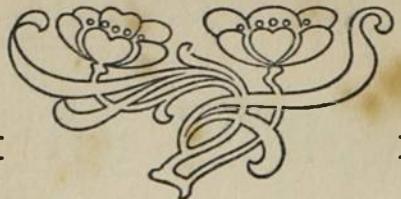
Para annuncios:

Pedro Didier

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

Valentim A. Harris & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45



Os Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia

SÃO PUBLICADOS MENSALMENTE

Cada numero contem 24 a 32 paginas de texto
AS ASSIGNATURAS PARTEM de JANEIRO ou JULHO e são sempre annuaes

Assignaturas : 15\$000

ANNO Para estudantes Rua de São Bento N. 41
— Assignatura annual: 10\$ (Sobrado)
Num. avulso: 1\$500 S. PAULO — BRASIL

Os autores de artigos originaes tem direito, quando o sollicitando, a cincuenta separados do seu trabalho.

Toda a correspondencia sobre assignaturas, annuncios nacionaes etc., deverá ser endereçada ao Redactor Secretario Dr. AYRES NETTO. Rua Quintino Bocayuva, 4

Toda a correspondencia do Extrangeiro, artigos originaes ou outros, deverá ser dirigida ao Redactor Secretario Dr. REZENDE PUECH. Rua S. Bento, 41

A redacção dará noticia e analyse, nas columnas do jornal, de todos os livros e trabalhos que lhe forem remettidos.

La Redaction annoncera et analysera les livres ou ouvrages dont un exemplaire lui sera envoyé.

Para annuncios nacionaes, tratar com a Redacção ou seus agentes autorisados.

**Pour la publicité européenne, s'adresser à Mr. E. THIOLIER - 54,
Rue JACOB, PARIS, Régie Exclusive des Journaux de Médecine.**



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e comercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA—Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Traves-sa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e com-mercial á rua Direita, 43, sobra-do, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WAL-DEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.^o andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SAN-TOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-RA — Das Universidades de Ge-nebra e Munich. Ex-chefe de clí-nica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hos-pitales de Berna e Genebra. — Rua Libero Badaró, 181. Teleph. 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PES-TANA — Medico do Asylo de Ex-postos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. — Resid.: Rua da Con-solação, 62. — Consultorio: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethritis chro-nicas, pelos methodos mais aper-feiçoados. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Teleph. 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TI-TULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GA-BRIEL MALHANO — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escritorio: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: Rua Albuquerque Lins, 58. Telephone 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua S. Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apólices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc. — Rua S. Bento, 57 (baixos).

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e comissões em geral — Agentes de companhias de seguros. — **Santos**: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — **Rio**: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. 881. — **S. Paulo**: Rua Boa Vista, Telegrammas: "Belli".

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA — **Donato Plastino** — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.^o andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação. Artigos para escritorio, pintura, deseňho e engenharia. Utensilios para typographia, encadernação, pautação e este-reotypia. — Telephone 792 — Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras — Variado sortimento de malas de couro, lona e zinco — Malas para cabina, de mão e bolsinhas. — Saccos de roupa suja, cadeiras e mais artigos de viagem. — Officina para concertos. — **Domingos Macigrande**. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cauetelas de casas de penhores e do Monte de Soccorro de S. Paulo — **A CASA MARCELLINO**, compra e paga bem. — Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

PREPARATORIOS

CORPO DOCENTE:

Professor LUIZ BASILE

Professor A. FERREIRA DAS NEVES

Professor J. CURCIO PALMIERI

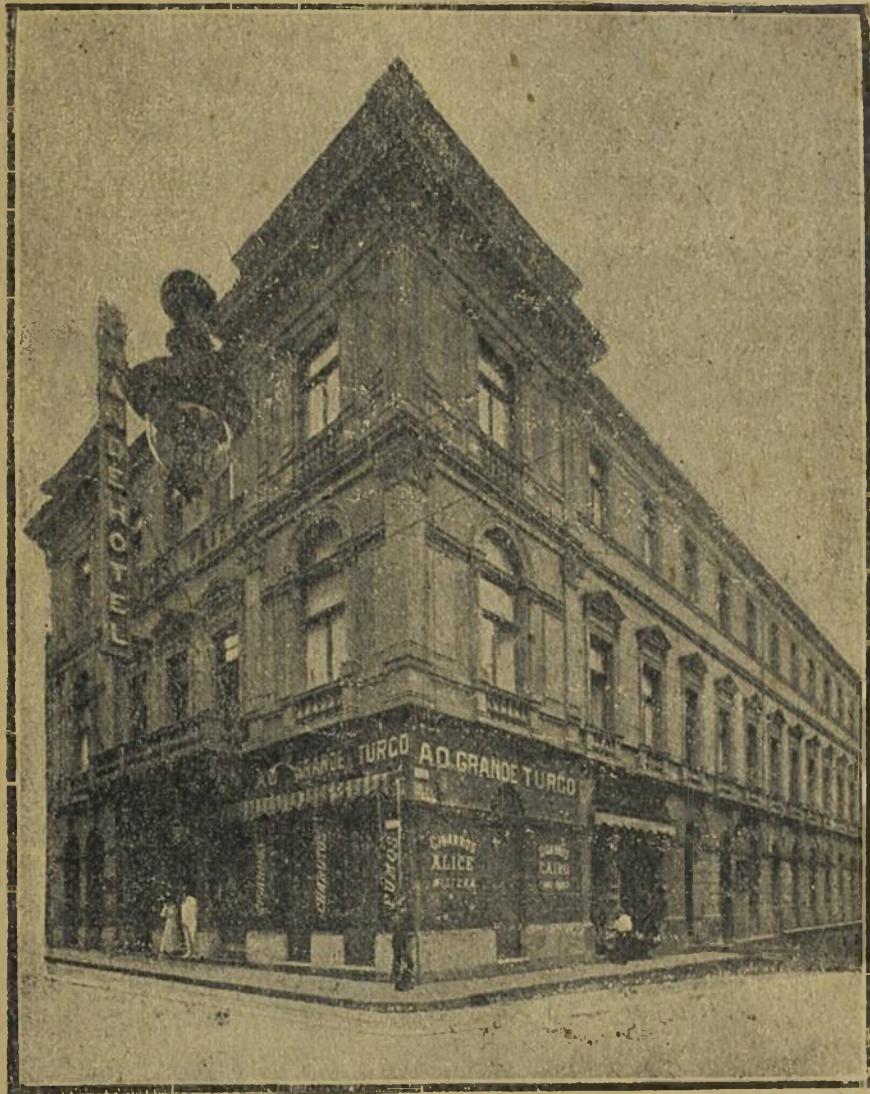
Dr. J. C. FAIRBANKS, Engenheiro Civil

RUA DO SEMINARIO, 13

SÃO PAULO

Para admissão á Faculdade de Medicina, á Academia de Direito, á Escola Polytechnica, de Pharmacia, de Odontologia, de Obstetricia, de Commercio, á Escola Normal Primaria e Secundaria.

GRANDE HOTEL



O hotel mais antigo e acreditado do centro da cidade
APOSENTOS VASTOS E LUXUOSOS

Ordem e moralidade absolutas - Serviço irrehrensivel —

Rua de S. Bento N. 49

Caixa Postal N. 49
Telephone N. 834

SÃO PAULO

Grande Fabrica de Bilhares TACO de OURO :: JANUARIO PIRILLO

Importação e exportação de artigos para bilhares - Tornearia. Tapeçaria e Moveis
Pintam-se pannos para todos os jogos, sendo todas as encommendas, tanto da Capital como do
Interior executadas com a maior presteza

TORNEIAM-SE BOLAS COM PERFEIÇÃO

Jogos de bolas, tabellas de borracha de diversas qualidades, pannos, sollaras, marfins, giz branco e azul, tacos de varios feitos, escovas, cõa especial em vidros, tintas para tingir bolas, etc., etc., sendo todos os artigos de primeira qualidade.

Artigos para todos os jogos, como sejam : Roletas, tableau de roletas, tableau de baccarat,
mesas para jogos carteados, fichas, bolinhas para roletas

Largo General Osorio, 29 :: S. PAULO :: Telephone, 3799

CASA DUCHEN Grandes Armazens de Alimentação =

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

Em Quartolas e por duzias. :: Grande Variedade em

LICORES FINISSIMOS
Nacionaes e estrangeiros ::

Não deixem de comprar uma **Lamparina Ideal**
Ultima novidade: pratica, economica e hygienica :: ::

RUA DE SÃO BENTO, 76

Telephone, 429

Café Academico

*Café e Bar completo
Casa de 1.a ordem ::*

Telephone, 1336

Bernardino José Borges

Rua Direita, 53

S. PAULO

Grande Fabrica de COFRES e Officina Mechanica

Premiada com Grand Prix nas Exposições : Nacional, 1908 — Milano, 1912 e 1913 — Gran Premio — Minas de Ouro

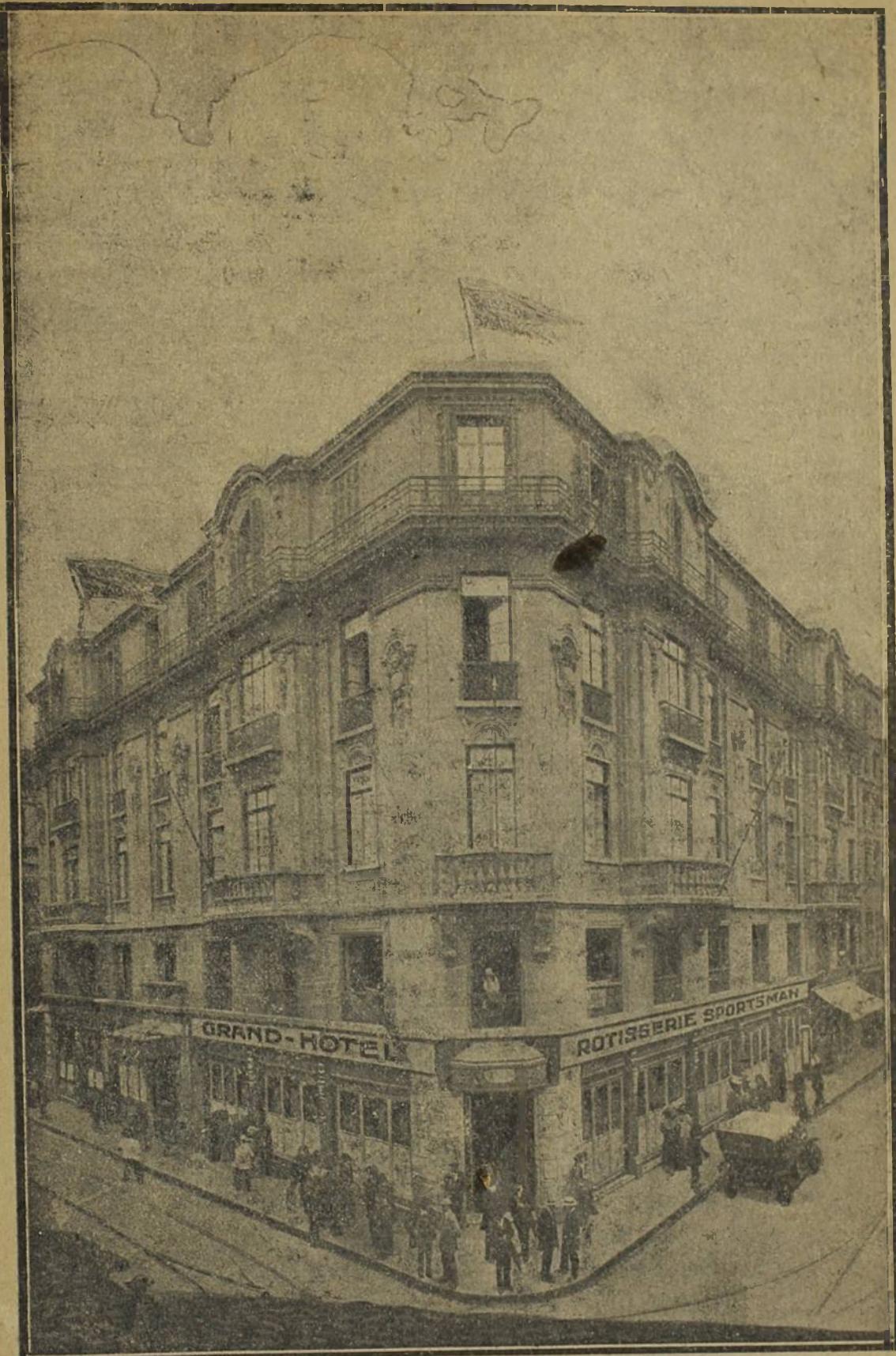
VITTORIO GARIBALDI

Patente privilegiada N. 5222

Fazem-se chaves difficeis e qualquer trabalho pertencente a esta arte

Travessa do Seminario, 10 - 12 :: Telephone, 2412

SÃO PAULO



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 - Telephone, 2795 - Caixa Postal, 571 - SÃO PAULO

F. BULCÃO & C.

CASA MATRIZ:

RIO DE JANEIRO - Avenida Rio Branco N. 20

CASA FILIAL:

S. PAULO - Rua Florencio de Abreu N. 58

OFFICINAS:

Jundiahy

Fabricantes e importadores de Machinas para Industrias e Lavoura

ESPECIALIDADES DA NOSSA FABRICAÇÃO:

Machinas completas para café, canna, mandioca, arroz, milho, madeiras, torradores de café de diversas capacidades

Além das machinas de beneficiar café, fabricamos tambem machinismos para capacidade de 300 até mil arrobas de café beneficiado por dia. -- Tendo os srs. agricultores reconhecido a superioridade de nossas machinas separadas ou conjugadas de beneficiar café e outras sobre as demais combinações que por ahi apareceram, excusado será recommendarmos aos srs. interessados os machinismos de nossos vastos ramos industriaes e commerciaes. :-:-

F. Bulcão & C.-Casa Arens

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operaçoes bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem ocupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

Industrias de Esmaltação

ENAMEL
INDUSTRIES

FABRICA DE FERRO ESMALTADO E FUNDIÇÃO

Placas esmaltadas, Numeros, Letreiros, Fogões
economicos esmaltados, Caixas de descarga,
Latas frigorificas

M. Boeris & Comp.

BREVEMENTE:
Fabricação de ferro Fundido
Esmaltado, Artigos Sanitarios
etc.

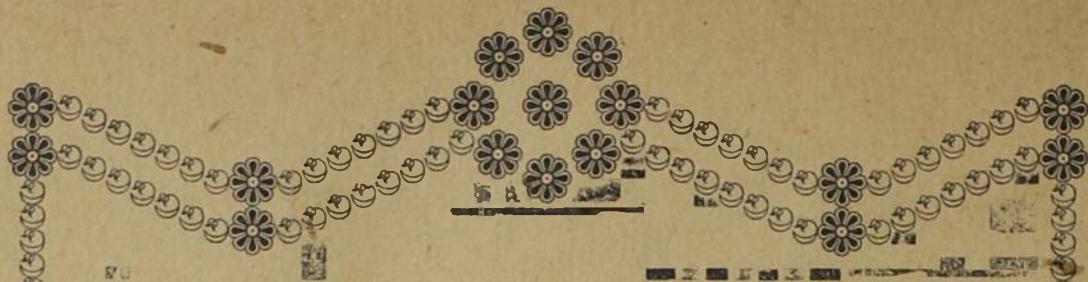
Unicos Fornecedores da Prefeitura
Municipal da Capital do Estado

Telephone N. 4794

Caixa N. 903

Loja e Escriptorio:

Rua Florencio de Abreu, 6-A - S. PAULO



Grande Loteria de S. Paulo

em 28 de Junho

200 CONTOS

em tres grandes premios

100:000\$000
50:000\$000 — 50:000\$000

Os bilhetes já estão á venda em todas as casas
deste negocio.

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Juizes, promotores e delegados de polícia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro Alto das Perdizes em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560



WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg.: "ANGLICUS"
SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANCE" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Uhher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFEL'S Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella

Affaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

CASA EDITORA ITALIANA

Dr. Francisco Vallardi

MILANO

Filial de S. PAULO - Rua José Bonifacio, 34

Caixa, 582 - Telephone, 3679

OBRAS DE MEDICINA - DIREITO - VETERINARIA - ENGENHARIA
LITERATURA, ETC.

REVISTAS DE DIREITO - MEDICINA - LITERATURA

BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escócia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO

A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA



“WHITE LABEL” and “PERRIER”
AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H.E.BOTT & Co.

CASA RAMOS

Especialidade em Casemiras Inglezas e Francezas

GRANDE ALFAIATARIA

S. RAMOS & COMP.

Confecção a capricho e pelos ultimos figurinos

Telephone, 2165

Caixa, 171

RUA DO THESOURO, 7

SÃO PAULO

"REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA"

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Marítimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

Redacção: **RUA DIREITA, 27 (1.º andar) - S. PAULO** -- Officinas: **RUA DR. ABANCHES, 43**

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908

GRANDE MARMORARIA DE

Serafino Francesconi

IMPORTAÇÃO DIRECTA de Marmores, Estatuas, Vasos, Cruzes, etc.

A promptam-se com brevidade quaesquer trabalhos como sejam

Monumentos para Cemiterios, Altares, Escadas

e qualquer outro serviço concernente a este ramo de negocio

Preços rasoaveis

Rua Aurora N. 59

:::

SÃO PAULO

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão, etc.

**Fios de Juta simples ou torcidos
de qualquer grossura** ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular
Ribeiro
A. B. C. 4.^a e 5.^a edição
A. I.

■ ■

SÃO PAULO

■ ■

Joaillerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão 1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908 —

G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

ALFAIATARIA SÁ PEREIRA

— de —

A. R. Bastos

MODAS E CONFECÇÕES PARA HOMENS

Telephone, 4295)

RUA DE S. BENTO, 12-B (sobrado) - SÃO PAULO

(Proximo aos Quatro Cantos)

Sportsman Salão de Engraxates e Tabacaria

TRAVESSA DO COMMERCIO, 12

Presentemente é o melhor Salão de engraxates que existe em S. Paulo

Casa de primeira ordem onde os digníssimos freguezes encontram: ordem, limpeza, hygiene e conforto e está em condições de servir bem o freguez por mais exigente que seja e para isto tem pessoal competente na arte, e emprega material de primeira ordem no serviço.

O mesmo salão tem Tabacaria onde se encontra uma exposição permanente de CHARUTOS e CIGARRROS das melhores marcas. — O proprietário toma a liberdade de convidar-vos para uma visita ao mesmo para verificarem a verdade.

Desde já muito agradece.

ALVARO F. BURGOS

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

46220

SUMMARIOS DA REVISTA

N. 1 — 25 de janeiro de 1916

REDACÇÃO	Revista do Brasil.
PEDRO LESSA, da Academia Brasileira	O preconceito das reformas constitucionais.
ADOLPHO PINTO.	O centenario da Independencia.
L. P. BARRETO	O ultimo passo da cirurgia.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	O elogio da mediocridade.
VALDOMIRO SILVEIRA	Desespero de amor.
JOSÉ VERRISSIMO, da Acad. Brasileira.	O modernismo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — O código Civil Brasileiro, *P. B.* — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e escultura, *P.* — *Revistas e Jornais*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituições das repúblicas do hemisfério occidental. — A alimentação das crianças nas escolas. — Guerra ao álcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organizador da «triplice-entente». — As mulheres japonezas e a política. — Aphorismos. — As mentiras da «réclame», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automóveis amphibios. — A acústica das salas. — As cidades-jardins, *X*. — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

N. 2 — 25 de fevereiro de 1916

MARIO DE ALENCAR, da Acad. Bras.	José Verissimo.
CARLOS DE CARVALHO.	Economia e finanças de S. Paulo.
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo.
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas.
VEIGA MIRANDA.	O Margarida (novella).
ARMANDO PRADO	Francisco Adolpho de Varnhagen.
E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geográfico Brasileiro	Um informante do Imperador Pedro II.
FLORIVALDO LINHARES	O "apriori" na teoria criticista.
PLINIO BARRETO	Eduardo Prado e seus amigos (cartas inéditas).

RESENHA DO MEZ — Monólogo, *Yorick*. — José Verissimo. — A «Atlântida», *R. S.* — Nacionalização da arte, *R.* — Pintura, *N.* — Musica, *F.* — *Bibliographia*: — O Barão de Paranápiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embajada brasileira em Portugal — As origens e o princípio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitários — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, *L.* — As propriedades terapêuticas do sapo — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

N. 3 — 25 de março de 1916

AUGUSTO DE LIMA, da Acad. Brasileira	Affonso Arinos.
AURELIO PIRES	Recordando . . .
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo (com ilustrações).
MARIO PINTO SERVA.	A organização do meio circulante.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	A palmeira e o raio.
MONTEIRO LOBATO	A vingança da peroba.
OCTAVIO AUGUSTO	Nos domínios de Beethoven.
VICTOR DA SILVA FREIRE	1815-1915.

RESENHA DO MEZ — Monólogos, *Yorick* — Affonso Arinos, *Redacção* — Affonso Arinos (soneto), *Arduino Bolívar* — As Academias de Portugal, *R. S.* — Eduardo Prado, *P.* — Pintura, *N.* — Musica, *F.* — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do Norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na América — As mutuas escolares na Itália — Consequências da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o sistema nervoso — Os metais da guerra — Os diários de Tolstoi — Goethe nas trincheiras. — As caricaturas do mez (três caricaturas reproduzidas). — Retratos: Affonso Arinos e Lucílio de Albuquerque, por Wasth Rodrigues. — Gravuras fora do texto: «Mãe preta», quadro de Lucílio de Albuquerque. — Fazendas do Estado de S. Paulo (oito gravuras).

N. 4 — 25 de abril de 1916

ANTONIO PRADO	O "stock" bovino e a exportação da carne.
CARLOS DE CARVALHO.	Operações de cambio.
HELIO LOBO, do Instituto Hist. e Geográfico Brasileiro	Sós na América.
JACOMINO DEFINE	Lendas e mythos.
MEDEIROS E ALBUQUERQUE, da Ac. Brasileira.	O meu amigo D. Juan.
JULIO CESAR DA SILVA.	Poesias.
A. CARNEIRO LEÃO	Littérature brésilienne.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéias.

RESENHA DO MEZ — Monólogos, *Yorick* — As promessas do escotismo, *R. M.* — Arthur Orlando — Padre Julio Maria — Francisco Glycerio — Caricatura e pintura, *F.* — Varnhagen e a sua obra — Brasil Histórico — Crédito Agrícola — Transformações do captivério — O «tumulo da natureza» — O fim do mundo — Os microbios e a temperatura — Como se tem julgado a dança. — As caricaturas do mez (quatro caricaturas reproduzidas). — Retratos: Voltolino, Arthur Orlando, padre Julio Maria e Francisco Glycerio, por Wasth Rodrigues.

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

ARROZ

ASSUCAR

MANDIOCA

MILHO

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor. Rodas de agua,
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias
Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se à
Rua Alvares Penteado N. 14
SÃO PAULO